



**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
LINHA DE PESQUISA: SUBJETIVIDADE, POLÍTICA E EXCLUSÃO SOCIAL**

JULIANA PIRES CECCHETTI VAZ

**A alegria como uma trincheira:
fragmentos carnavalescos de uma cidade em disputa**

**Niterói
Fevereiro 2021**

JULIANA PIRES CECCHETTI VAZ

**A alegria como uma trincheira:
fragmentos carnavalescos de uma cidade em disputa**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Estudos da Subjetividade. Linha de pesquisa: subjetividade, política e exclusão social.

Orientador: Prof. Dr. Danichi Hausen Mizoguchi

**Niterói
Fevereiro 2021**

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

V393a Vaz, Juliana Pires Cecchetti
A alegria como uma trincheira : fragmentos carnavalescos de
uma cidade em disputa / Juliana Pires Cecchetti Vaz ; Danichi
Hausen Mizoguchi, orientador. Niterói, 2021.
117 f.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Niterói, 2021.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGP.2021.m.41820661890>

1. Cidade. 2. Experiência. 3. Alegria. 4. Carnaval. 5.
Produção intelectual. I. Mizoguchi, Danichi Hausen,
orientador. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de
Psicologia. III. Título.

CDD -

JULIANA PIRES CECCHETTI VAZ

A alegria como uma trincheira: fragmentos carnavalescos de uma cidade em disputa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Estudos da Subjetividade. Linha de pesquisa: subjetividade, política e exclusão social.

Orientador: Prof. Dr. Danichi Hausen Mizoguchi

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Danichi Hausen Mizoguchi (Orientador)
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Marcelo Santana Ferreira
Universidade Federal Fluminense

Prof^a. Dr^a. Cecília Maria Bouças Coimbra
Universidade Federal Fluminense

Prof^a. Dr^a. Heliana de Barros Conde Rodrigues
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

A Andréa e Domingos, por todo suporte, incentivo e amor. Por tanto que não cabe em palavra. E também à Fernanda, Felipe, Amanda, Maria Luiza, Andréa, Alexandre, Daniel, Pedro. Pelo amor, pelos momentos descanso, pela possibilidade de habitar a diferença.

Ao Gé, que estava aqui quando saiu o resultado do processo seletivo e desde então ficou. Obrigada. Pela parceria, pela presença sensível, pela escuta, pelos fragmentos lidos, pelas conversas, pelo aconchego, pelos carnavais.

À Tali, por estarmos juntas nessa, por cada troca, por toda a força. À Marianne, pelas cervejas, carnavais, risadas e danças com os braços para o alto. À Bárbara, Lara, Tamires, Natália, Juliana, por esse elo bonito a partir do qual nos identificamos, nos singularizamos e seguimos juntas nesses *dez anos* e além. Que alegria viver com vocês.

Ao Danichi, por entrar nessa onda comigo, pelos contornos e sopros de coragem. Pela presença generosa, cuidadosa e amiga. Por não deixar esquecer que a prova dos nove é sempre a alegria. A Mauro, Laís, Tainá, Lucas, Paula. Pela coletivização à vera dos processos, pelos encontros regados a café e cerveja. Por todo rigor e leveza com que tramamos nossas pesquisas e tecemos apostas de mundo.

À Gute, pela vontade de vida, de rua e de amizade, por estar junto.

À Carol, pela presença brilhante, pura bruxaria e carnaval.

A Thais, Fred, Lucas, Paloma, Fragozo (e Gé, Gute, Carol, Mari, Tali) - o bloco mais bonito da cidade! Por pesquisarem comigo, pela aposta séria na carnavalização da vida.

Ao Calvet, pela graça e beleza de cada encontro.

À Marina, pela certeza leve, pelos carnavais que virão. À Tati, pela infância à fantasia.

A Pedro, Marcelle, Julia, Dandara e Diogo, pela confiança e pelas intensas travessias.

Ao Marcelo, por ensinar e brindar com brilho nos olhos - alegria, alegria! À Cecília e Heliana, por toparem embarcar neste carnaval. Aos três, pela presença na banca, pelas leituras parceiras e considerações precisas, que tanto fortaleceram o trabalho.

Ao Edu, pelas intensas rodas de formação e de dança. Pela generosidade em ensinar, pelo rigor amoroso.

À Márcia, pelo despertar do interesse em pesquisar, em ficar com o problema.

À Adriana, por me ajudar a dar consistência aos movimentos do desejo. Por sempre me lembrar que há coisas a dizer.

Aos amigos que se fizeram presentes. Ao Niterói Sem Manicômios – NEMLA/RJ, coletivo de afeto e de luta. Aos grupos de estudo, espaços de troca e formação. Aos encontros alegres e embriagados pelos becos, bares e blocos. Aos que de algum modo atravessam,

tensionam e fortalecem esta pesquisa. Aos que lutam por uma cidade carnavalizada e um carnaval antifascista. Que em breve possamos nos encontrar, na rua.

À CAPES, pela bolsa de fomento concedida.

Aos que insistem na força da rua,
à força da rua que insiste em nós.

RESUMO

A presente dissertação se interessa pelas disputas da cidade no contemporâneo a partir de um atravessamento singular: o carnaval – e, mais especificamente, o carnaval de rua do Rio de Janeiro. Os diagnósticos do presente não são animadores: em um momento de vertiginosa ascensão de uma força que já não hesitamos em adjetivar como fascista, que opera a partir de uma mesma e velha política de morte que se institucionaliza, se atualiza e se intensifica; não raras vezes nos percebemos tomados por afetos tristes e pela sensação de impotência. Nada muito novo, tudo muito e cada vez mais absurdo. Na contramão do entristecimento, dos discursos de ódio e do flerte com a morte, o carnaval parece nos apontar saídas e possibilidades outras de se ocupar a cidade. No entanto, ao adentrar as intensas tramas da folia, estas forças não se dissolvem ou se ausentam, e a disputa ganha novos relevos: nem tudo no carnaval carnavaliza. Partimos, então, do plano da experiência - uma experiência experimentante não-experimental -, forjando uma metodologia ébria, singular e inconclusa pela qual percorremos blocos - de carnaval, de contração de problemas, de intensidades. Interessados pelas histórias menores e pelos gestos cuja direção ética é aquela que nos permite ser, pensar e agir diferentemente, indagamos: como no carnaval se presentificam as forças da cidade e as disputas do presente? Como no carnaval forjamos modos de *reexistir*?

Palavras-chave: cidade, experiência, alegria, carnaval, carnavalização.

ABSTRACT

The present dissertation is interested in the disputes of the city in the contemporary, starting from a singular crossing: the carnival - and, more specifically, the street carnival in Rio de Janeiro. The diagnoses of the present are not encouraging: in a moment of vertiginous rise of a force that we no longer hesitate to describe as fascist, which operates from the same old death policy that is being institutionalized, updated and intensified; not rarely we find ourselves caught by sad passions and a feeling of impotence. Nothing really new, everything excessive and increasingly absurd. Against the scenario of sadness, hate speech and death flirting, carnival seems to point us other possibilities to occupy the city. However, when entering the intense tangle of the revelry, these forces don't dissolve or absent themselves, and the dispute becomes more complex: not everything in carnival carnivalizes. Then, from an experience plan - a non-experimental experimentation experience -, we invent an inebriate, singular and unfinished methodology through which we walk around blocks - of carnival, of contraction of problems, of intensities. Interested in smaller stories and the gestures whose ethical direction is the one that allows us to be, think and act differently, we ask: how in carnival the city forces and the present disputes show themselves? How in carnival do we invent ways to *reexist*?

Key-words: city; experience; joy; carnival; carnavalization.

*Não se incomode / O que a gente pode, pode / O
que a gente não pode explodirá / A força é bruta
/ E a fonte da força é neutra / E de repente a gente
poderá.*

(Gilberto Gil, Realce)

*Vamos viver, vamos ver / Vamos ter, vamos ser /
Vamos desentender do que não / Carnavalizar a
vida, coração.*

(Caetano Veloso, Muitos Carnavais)

SUMÁRIO

ABRE ALAS	13
1 MEU BLOCO NA RUA	14
2 SE MEU CORPO É MEU, OU É DO CARNAVAL	21
2.1 Histórias para despertar	21
2.2 De outros carnavais	23
2.3 Preparando um corpo, costurando um método	26
2.4 Uma experiência experimentante não-experimental	29
2.5 Já é carnaval, cidade (Acorda para ver).....	32
2.6 Toda a cidade arde.....	35
3 SINAL FECHADO	41
3.1 Tem alguém assistindo?	41
3.2 Eu tô só vendo, sabendo, sentindo, escutando e não posso falar.....	44
3.3 E que me ofende, humilhando, pisando, pensando que eu vou aturar.....	48
3.4 E quem me vê apanhando da vida duvida que eu vá revidar	51
3.5 Eu vejo a barra do dia surgindo, pedindo pra gente cantar	52
3.6 Eu tenho tanta alegria, adiada, abafada, quem dera gritar	55
4 OCUPA CARNAVAL	59
Abertura do carnaval não-oficial do Rio de Janeiro	60
Calcinhas bélicas	70
Mulheres rodadas.....	75
Truque do desejo	78
Maracutaia	81

Bloco das poderosas	83
Cordão do boi tolo	86
Cordão do Prata Preta	89
Bloco secreto	91
Gigantes da lira	94
Cacique de Ramos	96
Agytoê	100
Me enterra na quarta	105
5 SIDERAÇÕES FINAIS (OU POR UMA ÉTICA DA CARNAVALIZAÇÃO)	108
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	112

ABRE ALAS

Era um carnaval silencioso. Não estávamos na rua, mas em uma grande casa de madeira, rodeada por uma mata fechada. Não sei bem como fomos parar ali. Sei que dentro da casa ficou quem era de carnaval, e do lado de fora, se embrenhando na mata, quem era da luta armada. Me perdi no meio dessa divisão - no momento de tomada de posição, me desorganizo. Quando me dou conta, fiquei, e o bloco já começava a andar. A rainha de bateria caminhava com uma leveza que escondia o peso dos seus adereços. Todos a seguiam, silenciosamente e em fila. Não havia música, riso, batuque. No máximo alguns sussurros. Angustiada, grito, pergunto o que está acontecendo. Shhh!!! Levam imediatamente as mãos à minha boca e a todo meu corpo, que se encolhe. Não podemos fazer barulho. Eles não podem saber. Eles quem? Porque não? - não pergunto. Entro no final da enorme fila e sigo a marcha, mais fúnebre que carnavalesca. Ainda assim, não parávamos de andar. Era como se não pudessemos parar. Não. Não podíamos.

E seguimos, então. No segundo andar, nos aproximamos de um corredor com janelas amplas, que deixam a luz do sol entrar. De longe já sinto um calor. Respiro fundo e ensaio um leve sorriso. Respiração interrompida, lábio cerrado - quando chego à janela, vejo do lado de fora um avião. Nos lançamos ao chão, puxando uns aos outros, nos encolhendo na pouca sombra que havia embaixo do parapeito. O avião aterrissa e faz a casa tremer. De um megafone, uma voz anuncia que fomos descobertos. No tempo de um arrepio, surge uma mulher percorrendo o corredor. Um rosto familiar - agora mais assustador do que antes. Lembro de tê-la visto nas telas, falando atrocidades antiquadas que outrora nos fizeram rir - meninos vestem azul, meninas vestem rosa; é a igreja, e não o governo que vai mudar a nação; estão ensinando bruxaria nas escolas. Do ridículo ao sinistro basta um piscar de olhos. Agora ela estava ali, ordenando que todos descessem ao gramado no qual pousou o avião, onde se posicionara uma fileira de homens cinzentos com armas em punho, o sol refletindo em seus capacetes.

A ordem é clara, e as pessoas que antes caminhavam juntas, enfileiradas e silenciosamente, correm em desespero desordenado. Sou arrastada pelo tumulto, até que no pé da escada algo me faz parar: uma menina, sentada no último degrau. De cabeça baixa, caderno e lápis na mão, ela contrasta com o caos. Escreve, enquanto corpos apressados passam por ela de raspão. Em meio à correria, permanece ali, atrapalhando o fluxo. Insubmissa, segue escrevendo. Não sei do conteúdo, mas o gesto é de recusa - se recusa a descer, a obedecer e levar a sério o cenário que se montou. A coragem dela me enche o peito - uma estranha alegria. Ao mesmo tempo, o estômago embrulha - morro de medo. Sigo o fluxo caótico? Ou posso, então, não descer? - no momento de tomada de posição, me desorganizo. Na mistura de alegria e medo, o corpo todo treme. Na iminência de ir ou ficar, acordo.

1 MEU BLOCO NA RUA¹

E assim o Loucura Suburbana inaugura o carnaval. Desvio um tanto da rota usual - Niterói, Centro do Rio, Zona Sul - e pego o trem para o Engenho de Dentro, Zona Norte do Rio de Janeiro: “esperei o ano inteiro pelo seu calor, que Loucura, meu amor”! A cada estação, um brinco, um brilho, um burburinho, uma camiseta denunciam o destino em comum de alguns, em meio a tantos trabalhadores que seguem seu fluxo rotineiro. Antecipando o calendário oficial dos festejos de Momo, o bloco transforma uma quinta-feira ordinária no que muitos não hesitam em afirmar ser o mais bonito dos carnavais.

O aquecimento começa em um improvável cenário - o interior de um hospital psiquiátrico. De saída, estranhamento: o que têm a ver, manicômio e carnaval? Em um, a promessa de uma cidade moderna e civilizada que, para se aproximar do ideal europeu, deve se livrar de qualquer rastro de insanidade e desordem. E então erguem-se os muros: violência, tortura, silenciamento, docilização. No outro, a transgressão da ordem e da moral, a insubmissão dos corpos. A recusa ao projeto civilizatório moderno e suas normas importadas. Riso, sátira, irreverência. A cidade tomada pela festa, os corpos tomados pelos encontros: dança, brincadeira, desejo, alegria. Do lugar de enclausuramento da loucura, um movimento que convida a cidade a desatinar. Do espaço cujo anúncio é o da morte, uma fresta para afirmar a vida.

É dessa aposta que nasce o Bloco Carnavalesco Loucura Suburbana. Em 2001, contagiados pelas quentes discussões antimanicômias das últimas décadas, trabalhadores e usuários do Instituto Municipal Nise da Silveira realizaram seu primeiro desfile. Em tempo de avanços na luta - que meses mais tarde conquistaria (enfim) a aprovação da Lei da Reforma Psiquiátrica -, se dão conta de que realizar festas para pacientes dentro do hospício, como vinha se fazendo, não era suficiente - era preciso extrapolá-lo. Desde então, uma vez ao ano, os portões se abrem para ensaiar pelas ruas do subúrbio carioca a tão sonhada sociedade sem manicômios. Sonho coletivo que hoje, tempo de retrocessos, nos reúne aqui em mais um desfile.

No interior do Instituto, os músicos começam a aquecer seus instrumentos. Os portões, que cotidianamente regulam os fluxos e delimitam muito bem o dentro e o fora, já estão abertos, virando espaço de circulação na medida em que as pessoas vão chegando, se encontrando, se fantasiando. Os uniformes e as roupas sóbrias do dia a dia perdem espaço para um sem fim de composições: adereços exuberantes que já desfilaram na Marquês de Sapucaí e foram doadas ao bloco; as coloridas camisetas confeccionadas, deste ou de outros anos; máscaras, chapéus e

¹(SAMPAIO, 1973).

acessórios - daqueles que vendem aos montes no Saara; maiôs, saias de tule, tiaras; fantasias das mais tradicionais às mais inovadoras. Em uma mesa que dispõe de maquiagens, tintas e purpurinas, os foliões pintam seus rostos e se divertem ao conferir o resultado no pequeno espelho retangular, pendurado no tronco de uma árvore. Uma extensa cartela de cores, brilhos e formas invade o pátio cinzento da instituição total.

As vozes e conversas, de início tímidas, vão virando burburinho empolgado em meio a risadas, músicas e falas no microfone que tentam organizar o bloco para sair. Pequenos papéis com o samba-enredo do ano passam de mão em mão. Pernaltas começam a dar seus primeiros passos, cuidadosamente alternados, se equilibrando nas compridas pernas-de-pau. Contrastam com as crianças que correm e brincam pra lá e pra cá, mais perto do chão, esbarrando vez ou outra sem querer em alguns velhos de andar lento e arrastado. Estes, que contam nas marcas do corpo a história desse lugar, observam a movimentação lúdica que se instalou aqui, onde o tempo às vezes parece ter parado - para alguns há tanto que desaprenderam a falar. Mas podem experimentar também movimentos outros, contagiados pelo som, pelo ritmo dos pequenos, pelo encontro com novos olhares, pelos acessórios coloridos e brilhantes que aos poucos vão sendo colocados por cima de suas roupas velhas, largas e desbotadas.

Do lado de fora, a rua começa também a encher. Com o sol ainda batendo forte, foliões compram as primeiras cervejas, comem um churrasquinho, encontram alguma sombra para esperar o bloco sair. Alguns escolhem não entrar, querem distância do manicômio, do cheiro que ele exala, das memórias que ele evoca, do que permanece enquanto essas paredes seguem (ainda?) de pé. Mas nem todos que chegam aqui sabem o que esses enormes muros cercam, ou conhecem a luta de nome difícil que questiona sua existência. O bloco antimanicomial não se restringe a um campo, a um público, a um tema. Se ele nasce dentro do hospício, é no meio da rua que cresce e faz o carnaval acontecer - e é essa força que se materializa quando a bateria A Insandecida atravessa os portões, fazendo tremer os muros com seus surdos e chocalhos, fazendo dançar uma multidão.

Junto dos músicos, o carro de som, a rainha de bateria, o mestre sala e a porta bandeira tomam suas posições. Faixas; estandartes; bonecos gigantes que homenageiam ou debocham de personagens que atravessam a história do bloco, do Rio de Janeiro e da saúde mental - como Nise da Silveira, precursora da luta antimanicomial; (Fora) Valencius - o diretor do maior manicômio da América Latina, que foi nomeado coordenador nacional de saúde mental, álcool e outras drogas em 2015, gerando uma série de manifestações e ocupações; o Cripeta - homenagem ao prefeito anti-carnaval, com um topete bem penteado, chifres vermelhos e gravata borboleta. Crianças, velhos, adolescentes, adultos. Funcionários, usuários, vizinhos,

familiares, amigos, militantes, foliões. Gente que vem de longe, gente que vem há anos, gente que vem pela primeira vez; gente que esteve o ano inteiro trabalhando para o bloco acontecer, gente que vai a trabalho, levando pacientes que estão voltando a se aproximar da cidade após anos de asilamento. Os que ali dentro foram um dia largados, em nome de uma suposta doença e uma suposta cura; os que desejam que esses muros caiam de vez. Corpos com diferentes marcas e experiências, que forjam aqui um comum e veem na rua em festa a possibilidade de cuidar, brincar, viver.

Fazendo dessa aposta chã, o Loucura avança pela cidade. Se afasta do manicômio na medida em que se aproxima da rua, das casas, dos prédios de poucos andares, dos pequenos comércios, escolas, postinhos de saúde, quadras, praças. Enquanto a música se repete incansável, novas cenas, novas ruas, novas casas. Em muitas delas, pessoas no portão, nas janelas e nas sacadas. Entre as grades, os vizinhos do hospício observam o bloco - ou fazem parte dele assim, meio de dentro, meio de fora. Medo, curiosidade, desconfiança. Desejo, vontade, empolgação. Olham, acenam, sorriem, dançam, atiram confetes, gravam vídeos pelo celular. Alguns deixam os portões abertos, deixando a casa ser parte do bloco também. Senhoras e senhores colocam suas cadeiras e poltronas na calçada, curtindo o cortejo no conforto da rua. Decerto há também os que fecham suas cortinas e janelas, torcendo para que a passagem do bloco seja rápida e acabe logo esse desatino. Na mesa de plástico na calçada de um boteco, o carteadado não para nem pro bloco passar. Cachorros do bairro latem, observam e seguem essa cauda de gente eufórica e dançante.

Adesivos distribuídos por aqueles que há anos puxam o movimento da luta antimanicomial no Rio de Janeiro começam a complementar as fantasias, e vão passando de mão em mão os enunciados que se fazem urgentes: Eletrochoque nunca mais!; Por uma sociedade sem manicômios!; Loucura não se prende, saúde não se vende! São colados nos corpos, nos instrumentos, nos guarda-sóis dos carrinhos de ambulantes, nos muros do caminho. Se somam a cartazes que pedem a liberdade do ex-presidente ou que negam a legitimidade - e o nome - do atual (ele não!); às tatuagens temporárias que insistem que Não é não!²; às referências a memes, músicas e notícias de agora, mais ou menos atrelados ao cenário político, mais ou menos cômicos, mais ou menos trágicos.

² Campanha criada por um coletivo feminista carioca em 2017 para combater o assédio no carnaval.

Misturados às palavras de ordem, dizeres sarcásticos e bem-humorados - como do rapaz de peruca roxa encaracolada e colar havaiano que carrega uma placa na qual se lê ‘desculpe o transtorno’, e da jovem de boia, maiô, touca e óculos de natação que pede ‘menos ritalina, mais Rita Lee’. E, para além das palavras que podemos carregar, tanta coisa mais é dita. Sim, há também o samba-enredo do ano: “é preciso resistir / ninguém solta a mão de ninguém”³. Mas não só. São os próprios corpos, que gritam e carregam frases, mas que, sobretudo, se fazem presentes aqui, materializando as apostas que enunciam. Desfilam pela cidade, tomam as ruas, riem, dançam, se encontram, se beijam, se abraçam, afirmam: liberdade acima de tudo, antimanicomiais ao lado de todes⁴.

Serpentinas lançadas ao ar conectam foliões anônimos e se enroscam nos fios elétricos. O chão fica repleto de confetes que marcam nosso trajeto. Um pequeno pirata se deslumbra enquanto atira espuma para todos os lados, como se fosse mágica. Se diverte com o efeito e nem percebe a irritação da mulher que calhou de estar na mira do brinquedo, e agora reclama que a espuma branca vai estragar sua fantasia e que ‘as pessoas já deveriam ter desistido dessa brincadeira que sai feia na foto e não tem nada a ver com o carnaval’. Mas que carnaval é esse que se quer afirmar aqui? Ela se afasta, e a espuma segue se espalhando no ar e atingindo alguns adultos desavisados. A criança mira na barriga da amiga, e deposita um bolo de espuma. As duas gargalham enquanto a espalham com as mãos, que são levadas aos braços, cabelos, chão...

Em um jogo de disfarce, anonimato, mistura e criação, os corpos experimentam outros contornos - inventados, artificiais -, e algumas marcas que o compõem se permitem borrar. Não se apagam, mas fazem operar outras conexões para além dos viciados jogos de poder - inventados, artificiais. Uns vestem máscaras, outros se despem do imperativo da normalidade. Uns se reencontram com a rua, outros reaprendem a brincar. De cara limpa ou embriagados, descobrem novos sons, sensações, movimentos, toques, danças, palavras. Na organização caótica do bloco, a linha dura que separa louco e normal se afrouxa, a ponto de não se saber - ou não interessar - quem é o que.

Chegamos à praça. A bateria faz um intervalo e as músicas agora saem do carro de som - conhecidos *hits* de carnaval. Crianças correm para o parquinho, os velhos aproveitam os

³ Doutor, Eu Ouço Vozes - Angela Carvalho / Paulo Fernando / Oficina Livre de Música. Samba-enredo do Bloco Carnavalesco Loucura Suburbana, 2019.

⁴ Lema do Núcleo Estadual do Rio de Janeiro para o Dia Nacional da Luta Antimanicomial de 2019

bancos. Em rodinhas, amigos conversam, riem, dançam. Grupos de adolescentes andam em fila, de mãos dadas, desbravando curiosos cada pedaço de carnaval. Alguns integrantes da bateria abrem uma primeira cerveja, finalmente, enquanto para grande parte dos foliões a onda já bateu. Talvez não para o senhor que, de cabeça baixa e com adereços postos de qualquer jeito sobre suas roupas gastas, caminha de braços dados com um rapaz bem mais novo, que veste um chapéu colorido e carrega um crachá que indica seu vínculo com o hospício - e com o senhor, que não precisa de crachá para ser identificado enquanto paciente de lá. Ainda que a linha da normalidade perca sua rigidez, ela não deixa de existir, e seu tensionamento se faz sensível nas sutilezas. O humor da dupla contrasta tanto quanto seus passos - enquanto o jovem caminha no ritmo da música e sorri para os conhecidos que encontra, o velho, cabisbaixo e calado, com a boca levemente aberta, quase tropeça em si mesmo enquanto tenta acompanhá-lo. Talvez preferisse ter ficado em casa, tirando um cochilo ou assistindo televisão - seria uma escolha possível? Seu semblante emburrado destoa, mas passa quase despercebido pela multidão animada que conversa, bebe, fuma, flerta, dança, brinca. Nos rostos ao seu redor, sorrisos largos, olhos marejados e gotas de suor. No céu, o sol vai baixando até virar noite - o tempo voou. A Insandecida retoma seus lugares, é hora de voltar.

E se o trajeto começa atravessando os portões do manicômio à cidade, na volta eles estão fechados por um punhado de militantes que, de braços entrelaçados, recusam o retorno do bloco ao lugar de onde ele saiu: afinal, o que têm a ver, manicômio e carnaval? A vida que é inventada na rua não cabe dentro desses muros, por mais que insistam em esmagá-la para fazer caber. As instituições de tortura, violência e opressão não cabem na cidade que forjamos juntos aqui. No grito que contagia a multidão, insistimos: nenhum passo atrás! Se há manicômio ainda, nos recusamos a fazer festa para a sua permanência. Alguns se afastam, fecham a cara: muito radicais, apontam. Outros, mesmo hesitantes, se somam ao grito e à barreira. Que carnaval é esse que se quer afirmar aqui? O cordão tensiona o momento, e o clima de alegria não apazigua as contradições. De braços entrecruzados, é com essa alegria que afirmamos que luta é carnaval, e carnaval é antimanicomial.

Com essa entonação o bloco chega ao fim. A bateria para de tocar, os carros de som são desligados. Uma mistura de lamento e alegria. O corpo estranha o silêncio, e se percebe ainda pulsando no ritmo dos batuques. Zumbido, suor, respiração acelerada, pés moídos. Se antes pulavam, cantavam e dançavam, os foliões agora conversam, mexem nos seus celulares, andam

em busca de amigos perdidos ao longo do cortejo, sentam no meio-fio para descansar um pouco. O bloco acaba na rua, como insistimos que deveria ser, mas nos deixa um tanto perdidos: e agora, para onde vamos?

Aos poucos a multidão se dispersa e começa a se encaminhar para outros espaços da cidade, carregando consigo as apostas pactuadas aqui. Se não derrubamos os muros, fizemos passar por ele outros sons, vozes e experiências. Inscrevemos outras marcas que não apenas as de violência e opressão. As palavras que gritamos juntos ecoam nas grades, se inscrevem nos corpos - nos que ficam e nos que vão. A rua segue sendo espaço de disputa. E os passos seguem, então, pelos becos e bares da cidade: liberdade!⁵

Os que antes davam os braços, fechando a passagem do hospício, brindam no boteco mais próximo o dia de luta e festa - foi lindo, mais uma vez. Mesas lotadas na rua, gente em pé entre elas, os copos enchendo sem parar e as pessoas lambuzando os dedos com as famosas costelas e codornas do bar. Para alegria dos que não querem parar de cantar e dançar, uma roda de samba se forma. Enquanto isso, no agora esvaziado manicômio, as brechas se reabrem e as pessoas começam a entrar: para devolver fantasias, guardar instrumentos, trocar de roupa, pegar mochilas, ir ao banheiro, voltar ao leito das frias e fétidas enfermarias - sempre haverá motivos enquanto a porta estiver aberta.

Já longe dali, o carnaval cresce no Centro do Rio, madrugada adentro. As ruas já estão tomadas por centenas de pessoas que vestem brilhos e LEDs. Espaço apertado, muita gente, difícil de andar. Cerveja cara, água ainda mais - cara nada, eu tô o dia inteiro carregando mercadoria, cuidando do gelo, de olho pra nenhum guarda confiscar meu carrinho, o vendedor rebate de imediato, enquanto nos entrega o troco. Desviamos de várias rodinhas, esbarramos em algumas pessoas, ouvimos um resmungo ou outro ao tentar passar. Por entre os que dançam, corpos que querem se encontrar mas não se percebem, se invadem, se atropelam. Alegria se mistura com euforia. Sede se confunde com fissura.

A festa cheia fica mais bonita, mas também mais tensa. Cheia de relevos e texturas. Cheia de encontros, desencontros e colisões. Se o carnaval parecia saída diante das durezas que têm atravessado o cotidiano nestes últimos anos, nos surpreendem também aqui os ânimos dos tempos de agora. Os discursos fascistas gritados nas redes e nos parlamentos ressoam na

⁵ Pelos becos e bares da cidade: liberdade! é o nome da festa organizada pelo Núcleo Estadual do Movimento da Luta Antimanicomial do Rio de Janeiro (NEMLA/RJ), desde 2013.

cidade aberta. Não há garantia. Os corpos estão na rua, a mistura não é homogênea, tampouco apaziguada. Nem tudo no carnaval carnavaliza. Dele, emerge a questão: como no carnaval se presentificam as forças da cidade e as disputas do presente?

Aproximando da música, o corpo vibra. Na virada da noite, outros ritmos, outros fluxos, outras ondas. Outro carnaval. Mas carnaval ainda. Nos rendemos ao aperto, ao suor, ao caos. Nem tudo no carnaval carnavaliza, mas há nele insistentes forças, que nos servem de pistas sobre como queremos viver. No limiar entre pesquisa e festa, dançamos até a quarta-feira chegar. No lugar de certezas, forjamos novas perguntas. No lugar de capítulos, percorremos blocos - de carnaval, de contração de problemas, de devir. Interessados pelos gestos cuja direção ética é aquela que nos permite ser, pensar e agir diferentemente, indagamos: como no carnaval forjamos modos de resistir⁶?

⁶ Esta contração é feita por Eduardo Viveiros de Castro, em uma aula pública - posteriormente publicada no formato de cordel pela n-1 edições, sob o título “Os involuntários da pátria” -, na qual afirma que “os povos indígenas não podem não resistir sob pena de não existirem como tais. Seu existir é imanentemente um resistir, o que condensa no neologismo resistir (VIVEIROS DE CASTRO, 2016, p. 15). Ainda que a vida e a luta dos povos indígenas não seja o mote desta dissertação, tomamos emprestado o termo, interessando pensar esta relação imane entre existência e resistência como algo que atravessa e conecta experiências minoritárias.

2 SE MEU CORPO É MEU, OU É DO CARNAVAL⁷

Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução.

(Walter Benjamin, Rua de mão única)

2.1 Histórias para despertar

Chego em casa com a cabeça fervilhando ideias, em disputa com o peso do dia que recai sobre os olhos. Ligo o computador para tentar dar lugar a palavras ainda tão soltas, mas perco a noção do tempo no rolar do feed de notícias da rede social. Textões, memes, polêmicas. Uma vacina para tratamento de uma doença degenerativa que custa 9 milhões de reais. O presidente falou mais uma atrocidade que centenas de perfis compartilham em apoio ou repúdio. A lua entrou em câncer. Algumas anedotas e desabafos cotidianos. Denúncia de estupro que virou meme. Tênis sem gênero da Frida Kahlo na promoção. Discussões sobre militância na publicação de uma página feminista. Receitas práticas de cinco minutos. Compilados de vídeos engraçados de gatos, cachorros, crianças. A fotografia de uma placa recém colocada na Universidade Federal Fluminense homenageando os mais de 30 profissionais de limpeza terceirizados, que por anos trabalharam nos prédios dos cursos de ciências humanas, demitidos essa semana devido ao atraso no repasse de verbas. Alguém lembra nos comentários do recém-anunciado corte de 30% da verba da universidade, sob a acusação de balbúrdia⁸.

Mil temas por minuto. Algumas publicações, um tanto inúteis e alienantes, dão uma falsa sensação de descanso no final do dia. Um meme, uma piada, um vídeo trazem riso e um pouco de alívio em meio ao catastrófico cenário atual. No entanto, outras notícias, carregadas de problemas complexos demais, cuja densidade não cabe no tempo da rolagem da página, levam a uma mistura de exaustão, desespero e paralisia. O tom trágico e autodepreciativo que têm tomado o humor nas redes consegue fazer um combo desses afetos - riso, choro, raiva, desespero, sono, tudo ao mesmo tempo. Já nem me lembro mais o que pretendia escrever.

No meio do gesto automático, uma imagem faz parar. Uma foto antiga, analógica - Pequim, 1989, a legenda informa. Nela, dois planos que se cruzam: um túnel passa por baixo de uma rua. Na rua, sobre o túnel, passam tanques de guerra. No plano inferior, dentro do túnel,

⁷(NOVAES, 2017).

⁸<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-e-ufba,70002809579>

um homem carrega uma mulher na garupa de uma bicicleta. Não há mais ninguém nas ruas. Na legenda, entre aspas, uma fala do fotógrafo: havia uma outra história a ser contada ali.

Largo o mouse e me aproximo da tela. O corpo, até então derretido na cadeira, tonifica para poder durar na imagem, reparar nos detalhes. Que forças a compõem? Que história outra é essa que poderia ser contada, que história ela contrapõe? A mulher, sentada de lado, usa um vestido bege, sandálias brancas e uma meia-calça fina, dessas que arriscam rasgar no primeiro uso. Abraça o rapaz por trás, segurando em sua cintura, no aconchego desequilibrado que um bagageiro de bicicleta pode oferecer. Ela parece sorrir. Ele, sentado no selim, com as mãos no guidão, inclina a cabeça para cima. Os pés de ambos tocam o chão, enquanto a roda dianteira se alinha com o limite da extensão do túnel – como se por muito pouco pudessem ser vistos pelos soldados que operam o tanque.

Estes, por sua vez, quase somem de vista em meio à estampa camuflada e ao aparato de guerra. Na foto são dois, e apenas suas mãos e parte de seus rostos estão à mostra. Os corpos ocultados, munidos de uma força destrutiva sobre-humana, contam uma história. Sem nome e sem rosto, uniformizados a serviço do Estado, contam uma história oficial. Universal, atemporal, abstrata e impermeável, como as que se reproduzem nos tradicionais livros escolares, documentos oficiais, grandes veículos de informação, superproduções cinematográficas: qual era o lado bom. Quem eram os vilões. “Como as pessoas heroicamente mataram outras e venceram. Ou perderam. Qual foi a técnica e quais eram os generais” (ALEKSIÉVITCH, 2017, p.12).

Tão abstratas quanto o Estado, tão violentas quanto a guerra, as histórias oficiais, únicas (ADICHIE, 2019), silenciam outras possíveis ao pretender narrar a verdade do mundo. Com seus enredos planos, endurecem a cidade e achatam a multiplicidade da vida. Propagam falácias de senso comum que correm minuto a minuto por aí, inventam intocáveis mitos e tradições, homenageiam genocidas como se pudessem lavar o sangue de suas mãos, determinam quais corpos são matáveis e morríveis, afastam as palavras do corpo e da vida. Mas havia uma outra história a ser contada ali, o fotógrafo alerta. A grandeza hostil das máquinas de aniquilamento em contraste com a bicicleta, que sustenta dois corpos em sua frágil estrutura. O cruzamento de ambas, separadas por uma camada de asfalto - espessa o suficiente para suportar tanques de guerra, fina o suficiente para fazer tremer o chão. Vida, morte. Movimento, rigidez. Corpo, máquina. Uma ou outra história. O fio da navalha.

A bicicleta faz mover outras forças. No caminho subterrâneo, um pedacinho de história cria ruídos, abre brechas para narrativas menores, miúdas, feitas de corpo, cor, cheiro, relevo e movimento - para os fascistas, “o pesadelo das nuances” (ALEKSIÉVITCH, 2017, p.19). Na

ousadia de pedalar em um cenário de guerra, com uma leveza quase clandestina, o casal interrompe a história maior e faz ver, naquela mesma cidade, outras cidades, invisíveis (CALVINO, 2003). A bicicleta é uma provocação - sob a hegemonia mortificante, a vida pulsa, irreverente, no movimento de duas rodas.

2.2 De outros carnavais

As forças de lá atuam também do lado de cá do globo. No entanto, se lá há o retrato de uma guerra, por aqui se insiste em dizer que elas nunca existiram. As narrativas oficiais daqui estampam o grito do Ipiranga, Dons Pedros, José Bonifácio, Princesa Isabel e sua benevolente assinatura em prol da liberdade de um povo escravizado. Marechais, Viscondes, Generais, Doutores - os mesmos que batizam ruas e instituições, heróis eternizados em bronze nas praças da cidade. Mas, nos fios soltos por trás de uma história linear, se agitam inúmeras rebeliões, revoltas, levantes e articulações de um povo que desde o período colonial enfrenta a escravização, as opressões e violências que fundam uma nação. A luta dos soldados esfarrapados, dos negros, dos indígenas, das mulheres. De Maria Quitéria, Dandara, Zumbi, Tereza de Benguela e tantos outros nomes ocultados na construção de um Brasil oficial, civilizado, abstrato e plácido.

É nessa mesma nação cordial, sem guerras e confrontos, que se faz do carnaval nossa grande imagem e tradição, nossa “festa principal, mais popular, mais sincera, mais republicana - porque é nela que se misturam todas as classes, que todos se igualam, moços e velhos, senhoras e cortesãs, brancos e negros, sob o escudo da máscara” (CUNHA, 2001, p. 255). Brasil, o país do carnaval. Carnaval, a festa do povo. E essa história, quem escreve? Quem contou a nós sobre a nossa tradição?

Na cidade maravilhosa, ingressando no século XX, os elegantes *Bals masqués* afrancesados em salões luxuosos; os préstitos à moda veneziana; a exuberância das Grandes Sociedades; os desfiles organizados; as marchinhas e sambas-enredo nacionalistas; as batalhas de flores e confetes; as brincadeiras bem-humoradas e inofensivas, que se mantinham dentro dos limites morais e respeitavam a ordem das coisas e das pessoas. Ano após ano, o refinamento da festa que, superando as práticas rudes e bárbaras do entrudo, avança em direção ao sonho de “uma nação moderna, um povo homogêneo e integrado que, sob as bênçãos de Momo, fosse capaz de desfilar sob um mesmo enredo - ou de apenas assistir, deslumbrado e passivo, às evoluções da ala dos cartolas” (CUNHA, 2001, pp. 86, 87). Permitida uma vez por ano, a despedida da carne que antecede o sacrifício cristão. Durante quatro dias, uma alegria

consentida, na exata medida para manter vivo o corpo que deve trabalhar até morrer. A catarse controlada que garantirá aos outros dias do ano equilíbrio, decoro, ordem e paz.

Estranha colagem essa: a festa do povo como maior símbolo de expressão nacional em uma nação em que o povo não conta sua história - e, aliás, quem seria 'o povo', essa entidade abstrata? No entanto, por trás da imagem limpa e civilizada dos bailes de mascarados, fantasias de seda, desfiles pomposos e grandes carros alegóricos pelas ruas largas e modernas de um Brasil republicano, há toda uma "luta sem tréguas de elites 'cultas' e 'civilizadas' contra a plebe desmoralizada, rude - e persistente em suas práticas condenáveis" (CUNHA, 2001, p. 82). Dentro do que aprendemos a chamar de barbárie e degradação, às margens daquilo que foi sendo construído enquanto Carnaval de Verdade, a vida vai sendo carnavalizada nos mais variados modos - que nada tem a ver com paz, resignação e civilidade.

Ao escovar essa história a contrapelo (BENJAMIN, 1985), na contramão do discurso apaziguador, encontramos também "todo um rol de práticas que julgavam indignas de frequentar as ruas, mesmo em dias em que alegria e permissividade pareciam andar juntas" (CUNHA, 2001, p. 25), que contagiava multidões.

À margem dessas leituras harmônicas da folia, consagradas pelos intérpretes da identidade nacional ou da cultura popular, produziu-se lentamente, ano após ano, uma festa assentada sobre tensões que estão longe de poder esgotar-se um dia em uma celebração unívoca e compartilhada sem restrições (CUNHA, 2001, p. 302).

Os diabinhos, com seus chifres e caudas pontudas, que quanto mais criminalizados e perseguidos eram, mais se multiplicavam nas ruas; entrudeiros lançando uns nos outros desde limões-de-cheiro, bisnagas e baldes d'água até farinha, ovos, lama, urina, envolvidos neste "jogo delirante de todas as idades, desde o menino até o velho, de ambos os sexos, e de todas as classes da sociedade" (MACEDO *apud* CUNHA, 2001, p. 54); os conjuntos de zé pereiras tramados nos cortiços, que adicionam música às brincadeiras de rua; os desfiles dos cucumbis, dançando e contando tradições africanas; os mascarados avulsos que lançavam a temida pergunta, com a voz falseada: 'Você me conhece?', seguida de piadas, calúnias ou ofensas; as cartolas dos patrões pisoteadas no chão; as mulheres flertando e se aproveitando do anonimato das máscaras para se misturarem na multidão; as empadas ocas ou recheadas com insetos confeccionadas pelas "sinhazinhas prendadas" (CUNHA, 2001, p. 56) para presentear os outros nos dias de folia; as alianças e as brigas entre os cordões; os espontâneos blocos de sujo que insistiam em brotar pelas ruas apesar da repressão policial, debochando das fracassadas

tentativas de acabar com a folia; os velhos fidalgos, exímios dançarinos que vestiam enormes cabeças de papelão com feições enrugadas e narizes protuberantes; as fantasias que brincavam com a inversão de papéis e satirizavam hierarquias... a efervescência e a alegria de uma cidade tomada por tudo isso que se nomeou carnaval e pelos incansáveis gestos que transgridem e ampliam seu sentido.

No avesso das histórias oficiais, os fios soltos se emaranham indicando tantos outros percursos - tal qual o folião embriagado que traça novos caminhos pela cidade, nunca antes percorridos, durante os dias de festa. Por trás de letras de samba-enredo que narram um Brasil oficial e celebram a civilização, os tambores, com sua gramática própria, contam àqueles que aprenderam a ouvir as histórias ancestrais de um povo, enquanto louva os seus orixás⁹. Ilegíveis sob a lente das gramáticas normativas, as histórias menores forjam brechas para desamarrear e encantar o mundo (SIMAS, 2019a). O carnaval faz mover outras forças, que não são planas, pacíficas ou apaziguadoras. Inscreve na cidade outras marcas, infinitos pedacinhos de uma história que está na rua, na multidão, se fazendo e refazendo no grito de cada um (ALEKSIÉVITCH, 2017, p.19).

Ao ir ao encontro destes gritos, “escutá-los com mais cuidado, revisitando as sonoridades, intensidades e dissonâncias perdidas” (CUNHA, 2001, p. 15), os fios embolados no avesso se esticam pela superfície da cidade. Ao “ouvir tudo isso separadamente, dissolver-se em tudo isso e transformar-se em tudo isso” (ALEKSIÉVITCH, 2017, p.19), surgem histórias de guerra com as quais “os próprios generais ficariam nauseados” (ALEKSIÉVITCH, 2017, p. 20); e histórias de um carnaval que não serve enquanto válvula de escape, mas, ao contrário, se inscreve na cidade como um “aguçador de tensões” (SIMAS, 2019a, p. 110), fazendo-a arder em alegria e tensão, encontros e paradoxos. Ao evidenciar que “a relação aparentemente amorosa entre o Rio de Janeiro e o carnaval quase nunca foi aceita como um destino sentimental, como certo discurso identitário e falsamente consensual de invenção do carioca” (SIMAS, 2019a, p. 110), seguimos em direção a histórias menores e inconclusas, interessadas não nas jornadas heroicas, mas nos jogos de forças de uma cidade em constante disputa, movimento e criação.

Seja de guerra, seja de festa, há outras histórias a serem contadas também aqui - a Mangueira, campeã do Carnaval do Rio em 2019 com sua História para ninar gente grande (DÔMENICO et al, 2019), não nos deixa esquecer. Histórias dos avessos, dos tambores, dos

⁹ Como nos conta Simas, em *O corpo encantado das ruas* (2019), a bateria de cada escola de samba tem suas batidas e ritmos próprios, que, muitas vezes, se fundamentam em batidas dos deuses do Candomblé. Assim, os mais diversos enredos podem ser cantados, enquanto os tambores invocam divindades e narram suas histórias.

vencidos. Histórias de mulheres, tamoios, mulatos que invadem a Marquês de Sapucaí com “sua alegria insolente e suas alegorias transparentes” (VIVEIROS DE CASTRO, 2019, p. 12). Das multidões, dos corpos irreverentes que se recusam a serem silenciados. Que resistem e insistem em fazer um carnaval que a cada ano trai sua própria tradição. Que escapam das tramas do discurso civilizatório e, pela festa, criam frestas pelas quais ecoam o canto e a luta de Marias, Mahins, Marielles, Malês (DÔMENICO et al, 2019).

Da foto inesperada, se desdobram textos, vídeos, links, conversas. O computador agora divide a mesa com alguns livros que desceram das estantes, o quarto é permeado por fragmentos de histórias que se conectam por estranhos atalhos - um inusitado plano comum no qual pouco interessa uma cronologia feita de origens e destinos; um único, total e verdadeiro enredo que diga “quem exatamente fez o que e/ou precisamente em que data ocorreu tal fato” (RODRIGUES, H 2015, p. 19). São “histórias, lembranças, invenções. Memórias inacabadas” (AMADO, 2019, p. 20)” e ficcionalizadas que apontam para a impossibilidade de pesquisar, definir e explicar o carnaval - já que nos contam que o Carnaval não há. Mas são justamente os fragmentos que se conectam transversalmente, os fios que se embolam no avesso, os corpos que se esbarram pelos becos e encruzilhadas, que vão importar para **no** carnaval - mais precisamente no carnaval de rua do Rio de Janeiro - mapear as forças do presente, traçar linhas de fuga, narrar e inventar histórias outras. Assim, o casal na bicicleta, as soldadas soviéticas, diabinhos, bruxas, bichas, loucos, colombinas, piratas, crianças, sambistas, camelôs, escritoras, bêbados, MCs... dão novos relevos à cidade e sussurram pistas para quando o carnaval chegar.

2.3 Preparando um corpo, costurando um método

O ano acaba de virar, mas pelas histórias compartilhadas nas redes, os preparativos para o carnaval já começaram - ateliês improvisados nas casas de quem já foi ao Saara¹⁰ antes que ficasse cheio demais; fantasias, acessórios, roupas brilhantes e coloridas chegando nas lojas físicas e virtuais; os blocos intensificando seus ensaios abertos, na rua ou em eventos fechados e pagos; a purpurina voltando com tudo às festas, e os que querem repor seu estoque partilhando da dúvida culpada: os novos biodegradáveis ou os microplásticos que poluem os oceanos?

¹⁰ Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega é uma associação de comerciantes que dá nome à região de comércio popular do Centro do Rio de Janeiro.

A estética pode virar uma missão - a padronização de tendências; a incitação ao consumo; as fantasias da moda aos montes e a preços exorbitantes; as grandes marcas se apropriando de criações independentes; a imagem perfeita e *instagramável* do verdadeiro apaixonado por carnaval. Lamê, lurex, paetê, EVA. Maiôs, *croppeds*, brincos, cílios, viseiras, *hot pants*, tiaras, ombreiras, franjas, pochetes, meias arrastão, capas, luzes de LED... uma infinidade de itens - chamados alternativos, massivamente reproduzidos - a serem adicionados à lista de desejos do folião que não quer passar batido na festa.

É com esse punhado de questões que, ainda assim, decido passar a noite em casa, criando adereços e fantasias ao invés de ir para algum cortejo de pré-carnaval. Dinheiro, tempo, bagunça, o trabalho de confeccionar peças que me recuso a comprar porque parecem tão simples de fazer - parecem. Máquina de costura na mesa, tecido em mãos, algumas ideias na cabeça. Sem manual, moldes prévios ou garantias do produto final - vamos ver no que vai dar.

Abro uma cerveja e coloco uma música animada para embalar o labor. Cortes vacilantes sem medidas muito exatas, um punhado de alfinetes marca provisoriamente o plano inicial. Não, não vai servir - tento reparar. Traço um novo curso. Parece bom. Tomo coragem, pressiono o pedal que acelera a máquina. Os ombros dançam, mas mãos pouco experientes precisam ser ágeis para fazer o tecido correr no sentido certo. A cerveja esquenta, a música distrai, os pontos se embaralham e costuro o lugar errado - desfaz, concentra, refaz. Respira. Acidente-e-improviso, tentativa-e-erro (EUGENIO, 2019a, p. 24), um ou outro acerto. Fantasia e pesquisa vão assim se montando: entre riscos, ensaios, titubeios e improvisos - a criação é um desafio.

Os tecidos espalhados pelo quarto me transportam até a infância: naquela outra casa, em outra cidade, havia dentro de um móvel no canto do quarto uma mala só de fantasias, adereços e roupas antigas - da irmã mais velha, da prima, da mãe, da avó -, aquelas roupas que deixam de servir e ficam guardadas, esperando o corpo da nova dona espichar o suficiente. Não sei bem quando foi que decidi suspender a espera e encontrei ali a fonte de grande parte de minhas brincadeiras - para as quais toda e qualquer peça havia de servir -, e então tornou-se algo costumeiro: botava tudo para fora e o quarto se transformava.

Perdia a noção do tempo provando e sobrepondo roupas e acessórios - grandes demais, estranhos demais, divertidos, coloridos, brilhantes, bonitos demais -, experimentando

combinações, bolando maquiagens e penteados, criando personagens e histórias, fazendo desfiles e performances pela casa - ou pela rua, para comprar pão na padaria ou alugar um filme na locadora do bairro, nos dias de extrema coragem pactuada com as amigas. Saia vira vestido, vestido vira capa, lenço vira blusa, blusa vira peruca. Eu viro alguma coisa que nem sabia que podia virar. E depois outra, e mais outra. Incansável, até ter de devolver tudo ao lugar - e, então, eu e as coisas já não somos mais as mesmas. Das combinações mais elaboradas às montagens mais esdrúxulas, os condutores da brincadeira eram a risada, o frio na barriga, a empolgação de criar algo novo com aquelas mesmas peças que estavam sempre ali, guardadas na mala, dentro de um móvel no canto do quarto.

Nos tempos de agora, escolher o tecido, pensar seu destino e fiar sua forma retoma a empolgação que era ver a mãe improvisando com a máquina de costura quando vinha chegando fevereiro. Amadora, me ponho agora também a realizar alguns planos, me frustrar com tentativas e ensaiar possibilidades. Requer tempo, paciência, concentração. Mas mais do que reproduzir a peça ideal, interessa, ao fim das contas, experimentar essa feitura, brincar com as formas e criar as fantasias que me acompanharão pela cidade nos dias que se aproximam. Entre cortes e costuras, a invenção de novos arranjos com o mundo. Algo já se inicia aqui - o carnaval invade a casa.

A preparação também é parte do processo. O corpo se agita como se dentro dele acontecesse um ensaio de bateria. Mas ainda falta tempo e a bateria precisa negociar com os compromissos cotidianos - casa, trabalho, escrita, prazos... Algo dessa negociação se embaralha quando os dias de folia não serão de descanso ou suspensão das atividades, mas o ponto central da pesquisa que vem há algum tempo se desenhando. A preparação, esse ano, vem com novas questões. O carnaval, esse ano, demanda um corpo outro - de folia, mas também de pesquisa. De saída, os lugares soam incompatíveis, já que “nada parece combinar menos com o prazer risonho e orgiástico do Carnaval que o silêncio e a solidão dos livros. Nenhuma roupagem, aliás, parece menos adequada que a acadêmica para servir de fantasia” (CUNHA, 2001, p. 15).

Em casa, a escrita: procrastinação, insistência, café e noites viradas. Na rua, a festa: o calor do sol, do chão, da música e dos corpos que se embriagam juntos. Rua, casa. Dança, palavra. Multidão, silêncio. Cada coisa em seu lugar. Diante do aparente abismo, como pesquisar no carnaval? Como dar passagem, no silêncio intelectual da escrita, aos sons e ritmos da rua, à alegria barulhenta da festa? (CUNHA, 2001) Como escrever em meio à multidão, e fazê-la dançar pelas palavras? Qual a costura possível destes lugares, de modo que a escrita

possa ganhar corpo, cheiro, temperatura, movimento; e o carnaval, efêmero e voraz, se assentar em palavras para poder durar? Enfim, como forjar um corpo folião-pesquisador?

Entre uma música e outra, percebo o silêncio que se instalou lá fora. O relógio já marca quatro da manhã quando a peça inacabada começa a ganhar algum contorno. O pescoço pesa em direção à máquina, os pontos começam a se embaralhar e por todo o quarto há um retalho brilhante, um pedaço de linha, um alfinete, uma tesoura, uma tampinha de cerveja, uma ideia. Ainda sem resultados, paro a música, jogo toda a bagunça para um canto, atiro o corpo na cama. Amanhã volto de onde parei.

2.4 Uma experiência experimentante não-experimental

8 da manhã, toca o despertador. Entre resmungos sonolentos, decidimos dormir mais cinco minutinhos. Depois mais cinco. E mais cinco. No quarto alarme, não dá mais para adiar. Levantamos, tomamos banho, um café apressado enquanto escolhemos o que vestir. A bagunça do quarto não ajuda, as fantasias e adereços tomaram conta do espaço. Reviro a pochete na escrivaninha e, quase como um ritual, coloco cada item de volta, certificando-me de que não perdi nada ontem e não vou esquecer nada hoje: documento, dinheiro, bilhete único, purpurinas, tintas, pincel, protetor solar, batom, alfinete de segurança, hidratante para as coxas, antialérgico, quadradinhos enrolados em papel alumínio, um vidrinho de conta-gotas, celular, chave de casa: a caixa de ferramentas (FOUCAULT; DELEUZE, 1982) da pesquisadora-foliã.

A questão segue sem resolução: como pesquisar no carnaval? Sem diário, laboratório, grupo-controle e grupo experimental. Condições normais de temperatura e pressão passam longe do sol de quarenta graus que estoura na cabeça dos cariocas, espremidos nas ruas do Rio de Janeiro. O campo é a cidade; os fluxos, imprevisíveis. O corpo vibra em uma mistura de empolgação e nervosismo. Dentro da pochete, um arranjo de substâncias e objetos que podem auxiliar um corpo que pesquisa e pula o carnaval. Um arranjo muito singular, sem qualquer pretensão de ser prescritivo - “não é um método geral, definitivamente válido para os outros e para mim” (FOUCAULT, 2010a, p. 290); tal qual os conceitos, as discussões e intercessores que sustentam a questão, “é preciso que sirva, é preciso que funcione” (FOUCAULT, DELEUZE, 2017, p. 132).

Enquanto me serve um chinelo, a outro um tênis é fundamental. E nada impede uma mudança no meio do caminho caso o chinelo arrebe ou estoure uma bolha no pé. Enquanto alguns planejam suas fantasias por semanas, outros preferem sair à paisana. Um autor ou um amigo podem ser boas companhias, até que a gente se desencontre ou escolha seguir por caminhos distintos. Podemos nos reencontrar mais tarde, ou não, dado que a cada minuto a cidade se modifica e “a teoria não totaliza; a teoria se multiplica e multiplica” (FOUCAULT, DELEUZE, 2017, p. 132). Um conceito pode atravancar o percurso, uma dose exagerada pode dificultar a viagem, um flerte pode provocar um desvio de rota, um acidente pode exigir que tracemos novos planos.

Aceitando os riscos, tomamos como pista o pedido do intelectual francês: “tratem meus livros como óculos dirigidos para fora e se eles não lhes servem, consigam outros, encontrem vocês mesmos seu instrumento” (FOUCAULT, DELEUZE, 2017, p. 132). Entre livros, adereços, itinerários e doses não há fórmula que, de antemão, garanta uma experiência bem sucedida. Por ora, “não somente não sei o que pensarei no final, mas não sei, claramente, que método empregarei” (FOUCAULT, 2010a, p. 290). E aí, onde se encontra a singularidade de cada percurso, reside a dor e a delícia de seu método: poder ser inventado. Precisar ser inventado. Parte da preparação é poder abrir espaço.

A orientação soa vaga ao cientista clássico que, afeito aos manuais de pesquisa científica, espera de uma metodologia a descrição minuciosa dos passos, técnicas, amostras, a fim de que “outros possam replicar o procedimento e verificar se levam de fato à verdadeira verdade encontrada a princípio” (MIZOGUCHI, 2016, p. 34). Engajado neste projeto, supondo ser possível saber, de saída, seus meios, objetivos e fins, a experiência se converte em experimento, sendo reduzida a nada mais do que uma “etapa no caminho seguro e previsível da ciência” (LARROSA, 2015, p. 33). Submetida às teorias que a antecedem, aos manuais que a orientam, ao sujeito que a conduz, ela nos serve apenas na medida em que confirma nossas hipóteses e reitera nossos modos de perceber - e dominar - o mundo.

Mas o carnaval, ciente de que “o mundo é muito mais do que isso, tão mais, na verdade, que chega a ser infundável” (CASTANEDA, 1995, p. 138), rasga os manuais e deixa que as folhas se espalhem pela cidade. Ao pesquisador desnortado, desprovido das prescrições que orientariam seu trabalho de campo, resta agora seguir o bloco e entrar na dança, apostando na criação de uma metodologia singular, local, processual e inconclusa - “porque inconcluso é o sujeito, porque inconcluso é o território, porque inconcluso é a passagem” (MIZOGUCHI, 2016, p. 59). E então, o desafio passa a ser “o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método – não mais um caminhar para alcançar metas prefixadas (*metá-hódos*), mas o

primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas” (PASSOS; BENEVIDES, 2015, p. 17). Do *metá-hódos* ao *hódos-metá*: encontre você mesmo seu instrumento, faça você mesmo seu Caminhando (CLARK, 1980)¹¹.

Mas que caminhos interessam à pesquisadora traçar? Lygia Clark, ao deslocar em sua obra a atenção do objeto e atribuir “uma importância absoluta ao ato imanente realizado” (CLARK, 1980, p. 25), nos auxilia a dar alguns passos. Sem mirar um ponto de chegada, “essa noção de escolha é decisiva e nela reside o único sentido dessa experiência. [...] À medida em que se corta a fita, ela se afina e se desdobra em entrelaçamentos” (CLARK, 1980, p. 25). Pela cidade, à medida em que se dobra esquinas e percorre ruas, fazendo pontos de parada e tomando desvios, traçamos linhas tortas e descontínuas e encontramos, intencionalmente ou ao acaso - intencionalmente e ao acaso -, pequenos fragmentos de um carnaval que não se totaliza, só se multiplica, se expande, se transforma, se desdobra, fazendo com que mapas “tidos como prontos” (MIZOGUCHI, p. 54) se abram diante de nós.

Com o método virado ao avesso, torcido feito a fita de Moebius, o percurso ganha outros sentidos - ou melhor, passa a ser ele mesmo o sentido do pesquisar. Imersa na folia, nesse intenso campo que não pára de se modificar, o essencial não está no resultado a ser alcançado, “na série dessas constatações verdadeiras ou historicamente verificáveis, mas, antes, na experiência” (FOUCAULT, 2010a, p. 293). Uma experiência “que não é nem verdadeira nem falsa” (FOUCAULT, 2010a, p. 293). Uma experiência que não cabe nos laboratórios assépticos e nas análises frias. Que não pode ser antecipada, simulada, contida ou reproduzida. Uma experiência experimentante não-experimental.

A pesquisa vai, assim, sendo forjada a cada passo - na imanência dos encontros, a partir das marcas que eles produzem e dos gestos que convocam. E se é a experiência que a orienta e sustenta, é justamente a fim de que possamos “transformar o que já sabemos [...] liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser quem somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo” (LARROSA, 2015, n.p.). Pesquisar como um meio de sustentar a inquietação, a problematização, a perturbação que “arranca o sujeito de si próprio” (FOUCAULT, 2010a, p. 291) e o força a experimentar e conspirar mundos outros.

¹¹ A obra, criada em 1964, é um convite: “faça você mesmo um Caminhando: pegue uma dessas tiras de papel que envolvem um livro, corte-a em sua largura, torça-a e cole-a de maneira que obtenha uma fita de Moebius. Em seguida tome uma tesoura, crave uma ponta na superfície e corte continuamente no sentido do comprimento. Tenha cuidado para não cair na parte já cortada - o que separaria a fita em dois pedaços. Quando você tiver dado a volta na fita de Moebius, escolha entre cortar à direita e cortar à esquerda do corte já feito.” (CLARK, 1980, p. 25).

Afinada com essa aposta, distante de uma objetividade que supõe “ver tudo de lugar nenhum” (HARAWAY, 1995, p.19), a pesquisadora-foliã se aproxima das avenidas e ruelas, das danças e das brigas, das alegorias e do lixo, do familiar e do desconhecido, do brilho e da penumbra, do espetáculo e das miudezas, da cidade e de si; trazendo ao centro da cena “aquilo que habitualmente se considera escória da ciência - os inconvenientes e limites ao ponto de vista neutralista” (LOURAU, 2004, p. 85). Na difícil tarefa de se preparar para o imprevisível, interessa fazer “da atenção um gesto de cuidado e sustentação daquilo que se vai (re)conhecendo conforme se vai deixando de saber” (EUGENIO, 2019a, p. 24).

Na cidade em festa, um universo de possibilidades - “um reservatório inesgotável de detalhes, associações, surpresas, personagens, um campo de deambulação e de errância” (PELBART, 2000, p. 48). Quais as ruas, blocos, parcerias, ritmos, brincadeiras, enfrentamentos? Com que conexões se dará essa experiência? Tomando como direção não-prescritiva o gesto inventivo e alegre de experimentação, acolhendo as impurezas e os acidentes - ou arriscando afirmar que, “no limite, não há outra coisa senão acidentes” (EUGENIO, 2019a, p. 24) -, carnavalizamos o método. Levando comigo um punhado de ferramentas, sem saber bem por onde ir ou o que quero encontrar, partimos para o bloco, parto para o campo.

2.5 Já é carnaval, cidade (Acorda para ver)¹²

Na concentração, abro a primeira cerveja, que alivia o corpo das inevitáveis primeiras gotas de suor. O tempo de chegada é vagaroso - aos poucos vou sentindo o espaço, as pessoas, o som, as cores. Vamos jogando conversa fora, perdendo o sono, alongando os braços, pernas, coluna. As tintas e purpurinas começam a sair da pochete para colorir o rosto e espantar a timidez. Ao meu redor, corpos limpos e descansados, fantasias alinhadas, maquiagens intactas, movimentos contidos, celulares nas mãos. As pessoas andam pra lá e pra cá, cumprimentam os conhecidos, tiram fotos que vão instantaneamente para as redes sociais, conversam em pequenas rodinhas, no meio da rua, no centro da cidade - onde em qualquer outro dia do ano automóveis passam correndo e buzinando para qualquer coisa que obstrua o caminho. Hoje não parece haver a pressa de todo dia. Talvez uma pequena ansiedade - para o cortejo começar, para encontrar alguém, para a onda bater.

Ainda não vemos os músicos ou qualquer sinal do bloco - o atraso carioca também vale para o carnaval. Mais alguns amigos, mais um pouco de suor, mais um latão para refrescar.

¹²(GERÔNIMO, 1987)

Rimos das fantasias, falamos sobre o clima, a volta pra casa no dia anterior, notícias da cidade e desse carnaval. Frases soltas e pedaços de conversas passam por nós e viram assunto. O volume aumenta, o sol esquenta, a praça vai enchendo aos poucos. A cada minuto, novos e mais estímulos ao meu redor. Presto atenção, querendo absorver o máximo desse campo que em poucos dias vai se desfazer. Mais um dia de carnaval, um dia a menos de carnaval - frio na barriga.

Na ansiedade, “recoo com o corpo e avanço com o olhar” (EUGENIO, 2019b, p. 14). Enquanto esperamos, subo em um degrau no canto da rua, de onde tento capturar tudo - que música toca, quem são essas pessoas, como chegam, o que dizem, o que usam, como parecem se sentir. O bloco nem começou ainda, mas meus olhos se movem inquietos em busca de alguma cena extraordinária. De um território firme e distante, cara limpa e corpo sóbrio, faço anotações pelo celular. Rapidamente as palavras preenchem o bloco de notas vazio, até que me pego escrevendo coisa qualquer.

“Não perca seu tempo com esse tipo de besteira” (CASTANEDA, 1995, p. 26), é uma das primeiras orientações do feiticeiro Dom Juan ao antropólogo Carlos Castaneda que, empolgado com sua nova pesquisa, se põe a preencher formulários e escrever tudo que se passa no encontro entre os dois. Tomo o conselho para mim: de nada serve anotar qualquer coisa, anoto como um lembrete e guardo o aparelho de volta na pochete. Viro o último gole, agora quente, da cerveja que estava esquecida entre os dedos. Abandono o posto da pesquisadora neutra e retorno à rodinha onde os amigos seguem conversando empolgados.

Um ambulante liga uma pequena caixa de som, despertando nos mais próximos os primeiros movimentos de dança. Um amigo toma um quartinho, empolgado com as 150 batidas por minuto que chegam, sem cerimônia, rasgando a manhã. Me oferece, mas recuso. Pondero uma terceira lata, mas hesito. É cedo ainda, e quero estar presente nesse e nos outros blocos que se seguirão. O dia é longo, e se a alteração dos regimes de sensibilidade pode potencializar a experiência, basta um descuido para me perder no fluxo intenso do carnaval - onde muita coisa acontece, mas pouca coisa dura. Qual a dose ideal? Qual o limite? Quais os agenciamentos? Cada escolha do dia vai interferir - não se sabe como - nos resultados - não se sabe quais. Tomo uma água para aliviar o calor.

O bloco vai sair do outro lado da praça, um grito anuncia. Os músicos sopram as primeiras notas, e toda a gente dispara numa corrida desordenada para alcançar o cortejo e se

aproximar do som. Quanto mais perto, mais apertado fica. As ruas se estreitam, dificultando a missão. Em um instante, a concentração tranquila vira um mar de gente. Alguns velhinhos e pais com crianças pequenas tomam o contrafluxo para fugir do afunilamento. Um táxi que passava desavisado por aqui fica comprimido pela multidão, e os foliões não hesitam em bater nos vidros, acenar, fazer piadas e convidar os passageiros para a festa aqui fora. O taxímetro conta os segundos, mas eles não sairão dali tão cedo. Uma avalanche alegre desperta a manhã.

Sol queimando, quarenta graus, sensação de cinquenta. Todo o corpo arde. Pressiono um gelo cedido por um camelô contra a nuca, a gota gelada percorre as costas. Centenas de corpos aglomerados na rua. Centenas de imagens, toques, gestos, vozes por segundo. Mais uma cerveja, alguns passos adiante e a marcha vai se tornando mais fluida, o riso ainda mais frouxo e o coro cada vez mais forte. Não adianta mais lutar contra o suor, a falta de espaço e alguns pisões acidentais no pé - “mete o cotovelo e vai abrindo caminho [...] / é aqui nessa praça que tudo vai ter de pintar” (VELOSO, 1977). Entre apertos e empurrões, encontramos encaixes possíveis. Contrariando o automatismo cotidiano, nos olhamos com menos desconfiança, até os rostos desconhecidos ficarem quase familiares.

Muita coisa acontece, tudo se passa muito rápido. Não demora muito para surgirem algumas mandíbulas travadas, olhos vermelhos e batons borrados. Uma discussão quase dispara uma briga, apartada rapidamente pelos amigos dos dois homens que se encaram. Três foliões se beijam intensamente e nem percebem o breve tumulto que se formou ao seu lado. Uns cinco adolescentes com o ‘cabelinho na régua’ descolorido passeiam pela multidão, um segurando no ombro do outro, os olhos brilhando fitando a festa. Que isso? Um deles pergunta desconfiado a um jovem barbudo, que leva o dedo mindinho a um saquinho plástico e depois à boca. Sal, ele afirma prontamente, e o menino repassa a resposta aos amigos, e riem sem entender muito bem. Uma criança que dormia no colo da mãe acorda no susto, sem saber se chora ou se ri.

Entre os mais variados estímulos, vindos de todas direções, um grito se destaca e cresce em contágio. ‘Beija, beija!’, faz o coro para o casal de velhinhos que acena sorridente do alto, emoldurados pela janela de uma casa verde. Eis a imagem bonita que eu buscava mais cedo. Cuidadosamente, espremida entre tantos corpos, abro a pochete, tiro o celular, fecho o zíper, ligo a câmera, volto à janela - perdi o beijo, fiquei para trás. Na ânsia de capturar o momento, acabo por perdê-lo - a pesquisadora toma uma rasteira do próprio dispositivo metodológico. O acontecimento não espera o tempo do registro, a cena é “imediatamente substituída por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera” (BONDIA, 2014, p. 21). A multidão já se ocupa de outras tantas coisas, e é inútil querer reter todas elas. Digito poucas palavras avulsas no aplicativo de notas e corro para alcançar os amigos que perdi de vista.

2.6 Toda a cidade arde

Colada na corda os pés mal tocam no chão. Os ombros e braços estão grudados em quem está ao lado. Na nossa frente, os músicos emendam uma música na outra, enquanto um homem negro grita rouco orientações para manter o cordão de pé: não empurra! Segura! Segura! Atrás de nós, gente a se perder de vista. Os corpos nos pressionam contra a corda, querendo avançar. Faço força pra trás, para me manter firme no chão e frear a marcha. Ao mesmo tempo, me sinto leve. Respiro fundo, levanto os braços para sentir uma pouca brisa que corre sobre as nossas cabeças.

Água?, me oferece um amigo. Água?, pergunto. Não. Sorrio e mato minha sede. Estamos encharcados - se é de suor ou pelos baldes d'água lançados dos sobrados, pouco importa agora. As purpurinas vão passando de um corpo para o outro, e não há quem saia ileso. Pelos encontros, trocas de adereços, suores, salivas, goles. As maquiagens já derreteram e algumas fantasias começaram a se desfazer, deixando pedaços de tecidos brilhantes pisoteados no chão de paralelepípedos. Cores, peles, panos, bocas, brilhos. Tudo fora do lugar, incrivelmente caótico e bonito.

O molhado dos corpos confunde frio e calor. Uma mulher vestida de nuvem atira água de um borrifador para o alto, fazendo chover em nós. É como se cada gota estalasse no contato com a pele. Arrepio - um tanto prazer, um tanto incômodo. Ela sorri. Quase me esqueço, mas meu braço segue enlaçado com a corda. Ao meu lado, alguns homens e muitas mulheres a seguram também. Uma multidão de corpos nos empurram para a frente, nós empurramos de volta. Nessa estranha dança espremida, ao som de tradicionais marchinhas de carnaval, os passos vão ganhando cadência - ora mais disputa, ora mais consenso. Em meio à dança, ao aperto, à água jogada pelas janelas, aos furtos imperceptíveis, repito o procedimento de antes: abro a pochete, tiro o celular, fecho o zíper, abro o bloco de notas. Escrevo alguma cena, pensamento, sensação, afeto. Sem compromisso com coerência, qualidades e explicações as palavras fluem, formando um estoque de imagens múltiplas, abertas e fragmentadas, que não sei ainda a que servirão - “o tempo da análise virá mais tarde” (FAVRET-SAADA, 2005, p. 160). Entre um bloco e outro - o de notas e o de carnaval -, o corpo dançante, as mãos firmes, os olhos atentos, concentrada no arriscado gesto.

Quando as palavras parecem suficientes, abro o zíper, guardo o celular, fecho a pochete. Posso novamente dispersar a atenção, deixar a onda fluir e deslizar na multidão. E tão logo começo a “perceber as coisas com mais intensidade, as cores, as texturas, as relações entre as

formas” (VELOSO, 1997a, p. 225), os sons, as presenças. Perto de mim, rostos familiares - mínimo contorno e aconchego. Toques, olhares e sorrisos largos são comunicação suficiente: sim, eu sei! É, eu também! Pupilas dilatadas, risos frouxos, beijos fáceis. Corpos porosos, desejosos, apaixonados. Já não sei bem onde termina meu corpo e onde começa o do outro. Tudo se mistura, se dissolve e me invade. Aceito, me dissolvo também. Estado líquido, mar de gente. Excesso de informações que se desmancham em segundos, dando lugar a outras, e mais outras - um quadro vivo que não para de se configurar. Com a corda encaixada nos braços, é ela quem me conduz enquanto descemos a ladeira. Faço força, mas mal sinto o peso. Sinto um vento soprar frio, e começo “a flutuar como uma pluma, para diante e para trás, para baixo, e para baixo e para baixo” (CASTANEDA, 1968, p 71). Não solto. Fecho os olhos e vou.

Os sons da multidão se misturam em barulho indiscernível, do qual destacam-se palavras, gritos, batiques e melodias mais próximas ou mais distantes, mais agudas ou mais graves, abafados ou amplos, contínuos ou pontuais que me chegam como retalhos sonoros quase aleatórios, parecendo ora música ritmada, ora puro ruído, ora quase silêncio. Sou tomada por “imagens caleidoscópicas, fantásticas [...] variando, alternando, abrindo e então se fechando em círculos e espirais, explodindo em fontes coloridas, reorganizando e se cruzando em fluxos constantes” (HOFMANN, 1979, p. 12). Abro os olhos, e as mesmas cores e tonalidades se alojam em formas um pouco mais definidas - rostos, roupas, árvores, casas, céu. Formas que aumentam, diminuem, vibram, se multiplicam, se borram, se misturam - nem tão definidas assim. As pálpebras pesam e ardem, mas não é sono. Talvez seja pela ativação desta estranha “experiência do olhar que é capaz de encontrar cem lugares diferentes num único” (BENJAMIN, 2013, p. 165). Espremo os olhos para encarar o sol, enquanto sinto seus raios penetrando a pele, que transpira por cada poro. Alguém me dirige a palavra, mas ela demora a tomar sentido. Demoro ainda mais para pensar em uma resposta, até que desisto. As letras me escapam, as formulações não parecem suficientes. Sensações do presente misturam-se com memórias do passado. Memórias de agora confundem-se com lugares outros. Palavras e ideias surgem soltas e se encaixam aqui. Tão logo desmancham e dão lugar a qualquer outra coisa. Em um ritmo crescente e caótico, é “impossível refletir um pensamento até seu fim” (HOFMANN, 1979, p. 20). Interrogação vira exclamação, afirmação vira dúvida, que se abre em reticências... Tudo e nada faz sentido. “Tudo se tornou flexibilidade aparente, vazios no pleno, nebulosas nas formas, tremidos nos traços. Tudo adquiriu a clareza do microscópio” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 101).

Vou ali procurar um banheiro, encontro vocês quando o bloco parar - ouço, enquanto uma mão toca meu ombro. Meus pensamentos se ligam de novo, submerjo - quer que eu vá

com você? Não precisa, não vou só. Reparo à minha volta enquanto vejo a amiga sumir pela lateral do cortejo. A festa está linda, os corpos entregues e alegres, o som faz tudo vibrar, e todo barulho parece música. É carnaval, toda a cidade arde - “de alegria, de euforia, de prazer de viver / e coisa e tal” (GIL, 1998). Sorrio com a cena e me recordo da questão: como no carnaval se presentificam as forças da cidade e as disputas do presente? Como no carnaval forjamos modos de resistir?

“Tudo fervilha e se movimenta por mil fissuras” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 69), e alguns lampejos parecem anunciar respostas. Solto a corda e deixo o bloco avançar um pouco. As mais diversas ondas se misturam. Como elas se conjugam aqui, ou não? Bêbados, caretas, fritos. Pegação, dança, riso, brincadeira. E também a função, as paranóias, atritos, brigas, assédios, discriminação - é preciso não esquecer. Reparo nos que passam por mim: suas cores, idades, fantasias, semblantes, gestos... Que pistas, aqui, para pensar o carnaval? E o que o carnaval tem a nos contar sobre a cidade? Que forças estão em cena? E o que fica de fora, à margem do cortejo ou da minha percepção? Tantas cidades acontecendo, podendo ou querendo acontecer. O casal que acabou de se conhecer - paixão intensa que pode durar quinze segundos ou mais de ano. A menina que experimenta ácido pela primeira vez, na dúvida se engole o papelzinho ou deixa por mais tempo embaixo da língua. O cara que esbarra em todo mundo com seus passos trôpegos e atrapalhados, e parece não dar a mínima. O garoto que veio trabalhar com o pai e conta o troco da cerveja que acabou de vender. A mulher que está passando o carnaval sem beber, carregando um futuro folião em potencial na barriga. A que veio de longe conhecer o tal carnaval do Rio de Janeiro. Centenas de pessoas que gritam ‘Marielle, presente!’, uma dúzia que, em resposta e para a surpresa de muitos, vaia. Os meninos pretos que, a poucas quadras daqui, estão sendo revistados de maneira truculenta pela polícia, evidenciando que a guerra às drogas tem alvo certo e que o paradigma proibicionista nada mais é do que uma “engrenagem para o racismo e a violência de Estado” (CFP, 2019, p.27)¹³. Tantas cidades em disputa, “oceano infinito, agitado por ondas turbilhonares” (ROLNIK, 2002, p. 1). Dessa vez tomo notas mentais, das quais espero me lembrar daqui a pouco - não quero perder essa música.

Voltamos ao ponto de partida. O cordão é largado no chão, os foliões tomam a praça, a banda sobe no coreto e segue tocando mais um pouco. Sol a pino, pausa para um respiro. Compro uma água e me sento no meio-fio. As pernas agradecem. Aproveito para fazer mais alguns registros - do incrível ao ordinário; do elaborado ao mais incipiente e nebuloso. Por mais

¹³ “A expansão da política repressiva chamada internacionalmente de guerra às drogas incide, na verdade, em determinados sujeitos e grupos sociais e tem produzido mais violência, morte e custos sociais do que os danos advindos do próprio uso das substâncias tornadas ilícitas” (CFP, 2019, p. 28).

que as pequenas letras do teclado do celular não parem de se mexer, faço um esforço - seria ingênuo confiar só na memória ainda na metade do dia. Minhas impressões vão sendo atravessadas pela conversa dos amigos, e em algum momento essas memórias já não são apenas minhas. Convido-os a pesquisar também. Um deles ri, achando que é brincadeira. Aos poucos vai entendendo que é brincadeira, mas é sério também, e entra na onda. Um ou outro dispersam, indo atrás da música ou de algum papo mais leviano. Alguém puxa uma referência que há muito está parada na estante, e uma outra que anoto para pesquisar depois. Dizemos das alegrias e dos estranhamentos, das experiências de agora e de outrora. Histórias vividas, testemunhadas, costuradas, inventadas. Entre memória, partilha e ficção, “misturo meus carnavais / e não distingo mais / fatos de ilusões” (VELOSO, 1997b) - e então, quando digo eu, não falo exatamente de mim, mas de algo que atravessa um “nós-enquanto-presente” (RODRIGUES, H. 2015, p. 13). O campo se expande. Sentados no chão, em uma roda no meio da rua, elevando o volume da voz para atravessar a cacofonia da multidão, uma nada convencional orientação coletiva.

Talvez este seja, de longe, o cenário menos provável para a realização de uma pesquisa. Talvez, à primeira vista, a pesquisadora pareça fora de si, ou dentro demais do seu campo - foliã demais para ser levada a sério. Não conheço nenhum livro de método que leve em conta que o pesquisador possa estar embriagado em seu ofício. No entanto, com exceção do prefeito que pede ao povo que não beba no carnaval¹⁴, todos parecem reconhecer que a embriaguez faz parte dessa festa irreverente e exagerada. Neste entremeio, a questão insiste: como forjar um corpo pesquisadora-foliã? Como compor estes lugares, sem que um devore o outro?

Talvez fosse possível negociar um justo revezamento. Talvez a foliã pudesse gentilmente ceder e sair de cena em nome do rigor e compromisso com a ciência. São só dois carnavais, afinal. Talvez a pesquisadora pudesse cumprir sua carga horária e depois tirar uma folga, permitindo que a foliã se jogue sem culpa ou preocupação com nada - cada coisa no seu tempo. Mas se “a efetiva realização do método não se cumpre sem o engajamento no concreto do terreno que habitamos em nossas pesquisas” (PASSOS, 2019, p. 135), de que nos interessaria esse jogo de cena?

¹⁴<https://brasil.estadao.com.br/noticias/rio-de-janeiro,crivella-pede-que-folioes-nao-bebam-muito-no-carnaval,70002179940>

Arriscamos, então, que sustentar a empiria em sua radicalidade seja justamente habitar essa corda bamba - meio bêbada, meio equilibrista, pesquisadora-foliã. Descartado o pedido do prefeito neopentecostal, seguimos com o apelo de Charles Baudelaire: “embriaguem-se; embriaguem-se sem descanso!” (1995, p. 322) - e, ao invés de limpar o campo e o corpo de possíveis impurezas e riscos, nos afastamos de uma moralopolítica (FOUCAULT, 2018) asséptica que faz tal aposta soar inadequada. No campo das palavras, descobrimos que botequim, botica e biblioteca partilham remotamente de uma mesma origem - o termo grego *apothéke*, que significa depósito (SIMAS, 2019a). Tendo isso em vista, talvez misturar saber, ciência e embriaguez não seja tão disparatado, nem tão inédito assim. No campo da experiência, podemos dizer que o boteco - primo distante da loja de fármacos e da morada dos livros, de onde nascem tantos sambas e blocos no tempo infinito das saideiras -, não apenas afirma um não-saber, como potencializa “um modo de saber tátil, exploratório, atmosférico e comprometido. Um modo que faz do saber, sabor” (EUGENIO, 2019a, p. 35).

Na rua, guiados pela boca, reformulamos a questão: como compor estas posições, até que uma devore a outra? Tomando a devoração em seu sentido antropofágico, no qual “só me interessa o que não é meu” (ANDRADE, 1990, p. 50), ensaiamos essa “justaposição irreverente que cria uma tensão entre mundos que não se roçam no mapa oficial da existência” (ROLNIK, 2002, p. 7). No lugar do revezamento disciplinado, pesquisadora e foliã assumem “uma vizinhança paradoxal entre heterogêneos, feita de acordos não resolvidos e não remetidos a uma totalidade” (ROLNIK, 2002, p. 6). Devoram-se, a fim de que ambas possam, enquanto atravessam essa experiência, tornarem-se mais fortes e não mais as mesmas.

Desanuviando o falso problema da dualidade, prioridade ou incompatibilidade, convém saborear os possíveis e tatear os mapas, de modo que “novos e diferentes aspectos da realidade possam surgir” (HOFFMANN, 1979, p. 87). Entre pesquisadora e foliã, o traço de união é o corpo. Entre experimentação e prudência, com “um certo grau de abandono e, ao mesmo tempo, um certo controle sobre si mesmo” (CASTANEDA, 1995, p. 124), vamos criando brechas para “perturbar o senso comum, a identidade de si, e o espaço-tempo, de levar o aqui e o agora a uma experiência limite” (RODRIGUES, S. 2014, p. 86), e fazer deste limite o território do pesquisar.

Sem dizer de saída quais agenciamentos servem e quais não, quais escolhas são boas ou más, o que legitima a experiência e o que a arruína, a aposta é viver o campo do mesmo modo - ao mesmo tempo - em que se vive a festa. Na costura desta metodologia ébria, partindo da singularidade de um corpo, buscamos aliar-nos àquilo que pode potencializar a experiência coletiva, abrir a percepção ao imperceptível, desfazer e refazer os contornos existentes, alargar

“o possível e o pensável, sinalizando outros mundos e outros modos para viver juntas” (EUGENIO, 2019b, p. 14), outras histórias a serem contadas aqui. Outros sabores, outros saberes, outra ciência, enfim. Descrentes do corpo neutro e desinteressadas pela distância asséptica, “a alegria é a prova dos nove” (ANDRADE, 1990, p. 51). Imersas nos fluxos e fluidos da cidade, brindamos a pesquisa e seguimos em pleno carnaval.

Quatro da manhã. Escorados uns nos outros, esperamos pelo ônibus. Deve estar vindo, já tem quarenta minutos. Tomara. O corpo vai relaxando, e pesando, e recaindo sobre si. As piadas ficam mais espaçadas, a conversa mais lenta. A cabeça está a mil, mas o cansaço não deixa o fluxo intenso se organizar. O bloco segue tocando a poucas quadras daqui. Muita gente segue pulando - alguns quase automaticamente, retocando de tempos em tempos as doses químicas de energia. Tem gente chegando agora também. Sóbrios e impecáveis, enquanto restamos aqui, derrotados, exaustos. Há que se saber também a hora de ir embora, fazer a viagem de volta. Descansar, assentar a experiência, cuidar do corpo. Os pés encardidos latejam. A bateria acabou. O bilhete único está aqui - alívio. Aos poucos vou desligando, deixando ativa só a atenção essencial para chegar em casa. Pisco longamente. Não sei se passou um segundo ou quinze. O pensamento já está lá, em casa, no banho, na larica improvisada, na água gelada, no quarto bagunçado, na cama. Na cama. No sono. Na pesquisa. No Carnaval.

3 SINAL FECHADO¹⁵

3.1 Tem alguém assistindo?

Finalmente crio fôlego para encarar a escrivaninha, nem sei qual foi a última vez que consegui me sentar aqui. A cadeira está tomada por uma montanha de roupas, a mesa some sob uma pilha de textos, livros, cadernos, folhetos trazidos da rua, papéis avulsos com pequenas anotações: ideias, lembretes, listas de leituras, compras ou afazeres. Acúmulo de alguns dias, meses, anos. Não sei. Libero a cadeira, me sento e começo a organizar: jogo fora o que não serve mais, junto as notas ainda importantes, guardo os livros que já li, separo o que ficou pendente. Me deparo com tarefas não cumpridas, recordo insights esquecidos. Algumas palavras perderam sentido, ou precisaram ganhar outros. Outras parecem mais atuais do que já foram em qualquer outro momento. Perguntas de meses atrás, escritas com letra maiúscula em pequenos pedaços de papel, seguem sem respostas. Colo todas elas na parede, ao alcance da vista. Palavras soltas traçam possíveis mapas, mas não apontam qualquer saída.

No amontoado de coisas, encontro o calendário comprado no final do ano passado. Nenhuma folha arrancada, nenhum dia riscado. Ficou aqui esquecido, parado no tempo, aguardando para dar o *start*: primeiro de janeiro, dia um. O ano chegava sem muita promessa de renovação. Estávamos ainda caminhando até a praia, com lanternas, bebidas e cangas nas mãos, quando os fogos começaram a estourar lá longe. Tão perdidos estávamos, que perdemos até a meia noite. Um riso nervoso entre abraços e poucas palavras denunciavam que não sabíamos bem o que esperar, o que desejar. Os votos e frases clichês se davam "mais por inércia, costume ou tradição do que por convicção" (MIZOGUCHI, PASSOS, 2020). Tentamos fazer a fogueira da qual passamos o dia todo falando, mas ela acendia, levantava uma chama, despertava alguns gritos de comemoração e tão logo se apagava, restando nada mais que uma pequena brasa. Não importa o quanto abanássemos, quantos gravetos e folhas conseguíssemos encontrar. Fogo de palha.

Na ressaca da virada, assistíamos silenciosos ao novo presidente repetir seu compromisso de colocar o Brasil acima de tudo e Deus acima de todos. É com o estômago embrulhado que ouvíamos mais uma vez essa frase, agora não mais como slogan de campanha, mas como expressão máxima do projeto político eleito com cinquenta e oito milhões de votos.

¹⁵ (VIOLA, 1970)

“Para que o Brasil se encontre com o seu destino e se torne a grande nação que todos queremos [...], para que o Brasil inicie um novo capítulo de sua história”¹⁶.

Desde então, muita coisa aconteceu, pouca coisa mudou - tudo segue conforme o programa. Os discursos de ódio que conduziram todo o período eleitoral se intensificam. A violência se multiplica, se agrava e segue sendo legitimada por uma direita conservadora neoliberal, disfarçada - cada vez menos - sob a bandeira anticorrupção. Assassinatos e prisões políticas¹⁷. Intervenção militar. Desmonte do SUS. Ataque às universidades, cortes de verba para pesquisa científica. Gestos de arminha com as mãos, fuzis atirando do alto de um helicóptero, o governador comemorando a morte em rede nacional. Agressão contra casais LGBTs em ruas, bares, festas. Manifestação verde-amarelo pedindo um novo AI-5. Peça censurada, exposição cancelada - conteúdo impróprio. Entregador de startup alugando bicicleta de banco para trabalhar mais de doze horas por dia. O direito à aposentadoria sumindo do horizonte. Fake news se disseminando nos grupos de família. Grupos de família se desfazendo por culpa dos que ‘não sabem separar política e vida pessoal’. Internação compulsória e eletroconvulsoterapia defendidas por doutor que se diz antimanicomial. Travesti assassinada, seu corpo queimado para apagar os rastros. Fogo no Museu Nacional, atentado contra a história. Queimadas da Amazônia cobrindo de cinzas o céu de São Paulo. Sangue indígena derramado sobre suas terras assoladas. Praias sendo invadidas por óleo. Rejeitos e lama soterrando corpos. Gente perdendo casa por conta da chuva. Mãe perdendo filho por causa de tiro. Carro fuzilado por engano pelo exército, duzentos e cinquenta e sete tiros. O presidente nos conduzindo ao abismo com seu desgoverno irresponsável, perverso e fascista. O seu filho envolvido com a milícia; seu vizinho com a execução de Marielle Franco. Seus robôs na internet reverenciando o ‘mito’; seus seguidores nas ruas comemorando sua política genocida sem o menor embaraço. Em uma mão a bíblia, na outra a arma. Deus acima de todos, dizem. Para que o Brasil se encontre com o seu destino e se torne a grande nação que todos queremos. Para que o Brasil inicie um novo capítulo de sua história: “alguns vão morrer, lamento”¹⁸.

¹⁶<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-cerimonia-de-posse-no-congresso.shtml>

¹⁷ Diante das disputas do presente, é fundamental visibilizar os mecanismos e os jogos de poder violentos e criminosos que sustentam o projeto político em curso. No entanto, seguimos atentos à colocação de Cecília Coimbra, ao defender que “todo e qualquer preso pelo Estado é preso político” (BRANDÃO, et al., 2019, p. 408).

¹⁸<https://congressoemfoco.uol.com.br/governo/bolsonaro-sobre-coronavirus-alguns-vaio-morrer-lamento-essa-e-a-vida/>

Paro. Respiro. Pelo celular rolam freneticamente notícias, discursos e medidas que parecem anunciar o fim do mundo. A cada minuto um novo passo em direção ao abismo, que parecia estar a apenas um passo de distância. “Cada manhã traz notícias mais mortificantes que as da manhã anterior; [...] o ritmo das absurdidades anunciadas é tal que cada novo absurdo faz sombra ao precedente” (VIVEIROS DE CASTRO, p. 6), para amanhã já ser encoberto por outro, tornado minúsculo dentro da abstrata nuvem de armazenamento infinito e produção incessante. Acontecimentos convertidos em big data, sua materialidade se esfacelando diante de nós. Tudo tão conectado e tão disperso. “Todas as forças do caos falando em nome da ordem. Ordenando em nome do caos. Uma indistinção entrópica, anômica, entre ordem e caos” (VIVEIROS DE CASTRO, 2019, p.10). Acúmulo de alguns dias, meses, anos. Não sei. Quanto tempo já se passou? Quanto tempo ainda falta?

A vontade é de largar o corpo na cama e só fechar os olhos, ou distraí-los com uma série qualquer de qualquer site de *streaming*. Mergulho na inércia. Tem alguém assistindo? - a pergunta pula no computador, pausando o quinto episódio que se iniciaria automaticamente. Um clique e a trama segue se desenrolando com suas premissas previsíveis, a mesma narrativa atualizada com variações dos mesmos personagens de sempre, que “formam uma espécie de família-prótese cujo equilíbrio e mesmice nada tem o poder de abalar” (ROLNIK, 2002, p. 10). Entre curtos intervalos, feito a ação involuntária de piscar, confiro a tela do celular. As conversas em grupos de Whatsapp vão se acumulando; as notícias e conteúdos seguem enchendo as páginas e redes sociais em uma velocidade exaustiva, que faz doer na mesma medida em que anestesia. Nada muito novo, tudo muito e cada vez mais absurdo.

Para cada acontecimento, um punhado de memes, palavras de ordem, cartas de repúdio, *hashtags* e planos revolucionários com a consistência de um *like*. Lemos algumas, passamos o olho em outras, compartilhamos o que parece mais urgente ou polêmico - os *trending topics* do dia ou da semana. Vez ou outra checamos a fonte, acompanhamos as repercussões, arriscamos traçar alguma análise ou ouvir de fato o que alguém tem a dizer - porque há coisas importantes sendo ditas -; mas nossos gestos parecem cada vez mais irrelevantes e insuficientes. “Como não falar o que todo mundo já sabe, já ouviu, já leu, sobre a tempestade de abominações prometidas e realizadas que se vai abatendo sobre todos nós? Como continuar falando quando não há mais adjetivos suficientemente fortes para qualificar a situação e seus protagonistas” (VIVEIROS DE CASTRO, 2019, p. 6)? Diante do impasse, às vezes só bloqueamos a tela, silenciemos o aparelho e voltamos à série - próximo episódio em 3, 2, 1.

3.2 Eu tô só vendo, sabendo, sentindo, escutando e não posso falar¹⁹

O novo capítulo anunciado no discurso presidencial vem como um *déjà-vu*, uma reprise, uma assombração. Na cerimônia de posse, os mesmos pomposos rituais militares de sempre - fanfarra, cavalaria, bandeiras, fardas, armas. O mesmo orgulhoso hino nacional, com tiros de canhão compondo sua harmonia. A mesma faixa passando das mãos desses mesmos homens brancos para eles mesmos - ainda que, para serem fiéis à repetição, tenham precisado mover um golpe para impedir que a única mulher eleita e reeleita para o cargo na história do país concluísse seu mandato. Os mesmos ternos monótonos, a mesma elegante esposa ao lado, ligeiramente atrás - bela, recatada e do lar²⁰. A mesma promessa de que um novo capítulo está prestes a se iniciar.

O novo capítulo anunciado nada mais é que o velho projeto que se transforma, se expande, se intensifica e se modula na justa medida para seguir seu curso. A mesma narrativa atualizada com variações dos mesmos personagens de sempre: uma elite herdeira e detentora do poder; uma classe média que acha que é elite; corpos dissidentes tomados por inimigos - mulheres, negros, gays, lésbicas, travestis e pessoas trans, pessoas com deficiência, indígenas, loucos, favelados e todos aqueles que colocam em xeque as identidades hegemônicas, ou mesmo a estabilidade das categorias minoritárias, desdobradas em tantas outras. Dia após dia, vemos aquilo que parecia minimamente garantido se perder em um decreto, um grito, uma transação, um tiro - evidenciando que, na verdade, tal garantia nunca existiu. Eis a revelação aos que, munidos de alguns privilégios, puderam vibrar com os ares promissores de um período de redemocratização - como se em algum momento tivéssemos vivido alguma democracia de fato. Como se, após um lapso de vinte e um anos, ela tivesse sido restaurada. Falamos de retrocesso quando, na verdade, nem chegamos a avançar.

Se é verdade que ao longo deste período foram várias as conquistas no campo das políticas públicas, é também inegável que o que aconteceu durante o regime militar segue acontecendo até hoje, e já acontecia desde muito antes do golpe que o institui. O Estado - supostamente democrático e de direito - nunca deixou de matar, nem mesmo - muito menos - quando adjetiva sua polícia como pacificadora para se instalar nas favelas. O extermínio dos

¹⁹ (BUARQUE, 1972)

²⁰ Os adjetivos dão o título à matéria da revista *Veja* de abril de 2016, sobre a esposa do então vice-presidente Michel Temer: “a quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice”:
<https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>

povos indígenas e negro não cessa. O encarceramento em massa, que opera graves violações aos direitos humanos, só aumenta, assim como o lucro dos grandes grupos econômicos que apoiaram e financiaram a ditadura, e que seguem ditando os termos e arranjos por trás de cada governo, esteja ele mais à direita ou mais à esquerda do campo político - no palácio da alvorada, duas placas de metal, instaladas uma em cada lado do planalto - uma em um governo de direita, outra em um governo dito de esquerda²¹. Em ambas, a restauração voluntária do edifício assinada pelas mesmas grandes empresas (DEMOCRACIA..., 2019).

Graças à aprovação de uma lei de anistia “parcial, restritiva e recíproca” (COIMBRA, 2017, p. 327)²², a maioria dos crimes cometidos pelo Estado não foram investigados e esclarecidos; os agentes do aparato de repressão não foram responsabilizados; sobreviventes²³ e familiares seguem até hoje lutando por respostas e políticas de reparação, enquanto os arquivos continuam trancados a sete chaves. Esquecimento e silenciamento em nome da reconciliação nacional - feita à base de sangue e *fake news* desde que o Brasil é Brasil.

Os avanços que se deram na esfera macropolítica e institucional - conquistas de direitos, surgimento de políticas públicas na saúde, educação e direitos humanos, pautas voltadas a minorias sociais - se deram através de muita luta, mobilização popular e práticas de resistência - muitas delas gestadas durante o regime ditatorial -, e não por voluntarismo dos governantes políticos que, quando conveniente e necessário, seguiram e seguem lançando mão de medidas para silenciar e criminalizar movimentos e manifestações - como ocorreu em 2013 e 2016, com a aprovação da lei de organizações criminosas (nº 12.850/2013) e da lei antiterrorismo (nº 13.260/2016). Rebobinando grosseiramente as últimas décadas, o que se evidencia é um forte vínculo entre a democracia liberal que tanto defendemos e a ditadura civil-empresarial-militar do passado - um vínculo que não é exatamente de oposição. Na transição de um regime para outro, a permanência de discursos, atores, práticas, alianças. Não à toa, é no bojo dessa instituição democrática que, em 2016, entre calorosas evocações a deus e à família, um deputado homenageia um torturador da ditadura durante a votação de abertura do ilegítimo processo de impeachment da presidenta - presa e torturada durante o regime militar - e é

²¹ Um governo dito de esquerda uma vez que, como afirma de Gilles Deleuze, “não existe governo de esquerda, pois a esquerda não tem nada a ver com governo” (DELEUZE; PARNET, 1994, p. 31).

²² A lei apresentada pelo governo, sancionada em 1979, vai na contramão da luta por uma anistia ampla, geral e irrestrita: “anistia-se os torturadores e espera-se a boa vontade e magnanimidade do presidente general para com os militantes que não foram anistiados” (COIMBRA, 2017, p. 327).

²³ A escolha por dizer sobrevivente - e não de vítima, termo recorrentemente utilizado - parte da interpelação de Coimbra: “Eu não sou vítima de nada: eu sou sobrevivente. Porque acho que a palavra vítima te coloca num certo lugar, te submete, te desqualifica [...] Sobrevivência não no sentido de sobrevida, mas de afirmar uma vida potente, de criar outros modos de estar nesse mundo, apesar das violências sofridas (BRANDÃO, et al., 2019, p. 420)

ovacionado, tanto no parlamento quanto na casa dos que batem panelas e berram xingamentos misóginos janela afora, principalmente nas áreas mais elitizadas da cidade.

A família tradicional brasileira ficou acordada até mais tarde esta noite, em que a audiência da TV Câmara disparou como nunca. O circo está montado: cobertura 24 horas, a Esplanada dos Ministérios tomada de gente, cartazes, chuva de confetes. Deputados abraçando bandeiras, vestindo cordões, gravatas e broches verde-e-amarelo, posando juntos para fotografias nas quais comemoram antecipadamente a vitória. Uma festa, com transmissão aberta, mas uma seleta lista de convidados. Assisto da casa de amigas, espremidas no sofá, com um jantar improvisado depois de um dia quente e longo. Uma imagem de Brasil se escancara diante de nós. Homens agressivos e raivosos vociferam em nome de deus, das pessoas de bem, de suas famílias, esposas, filhos. Seus amigos, suas cidades, seus partidos, suas igrejas, sua nação. Algumas poucas mulheres também, talvez acreditando que possam um dia vir a ser um deles. Defendem o que entraram lá para defender: o boi, a bíblia, a bala. O mesmo.

O som que vem das janelas parece de dia de jogo. O Facebook vira arena de discussão, as amizades estremecem, sólidas relações familiares começam a rachar. Na sessão, um deputado justifica seu 'sim' exaltando os tempos da ditadura e prestando homenagem a um torturador. Como revide, um cuspe raivoso é disparado em sua direção por um outro deputado, que tem um lenço vermelho enrolado no pescoço - os conservadores se revoltam com tamanha a violência. Do sofá, assistimos atônitas à institucionalização do golpe e a normalização de discursos fascistas - e, sem qualquer simetria, o cuspe é parte do show. E então vamos murchando, nos dando conta de que somos uma minoria ainda maior do que pensávamos - do que parecemos ser na universidade em que estudamos, nas festas que frequentamos, nos círculos que mantemos em nossas redes sociais. Não volto para casa esta noite. O eco dos gritos e das panelas pedem por companhia amiga, no espaço seguro entre quatro paredes. Nada disso é inédito, mas um medo diferente arrepia a espinha.

O que nessa noite se apresenta na cúpula do congresso vai se espalhando pela cidade, se fazendo cada vez mais presente e descarado. Ou tudo isso já estava aqui antes, e nós apenas apuramos o olhar? A bandeira do Brasil ganhou outros sentidos, a cor vermelha também. Um domingo desses, uma mulher foi cercada na praia de Copacabana por uma multidão que parecia ter saído de um jogo da seleção, apenas porque vestia uma camiseta vermelha. Ela encarava assustada uma multidão fervorosa que a xingava, gritava e avançava em sua direção: *petralha*,

comunista, bandida, puta. Saiu escoltada pela polícia para longe da manifestação pacífica de direita - realizada aos domingos para não impedir o direito de ir e vir. Desde os protestos de junho de 2013 - que começam contra o aumento das tarifas de ônibus e eclodem em tantas outras pautas, reivindicações, desejos e revoltas das mais múltiplas, confusas e mesmo incompatíveis -, as ruas não são mais espaço privilegiado, quase exclusivo da esquerda. Por mais que naquele momento muitos gritassem 'sem partido' enquanto queimavam ou viam queimar bandeiras, grupos alinhados com as políticas conservadoras, que sempre prezaram pelo espaço privado com fronteiras muito bem delimitadas, se afeiçoavam e ocupavam também esse campo de disputa, que sofria um abalo sísmico cujos efeitos seguimos tentando elaborar. Em meio à efervescência dos movimentos insurgentes e aos gritos de que o gigante acordou, a direita vem para a rua.

Polarização crescente, ódio a céu aberto. Desconfio do vizinho, do porteiro, do senhor da fila do supermercado, da motorista que para ao meu lado no sinal, dos adolescentes que conversam no banco da orla da praia, do homem que me cede lugar na fila do ônibus, do casal na mesa ao lado que reclama do preço do dólar enquanto planeja a viagem das próximas férias. Busco nos detalhes sinais de aliados - olhares, broches, camisetas, adesivos... O que eu havia colado na cesta da minha bicicleta foi arrancado nos trinta minutos em que ela passou presa em um poste no Centro da cidade. Eram duas palavras apenas: ele não. Teria sido a mesma pessoa que colou um chiclete no pedal, que eu só notei ao fim do dia? Oscilo entre coragem, paranoia, raiva, medo, desânimo, enquanto vou me dando conta de que talvez estas forças reacionárias nunca tenham arrefecido, "mas apenas feito um recuo estratégico temporário à espreita de condições favoráveis para sua volta triunfal, retomando seu looping que parece nunca ter fim" (ROLNIK, 2018, p.100). Não é de hoje que essas condições vêm sendo gestadas - nas engrenagens do estado e nas miudezas cotidianas. Do ridículo ao sinistro basta um piscar de olhos: até pouco tempo atrás, poucos levariam a sério se dissessem que o deputado polêmico, que nunca apresentou qualquer projeto relevante em seus vinte e sete anos de atuação política, viria a ser eleito presidente deste governo que já não hesitamos mais em adjetivar como fascista. Fazemos a volta e retornamos ao mesmo lugar. Estamos encarando o abismo, ou já caímos faz tempo? Quem ainda consegue permanecer de pé? Tem alguém assistindo?

3.3 E que me ofende, humilhando, pisando, pensando que eu vou aturar²⁴

O cenário é sufocante, do desconforto intermitente à mais concreta mortificação. Daqui, sentada de frente para a escrivania, encarando minha mão pálida e suada, com as veias saltadas e as cutículas machucadas ao redor das unhas, preciso lembrar de puxar o ar e deixar que as palavras me conduzam no encadeamento de uma memória à outra. Em Minnesota, Estados Unidos, um homem negro é assassinado por um policial que o joga no chão e se ajoelha em seu pescoço. ‘Eu não consigo respirar’, George Floyd diz repetidas vezes antes de ser morto por asfixia²⁵. Entre um e outro, um abismo irreparável. Mas algo de lá ressoa aqui, algo da ordem do insuportável - talvez esta mesma atmosfera sinistra, que envolve um planeta “saturado de partículas tóxicas do regime colonial-capitalístico” (ROLNIK, 2018, p. 29). Esse velho regime, que persiste e se apresenta cada vez mais fino, mais sofisticado. A semelhança com o caso de Pedro Gonzaga, que morre sufocado por um segurança em um supermercado pouco mais de um ano antes no Rio de Janeiro, não é coincidência²⁶. E apenas seis meses após o assassinato de George Floyd - e de toda a comoção, mobilização e revolta que então estourou nos Estados Unidos e chegou ao Brasil, com um rouco e insistente grito coletivo de que vidas negras importam -, mais um nome vira notícia e entra para a estatística: João Alberto Silveira Freitas morre no chão do estacionamento após ser espancado por dois seguranças - um deles policial militar - de uma outra rede de supermercados, em Porto Alegre²⁷. Com as singularidades de lá e de cá, a necropolítica (MBEMBE, 2018) avança, incidindo muito mais sobre alguns corpos que outros. Há algo que no decorrer dos dias se repete, mas que no acúmulo de repetições já não é só o mesmo. É o mesmo, mas é mais. É pior - é possível?

Encarando esse amontoado amorfo de notas, materiais e lembranças, vão surgindo relevos. Atualizando o calendário, que agora aponta para o dia de hoje, hesito: como apontar para o que se repete sem apagar o que há de novo, sem descontar os nomes que compõem as estatísticas crescentes, sem cair no discurso paralisante de que foi sempre assim? Se não é de hoje que o Estado opera sobre a vida e a morte, fazendo conviver em perfeita harmonia e colaboração sua dimensão produtiva - interessada em corpos dóceis e úteis - e sua função assassina (FOUCAULT, 2005); essas mortes parecem cada vez mais próximas, mais explícitas.

²⁴ (BUARQUE, 1972)

²⁵<https://oglobo.globo.com/mundo/homem-negro-morre-apos-ser-sufocado-por-policial-nos-eua-caso-gera-protestos-24448825>

²⁶<https://extra.globo.com/casos-de-policia/jovem-morre-apos-levar-uma-gravata-de-seguranca-em-supermercado-na-barrada-tijuca-veja-video-23453925.html>

²⁷<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/11/20/homem-negro-e-espancado-ate-a-morte-em-supermercado-do-grupo-carrefour-em-porto-alegre.ghtml>

Será que é por isso que parece mais grave? Ou seria pelo maior alcance e velocidade das notícias? Ou por termos chegado a um ponto em que os gestores da necropolítica não precisam mais prestar condolências e demonstrar pesar? É o destino de todo mundo²⁸, o presidente diz hoje, conferindo à morte um caráter natural, mera fatalidade que escapa ao nosso poder e está, inevitável e indiscriminadamente, posta para toda a humanidade.

No entanto, com uma rápida busca por notícias e números, os corpos inanimados ganham cor: em 2017, o Atlas da Violência aponta que 75% das vítimas de homicídio naquele ano eram pessoas negras. Em 2019, as taxas de suicídio de jovens negros foi 45% maior do que entre brancos. Enquanto os índices de feminicídio diminuem entre brancas, eles não param de crescer para mulheres negras, que são também as que mais morrem por aborto inseguro ou durante a gravidez. As estatísticas que nos fazem ter a polícia que mais mata e morre no mundo seguem o mesmo padrão. A cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no país. Sob o suposto caráter democrático da morte, tão democrático quanto nosso regime político assentado em sistemáticas violências e violações de direitos para a grande maioria da população, ocultasse - cada vez menos - a velha fórmula que opera “o corte entre o que deve viver e o que deve morrer” (FOUCAULT, 2005, p. 304). Dentro de um regime de biopoder, o racismo é a “condição de aceitabilidade de tirar a vida” (FOUCAULT, 2005, p. 306), a estrutura que legitima uma política de morte - do outro - sob o argumento de defesa da vida - de uns. Vida cafetinada (ROLNIK, 2018), que deve ser instrumentalizada para e pelo capital, convertida em força de trabalho produtivo e reprodutivo. Bio e necropoder operando em sincronia, mantendo em movimento a máquina capitalística. A morte não como aquilo que escapa, mas um ponto nodal onde e a partir do qual o poder - “e não necessariamente o poder estatal” (MBEMBE, 2018, p. 17) - se exerce e se regula.

Com o passar dos séculos, o jogo se confirma ao mesmo tempo em que se modifica. Hoje, com o avanço do neoliberalismo, ancorado à globalização do mercado e às tecnologias digitais, cada vez mais corpos se tornam supérfluos, desnecessários aos novos meios de acumulação e produção - logo, morríveis. A nova estrutura econômica “não precisa de todos nós. Não precisa do nosso tempo. De verdade, não precisa de cada corpo, dos nossos músculos e energias ou mesmo da nossa inteligência coletiva e social” (MBEMBE, 2019a, p. 11). Quando só interessa aquilo que pode ser computado, o destino de todo mundo é essa “produção em escala massiva de corpos “descontáveis”, uma humanidade residual que é vista como descartável” (MBEMBE, 2019a, p. 10) - processo que Achille Mbembe (2019b) nomeia devir-

²⁸<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/06/a-gente-lamenta-todos-os-mortos-mas-e-o-destino-de-todo-mundo-diz-bolsonaro.shtml>

negro do mundo. Sendo assim, o artifício da raça para fundamentar o direito de matar é tão menos essencial quanto mais banal e institucionalizado. E a morte, esta condição humana implacável, precisa ser cada vez menos justificada, principalmente quando incide sobre corpos que desde o período de colonização e escravização tiveram suas humanidades negadas.

O diagnóstico do filósofo camaronês sobre os rumos do mundo cruza o Atlântico e aporta aqui, se materializando com um horror singular. Na vinculação entre fascismo, fundamentalismo e neoliberalismo, faz-se essa “mistura tão nossa de capitalismo e escravidão, de publicidade de coworking, de rosto jovem de desenvolvimento sustentável e indiferença assassina com a morte reduzida a efeito colateral do bom funcionamento necessário da economia” (SAFATLE, 2020, p. 4). Em nossa necropolítica tropical (PELBART, 2019, p. 196) o genocídio do povo negro caminha ao lado do recorde mundial de assassinatos a LGBTs²⁹, ao mesmo tempo em que as grandes empresas incorporam valores como representatividade, igualdade, liberdade, inclusão - os mesmos que o Estado não precisa se dar ao trabalho de adotar.

Em um cenário de medo, insegurança e precariedade, os discursos hegemônicos são movidos ao ódio por tudo que se apresenta enquanto diferença, ao desejo pela morte do outro e do que há do outro em nós. Tendo como pano de fundo a crise econômica, o plano de emergência é de destruição: de políticas públicas, pastas, ministérios, movimentos insurgentes, universidades, recursos naturais, casas, gente e o que mais entrar no caminho. “A crise presente, permanente e omnilateral, já não é a crise clássica, o momento decisivo. Pelo contrário, ela é um final sem fim, apocalipse sustentável, suspensão indefinida, diferimento eficaz do afundamento coletivo e, por tudo isso, estado de exceção permanente” (INVISÍVEL, 2016, p. 28). O looping toma forma de uma vertiginosa espiral, que arrasta cada vez mais corpos em direção ao exercício soberano de fazer morrer. Há saída para além da pura e simples destruição? Como superar esse quadro permanente, disso que se repete e se agrava? Ou, na contramão do “flerte contínuo com a morte generalizada” (SAFATLE, 2020, p. 4), que vida podemos ainda afirmar?

²⁹Ao pensar, indissociavelmente, políticas de morte e de desejo, é necessário destacar a última letra da sigla do movimento: o Brasil é o país onde mais se assassinam travestis e transexuais no mundo e, ao mesmo tempo, onde mais se consome pornografia com pessoas trans. (<https://revistahibrida.com.br/2020/05/11/o-paradoxo-do-brasil-no-consumo-de-pornografia-e-assassinatos-trans>)

3.4 E quem me vê apanhando da vida duvida que eu vá revidar ³⁰

Acordo no susto. Da saída de som do computador, vários gritos entrecortados. Adormeci no meio de um episódio, a cena agora é de uma discussão exaltada entre os protagonistas. Um tanto confusa, fecho a tela e volto a dormir, antes que perca o sono de vez. Outro dia nasce. O despertador toca. Aciono a soneca. Desperta novamente, desligo. Tive um sonho turbulento, mas não consigo me lembrar direito. Tampouco me esforço. Desconecto o cabo do carregador, abro as redes sociais e fico ali, meio dormindo, meio acordando, até perder a hora e precisar correr.

Mais uma vez um carro me fecha nesse semáforo. Toco a buzina mais pelo desabafo do que esperando ser ouvida pelo motorista isolado em seu caixote (SIMAS, 2019a) metálico com janelas de vidro fumê. Respiro fundo e sigo pedalando a caminho da universidade. Já chego com as moedas separadas para o café, mas as mesinhas não estão no pilotis, de novo. A reitoria não gosta muito que as pessoas vendam cafés, balas, salgados, bolos ou o que for aqui dentro, e vez ou outra tenta barrar a prática. Sem café, então. Os elevadores não estão funcionando de novo, o porteiro logo avisa. Subo de escada, ofegante já no segundo lance. Passo no banheiro para jogar uma água no rosto, leio no dispenser de papel toalha o slogan da nova empresa de limpeza terceirizada: nós confiamos em Deus.

Encontro no corredor um rosto conhecido: um amigo fuma um cigarro encostado na janela. No parapeito, ao lado do cinzeiro, vários vasinhos de plantas bem cuidadas, cada uma com uma plaquinha de identificação da sua espécie. Me aproximo: E aí, tudo bem? “Eu vou indo, e você, tudo bem? / Tudo bem, eu vou indo” (VIOLA, 1970). O cansaço dá o tom dos dias, e falta assunto para além do caos político e a constante iminência do fim do mundo. Dividimos uma fresta de sol enquanto ele termina seu cigarro. Na sala de aula a conversa ganha um pouco mais de lastro. Articulado estudos, ideias, sensações e experiências, ensaiamos respostas e perguntas que possam dar passagem a outros afetos e operar algum desvio de rota.

Na volta para casa, passo pela praça em frente à universidade buscando algum rosto familiar, mas já não conheço mais tanta gente por aqui. Os trailers e ambulantes estão chegando, algumas crianças brincam no parquinho, os bares em volta estão ainda armando as mesas. Do

³⁰ (BUARQUE, 1972)

outro lado da rua, o bar em que bebíamos toda semana no início da faculdade está vazio - tem estado, desde que a prefeitura proibiu que eles seguissem colocando suas mesas na rua. Sentada em uma cadeira no canto da calçada, a proprietária observa o movimento com um olhar caído, apoiando a cabeça em uma das mãos. Me lembro dela há anos atrás: já nesse horário, estaria juntando mesas, recolhendo cascos de cerveja, dando conta da fila caótica de estudantes que se formava para comprar litrão a seis reais, limpando o suor do rosto com uma toalhinha que não saía do seu ombro. Há tempos não tenho notícias de alguns amigos com quem rotineiramente partilhava a mesa e a prosa, sempre atentos à proximidade dos ônibus que faziam uma curva fechada demais e ao declive do meio-fio que fazia a cadeira tombar. A jukebox que tocava a noite toda sumiu da parede. O banheiro apertado em cima da escada segue exalando aquele misto impregnante de desinfetante e amônia, mas agora só é liberado para quem consumir no bar. Ela, que já não era de muita conversa, parece ainda mais séria. Nos cumprimentamos de longe - “quanto tempo, pois é, quanto tempo” (VIOLA, 1970) -, e sigo meu caminho.

Depois de um banho quente, apago as luzes e me deito, “em busca de um sono tranquilo, quem sabe” (VIOLA, 1970). Conecto o celular no cabo do carregador, ajusto o alarme, abro o aplicativo da rede social e começo a rolar *selfies*, notícias, paisagens, homenagens para aniversariantes, fragmentos de livros, refeições e xícaras de café que centenas de outras pessoas compartilharam ao longo do dia - *stories* pra dormir. Apesar do cansaço, sigo inquieta. Ligo o computador e coloco a mesma série da noite passada, voltando ao ponto em que me lembro de ter parado. Assisto até cair no sono. Um marasmo mascara a vertigem do abismo. Não foi hoje que o mundo acabou. Por mais que ele tenha acabado ontem, e há tanto tempo.

3.5 Eu vejo a barra do dia surgindo, pedindo pra gente cantar³¹

Uma esquerda³² assustada e perdida corre de um lado a outro, grita uma coisa e outra, e vê a todo tempo seus movimentos fracassarem diante da consolidação deste velho projeto com suas novas técnicas de captura e aniquilamento. Fala-se sobre fragmentação política, crise, polarização, ausência de projeto, retrocessos nas políticas públicas, captura de movimentos e pautas, despolitização, ultra-política, distanciamento ‘das massas’... Mas as notícias nos

³¹ (BUARQUE, 1972)

³² Sem qualquer pretensão de apresentar um sentido unívoco do que seria ‘a esquerda’ no Rio de Janeiro ou Brasil, interessa, a partir de experiências singulares e perspectivas parciais (HARAWAY, 1995), pôr em cena discussões que atravessam esse campo amplo e múltiplo dos que, provocados por algo que acredita-se ser “da ordem do insuportável vivido hoje [...], experimentado desde uma perspectiva coletiva” (SOUZA, 2019, p. 198), se vinculam e se identificam com posicionamentos de esquerda - posição em inacabada feitura e constante tensionamento.

atropelam antes de conseguirmos traçar quaisquer estratégias de luta. Argumentos e discussões sérias se perdem diante das tentativas desesperadas de explicar o óbvio, de desmentir o falso, de rebater o aberrante. “Assistimos à nossa volta - contra nós - a uma deterioração funcional da linguagem, reduzida a palavras de ordem (a palavras de caos), de ódio e de desprezo” (VIVEIROS DE CASTRO, 2019, p. 5). Seja nos pronunciamentos oficiais, entrevistas e declarações do presidente, de seus filhos e seus ministros, marcados por silêncios convenientes e respostas estrategicamente aberrantes; seja nas frases prontas dos que vestem verde-e-amarelo, que sempre acabam em alguma menção a Cuba, Venezuela, ou ao Partido dos Trabalhadores; ou mesmo na tentativa de disputar com estas narrativas, caímos rapidamente “na infantilização dos discursos provocativos, reduzindo a política à pirraça e a provocação virtual” (AMADO, 2019, p. 58).

Através das réplicas, tréplicas e viralizações debochadas, que reduzem questões tão densas à linguagem instantânea dos memes e tuítes, nos entretemos e nos desgastamos, anestesiados com doses homeopáticas de humor e estimulados por cada notificação que nos chega pela tela. E “não podemos evitar o sentimento de que perdemos todas as batalhas, uma após a outra; porque elas se deram num plano ao qual ainda não tivemos acesso, porque reunimos nossas forças em torno de posições já perdidas” (INVISÍVEL, 2016, p. 81). Compartilhamos que ‘não vai ter copa’ ou golpe, que ‘não passarão’, ‘que manicômio nunca mais’, ‘ele não’, ‘nenhuma a menos’. E eles passam, com a copa, com os golpes, com os manicômios em novas ou velhas formas, violando e violentando os direitos e corpos de mulheres.

Insistimos em apontar para a verdade dos fatos, para o legítimo e o ilegítimo, para provas e evidências, esperando que alguém interceda pelas mesmas vias jurídicas que nos possibilitaram chegar até aqui. Mas poucos escândalos, denúncias e investigações que vêm à tona bastam para confirmar que o que mobiliza os apoiadores do atual governo não é o combate à corrupção. Poucas tentativas de explicar em algum grupo de Whatsapp que a notícia que circula é falsa são suficientes para se perceber que tampouco se trata da verdade. “As proposições em circulação se medem por seu valor de mentira” (VIVEIROS DE CASTRO, 2019, p. 5), e o que interessa é o alarde, o medo e, claro, a continuidade da corrente de compartilhamentos, já que “na era das redes, governar significa assegurar a interconexão dos homens, dos objetos e das máquinas, assim como a livre circulação - isto é, transparente e controlável - da informação assim produzida” (INVISÍVEL, 2016, p. 126). Ainda assim, apostamos no jogo hiperconectado das redes, ignorando os lucros que enredam este território supostamente livre e democrático - no qual somos consumidores, produtores e mercadoria,

devoradores ávidos do mesmo. As infinitas linhas das políticas de privacidade e termos de uso de aplicativos e plataformas nos contam, sem muito alarde, que não há tanta autonomia assim. “Quanto mais fluido, mais governável; e quanto mais governável, mais democrático” (INVISÍVEL, 2016, p. 82) - declaro que li, estou ciente e desejo continuar.

E na mesma velocidade com a qual nos atingem os discursos reacionários, tentamos reagir. Ora disparamos certezas imediatas diante da fiscalização constante. No primeiro deslize, cancelamos ou somos cancelados, ofendemos e nos ofendemos com facilidade, jogando ao outro todo o peso e culpa pela nossa impotência e frustração. “O ressentimento se tornou o afeto veicular dominante” (VIVEIROS DE CASTRO, 2019, p.5), e tretas, textões-cobertos-de-razão, respostas ácidas e lacradoras tomam o espaço de possíveis diálogos e aproximações. Vigilantes e vigiados, aptos e ávidos por detectar qualquer falha ou titubeio, a zona de sociabilidade online vai se tornando um campo minado, que tentamos percorrer sem deixar explodir a imagem que meticulosamente criamos de nós. No jogo da polêmica, hesitar é um erro e não se pode não saber. “Os interlocutores não são incitados a avançar, a se arriscar no que dizem, mas a encerrar-se continuamente nos direitos que reivindicam, na legitimidade que precisam defender e na afirmação da sua inocência” (FOUCAULT, 1999, p. 19) - que não se sustenta por muito tempo, dado que na arena algorítmica estes interlocutores são todos e ao mesmo tempo ninguém.

Ora as mesmas certezas racham frente à complexidade do jogo e às questões do presente, e sem amparo de uma verdade absoluta ou uma figura exemplar derrapamos nas dúvidas, no medo do equívoco, do dissenso. Talvez desejássemos um mito do lado de cá também. Na falta de um, melhor dizer pouco e percorrer curtas distâncias. O *like* vira a medida da prudência e ausentar-se, por vezes, parece mais seguro - e a própria crítica a esse modo de operar das redes serve como possível argumento para nos blindarmos de apontamentos que toquem em certas feridas e convoquem reposicionamentos. Mas se não por aí, por onde? O que é ferramenta, o que é armadilha? Ou a pergunta seria em que medida, de que modo?

A pressa por respostas nos impede de durar em questões, de extrair dos problemas gestos de problematização. Sem negar a urgência de inventar modos de reexistir, como fazer outra coisa que não apenas reagir ao reacionário? Ainda, como não esvaziar a importância dos movimentos e discussões que avançam por essas vias, que alcançam muitos que até então estiveram à margem dos debates políticos, que forjam novas conexões e incluem novos sujeitos de enunciação no campo de disputa? Ou, “o que significa agir em conjunto quando as condições de ação conjunta estão destruídas ou entrando em colapso” (BUTLER, 2018, p. 29)?

Se insisto ainda nas perguntas não é por saber respondê-las. Se despejo aqui esse punhado de palavras, memórias e interlocuções é porque estou também imersa nas redes, muitas

vezes afundada no sofá, na falta de perspectiva, no medo, na sensação de impotência, no cansaço de “planejar, projetar ou sonhar incessantemente um país desejado que nunca ocorre” (COELHO, 2019, p. 208). Em dia com a nova temporada lançada no final de semana passado, atolada com os prazos de escrita e planos de leitura. Talvez seja mais fácil, de fato, ficar em casa embaixo das cobertas maratonando mil séries que até abordam questões atuais e colocam em cena “experiências desestabilizadoras, porém anestesiando o desconforto, domesticando o estranhamento, apagando seu fogo problematizador, fazendo com que tudo pareça voltar ao mesmo” (ROLNIK, 2002, p. 11). Mas esse mesmo que temos para voltar não nos cabe, e tampouco temos algum outro território firme para ancorar. Nos agarramos a palavras, conceitos e ideias que nos fazem sentido, mas os sentidos caducam nesse fluxo que não damos conta de acompanhar. Fora da trama, tudo parece muito chato ou perigoso demais. A rua está hostil, a cerveja está cara, os memes repetitivos - e nós também. “O nihilismo está à espreita, o brutalismo é a nova norma e o desejo por um apocalipse não está longe” (MBEMBE, 2019, p. 23). Nos percebemos cansados sem sair do lugar; nos movimentamos mas tudo parece permanecer igual.

Sob condições precárias, de um modo ou de outro, dentro ou fora das redes - se é que cabe ainda fazer essa separação - buscamos saídas. Ansiamos pela revolta popular. Apostamos no alcance das ferramentas digitais. Focamos no trabalho de base. Lançamos notas de repúdio. Fazemos financiamento coletivo. Lutamos por representatividade. Fazemos assembleias e reuniões. Transamos. Rompemos vínculos. Resistimos em trabalhos precarizados, com salários atrasados e serviços desmontados. Fazemos festas. Lemos artigos. Escrevemos poesias, dissertações, declarações. Compartilhamos números e estatísticas. Vamos às ruas virar voto. Nos engajamos em pesquisas e grupos de estudos. Criamos espaços de acolhimento e cuidado. Fazemos arte. Nos aproximamos das crianças e da educação. Ou da terra e da colheita. Vamos às ruas manifestar. Deixamos o país... Dentre as mais variadas estratégias e possíveis, algo nos atravessa: estamos tristes.

3.6 Eu tenho tanta alegria, adiada, abafada, quem dera gritar³³

Enquanto se acaba o mundo e colapsam as estratégias coletivas de luta, caminhamos lentamente até o bar - extensão das reuniões acadêmicas, não só pela conveniente proximidade geográfica, mas talvez “porque há algo forte demais, que não se poderia suportar sem o álcool” (DELEUZE; PARNET, 1994, p. 8). Juntamos as mesas e sentamos no mesmo canto de sempre.

³³ (BUARQUE, 1972)

Pedimos a mesma cerveja de sempre ao já conhecido garçom e, como sempre, brindamos. Entre manchetes estapafúrdias e causos cotidianos, a prosa sem começo nem fim vai costurando o presente distópico e seus novos episódios. Indignação e raiva, as falas se cortam e se complementam, o volume da conversa aumenta, a mesa de plástico treme com o calor do debate, até alguém trazer para a roda algum meme ou piada e cairmos na graça, rendidos ao ridículo cenário que somos obrigados a encarar. Chega a formar uma lágrima no canto do olho, mas a risada vai perdendo fôlego enquanto esbarramos na inevitável lamentação. ‘É, tá foda’, todos concordam. Alguns segundos de silêncio, contemplando o nada no centro da mesa. Alguém enche os copos, tomamos um gole, suspiramos e afundamos nas cadeiras. Uma sai para comprar um cigarro, outra vai ao banheiro, outro mergulha no celular para desviar do climão. Fico aqui, encarando a poça d’água que se formou ao redor do copo e faz caminho até a beirada da mesa. Fosse plana a terra, talvez as caravelas despencassem no espaço ao invés de aportar aqui - não teria sido de todo ruim. O garçom já vem trazendo mais uma, pelo menos os copos não ficam vazios. Fazemos um brinde: porque, na verdade, há algo forte demais que não se poderia suportar sozinho. Olhos nos olhos, sorrisos tristes, tomamos um gole, devolvemos os copos à mesa. Até que alguém fura o silêncio fúnebre: e o carnaval?

Não temos tempo de pensar em festa, algumas pessoas afirmam por aí, indignadas com tamanha futilidade e irresponsabilidade, e desatam a falar sobre aquilo que acreditam que deveria ser a prioridade no momento para qualquer pessoa que esteja minimamente ligada no cenário atual: não veem que estamos caindo? O país em crise, as pessoas morrendo e vocês pensando em carnaval? Ao mesmo tempo, com a chegada do verão em terras cariocas, se multiplicam as mesas na calçada, as festas de rua, os vestidos de alcinha, o burburinho de quem não quer voltar para casa e fica deambulando pela cidade em busca de alguma brisa, algum fresco, algum frenesi. Não há quem não se renda a mais uma ou cinco saideiras, mas a todo o tempo dados de realidade percorrem a atmosfera boêmia, que se densifica com as tensões, violências e embates da Cidade Maravilhosa: a criança que passa de mesa em mesa pedindo um trocado ou uma comida antes de ser enxotada para fora pelo garçom, a bolsa levada ao colo quando passa um grupo de meninos pretos, ou “quase brancos quase pretos de tão pobres” (VELOSO; GIL, 1993), o morador de rua que agride a companheira do outro lado da calçada, o amigo que diz que a ex-namorada louca devia ser internada no hospício - uma brincadeira, claro, ele diz -, a notícia de mais uma chacina em um baile funk tão perto e ao mesmo tempo

tão distante daqui... Vez ou outra, a cerveja ganha notas de culpa, e foliões apaixonados minimamente ligados no cenário atual se acanham e se perguntam se, de fato, há espaço para festejar enquanto tantos corpos tombam. Que condições para a alegria quando a política é de morte?, urge perguntar.

No entanto, é de se estranhar quando nossas discussões se avizinham demais de discursos moralistas e conservadores, como os que apontam para a alienação do povo que em meio a tantos problemas só quer saber de farra: ah, mas se toda essa gente que sai para pular o carnaval fosse às ruas lutar contra a corrupção, ou o clássico ‘é por isso que o Brasil não vai para a frente’. O enunciado cai bem ao prefeito neopentecostal que, eleito com a promessa de cuidar das pessoas, não se cansa de cortar verbas da festa se utilizando de argumentos falaciosos: “um pouquinho menos para o Carnaval, muito mais para as creches!”³⁴. E por mais necessário que seja colocar em análise nossas posições, implicações, práticas e seus efeitos no mundo, hesito: a que projeto servem as críticas à tal esquerda festiva, cirandeira, que insiste em dançar, amar e gargalhar pelos becos, bares e blocos? Que crise é essa que quer adiar nossa festa?

Esta “conotação pejorativa do adjetivo “festivo”, entre nós, exprime bem esse gosto do sacrifício de uma esquerda que, para ser séria, precisa ser sinistra³⁵” (PERRONE-MOISÉS, s.d., p. 28). Uma esquerda ascética que, para ser revolucionária tem de endurecer, concentrar seu desejo e seus esforços em uma única direção, a direção certa que nos salvará e nos garantirá um mundo porvir, feito “de paz e de abundância estéril em que não seria preciso temer mais nada, em que as contradições seriam finalmente revolvidas” (INVISÍVEL, 2016, p. 44) e poderíamos, enfim, festejar. Quando as únicas saídas possíveis parecem ser a luta ressentida ou a fuga alienante, “como verdejar dinâmicas novas, saindo do conforto dos sofás em que morreremos tristes e conscientes de nossa falida superioridade” (SIMAS, 2019a, p. 26), tão certos de estarmos certos, mas conformados com o fato de que “eles venceram e o sinal está fechado pra nós” (BELCHIOR, 1976)?

A boa notícia para quem está se “guardando pra quando o carnaval chegar” (BUARQUE, 1972) é que ele vem vindo aí. A contragosto de alguns, com o trabalho de muitos. Sem verbas, sem grandes motivos para comemorar, sem pedir licença. Seria ingênuo pensar que o carnaval nos trará as respostas para superar o fascismo que nos assombra, mas no atrevimento de festejar na beira do abismo talvez residam pistas para nossa reexistência. Foucault

³⁴ <https://twitter.com/mcrivella/status/917522740558684160>

³⁵ A coincidência semântica nos chama atenção - a palavra esquerda, traduzida para o Italiano, é sinistra.

sussurra de longe, como um conselho amoroso aos militantes de esquerda: “não imaginem que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo se o que se combate é abominável. É a ligação do desejo à realidade (e não sua fuga nas formas da representação) que possui uma força revolucionária” (FOUCAULT, 2010b, p. 106). Anoto a frase em um pequeno pedaço de papel, como um número de referência ou um endereço de destino, e guardo-a cuidadosamente na pochete, que começo a preparar para os próximos dias. Enquanto a sensação é de que não há saída, os blocos começam a abrir caminhos para passar pela cidade, e passarão - “haja dor, haja guerra, haja a guerra que há” (GOMES, 1981). Eu também quero passar.

4 OCUPA CARNAVAL³⁶

O ódio é cinzento.
O carnaval é a república das cores.
Ao invés de xingamento, poesia;
no lugar dos estampidos, tamborins.
Nosso Rio desemboca em muitos mares –
qual deles vai banhar a cidade?
Nós queremos as águas de março,
promessas de vida.
Queremos a alma encantadora das ruas
e seu tumulto de vozes.
Nosso bloco é o do encontro: carnaval é aconchego.
Coretos, escolas, fanfarras, colombinas, confetes.
Diversidade e democracia.
O Rio é feito de muitas rimas, e precisamos de todas elas.
É hora de desenrolar a bandeira, ocupar as ruas, lotar as passarelas.
E varrer a intolerância num vendaval de serpentina.
Espalhem por aí: o ódio é o túmulo do samba.
Façamos de cada estandarte uma trincheira contra a opressão
(Manifesto “Mais carnaval, menos ódio”)

³⁶ O “Ocupa Carnaval” surgiu em 2014, na sequência dos movimentos de Junho de 2013. Desde então, atua como um espaço aberto de articulação política onde blocos de carnaval, grupos de arte, coletivos de cultura, mídia, movimentos sociais, ativistas e militantes se organizam em conjunto, com o objetivo de contagiar o carnaval do Rio de Janeiro com as pautas dos movimentos sociais que lutam pelo direito à cidade: <https://tatianabelmar.wixsite.com/rua-se/ocupa-carnaval>.

Os títulos dos blocos que compõem este capítulo fazem referência a blocos de carnaval da cidade do Rio de Janeiro.

ABERTURA DO CARNAVAL NÃO-OFICIAL DO RIO DE JANEIRO

Toda vez que esmorecer a vontade de cantar. Vai sempre um doido gritar “tamo afim” De festa enquanto dorme o inimigo enorme, neles em nós e em mim.

(Siba, O inimigo dorme)

A data já estava marcada na agenda há alguns meses: no sexto dia do ano, cinco dias após o ex-juiz e o capitão reformado terem ocupado seus cargos no governo do Rio de Janeiro e na presidência do Brasil, se unindo ao prefeito-pastor em uma macabra tríade de poder, acontecerá a abertura do carnaval não-oficial da cidade. O cenário não é nada acolhedor: a prefeitura, que já havia anunciado cortes na verba pública e lançado exigências descabidas aos blocos que pediram autorização para desfilar, vinha reprimindo ensaios e aulas em espaços abertos da cidade. A novidade esse ano é multar os blocos que não fazem parte da programação oficial: “queremos um carnaval com organização e com ordem. Quando tem um bloco irregular quebra todo esse planejamento, leva desordem e lixo”³⁷.

O ano é 1912, mês de fevereiro. Segundo nota oficial, a cidade está em choque com o falecimento do barão do Rio Branco. Com o luto coletivo anunciado, não há clima para carnaval e o jeito foi adiar os festejos para o mês de abril - isso é o que esperavam, ou desejavam os governantes. No entanto, ao invés do resguardo, o que se viu foi a disputa dos bumbos e porretes pelas ruas, a polícia tentando reprimir a folia enquanto o povo cantava a nova marchinha, composta especialmente para a ocasião: “o Barão morreu / teremos dois carnavá / ai que bom ai que gostoso / se morresse o marechá”³⁸ (SIMAS, 2019a, p. 123). Essa não foi a única tentativa vã de extinguir a festa, mas, pouco mais de um século depois, o poder público parece ainda acreditar que está em suas mãos decidir se o carnaval vai ou não acontecer. Há sempre algo que escapa, que não pode ser governado ou controlado, e talvez seja este o perigo que tanto se deseja conter.

“Disciplinar a rua, ordenar o bloco, domesticar os corpos, sequestrar a alegria (prova dos nove!) e enquadrar a festa [...] foi a estratégia dos senhores do poder na maior parte do tempo” (SIMAS, 2019a, p. 122). E, se não é novidade o projeto que quer fazer da cidade mero

³⁷<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2020/noticia/2020/02/03/blocos-sem-autorizacao-comecam-a-ser-multados-pela-prefeitura-do-rio-liga-critica-autuacoes.ghtml>

³⁸ O “marechá” ao qual se referem é o Marechal Hermes da Fonseca, então presidente da república (SIMAS, 2019a).

espaço de passagem, os atuais gestores não medem esforços para garantir sua continuidade e travam uma verdadeira guerra santa contra essa festa profana e imoral que insiste em nascer a cada ano. Os que não pedem nem pretendem pedir licença para passar já vêm discutindo a repressão que virá e tentam traçar estratégias para botar o bloco na rua. Nos últimos meses do ano passado, blocos, associações, ligas e desliga³⁹ carnavalescas, artistas, foliões e militantes de várias partes da cidade, se reuniam no térreo de um sobrado antigo da Lapa, ocupado por coletivos de arte, para pensar os rumos da festa, espremida “entre o cassetete, o discurso moralista e demonizador do “homem de bem” e a mercantilização de praticamente todas as características” (SIMAS, 2018, p. 10) que a compõem. Em uma grande roda formada com cadeiras de plástico, carteiras escolares, bancos de madeira e almofadas no chão, todos se apresentam e compartilham memórias, impressões, retomam momentos de enfrentamento coletivo a esta ou outras gestões municipais e discutem ideias e possibilidades de ação. Ou esse vai ser o nosso carnaval mais subversivo, ou não vai ser - alarmavam.

Dos encontros nasce um manifesto que, tal qual a cidade por ele narrada e defendida, é de todos sem pertencer exatamente a ninguém. Assinado por mais de 130 blocos e associações, o manifesto é um convite, uma convocação: não apenas a seguir nas ruas quando a querem vazia, mas forjar nelas alianças e modos de resistir. Diante das disputas que já estão postas e das ainda desconhecidas que certamente virão, a afirmação precisa virar ato. Para este primeiro domingo do ano, mais de vinte blocos oficiais e não-oficiais confirmaram presença nas ruas. Contra as forças que nos amedrontam, façamos o carnaval. Enquanto o ódio se alastra e conduz as políticas oficiais de Estado, não nos furtamos da redundância: façamos um carnaval antifascista.

As malas da viagem do ano novo se misturam com as fantasias e adereços que saem de cima do armário. Numa empolgação tímida, visto algo colorido, um tanto de purpurina acima do olho, uma flor na cabeça, um batom forte na pochete para passar chegando lá. Parece cedo

³⁹ As ligas carnavalescas de blocos de rua surgem diante de um vertiginoso crescimento do carnaval de rua, que ocorre a partir dos anos 2000, para pensar a organização da festa e mediar a conversa dos blocos com o poder público e patrocinadores, a fim de garantir as condições para os desfiles sem banalizar e perder de vista a tradição do carnaval de rua carioca. Já a Desliga dos Blocos surge em 2009, momento em que a prefeitura assume a gestão do carnaval de rua, prometendo um choque de ordem e tornando obrigatório que os blocos peçam autorização da prefeitura para realizarem seu cortejo. Fazendo um enfrentamento mais direto às medidas de controle do Estado, se posicionam contra a mercantilização, padronização e burocratização da festa e defendem seu caráter livre, espontâneo e anárquico (Frydberg, 2017). Desde então, a Desliga puxa anualmente a abertura não-oficial do carnaval do Rio.

para vestir fantasia. Parece não ter clima para pular carnaval - mesmo afirmando que carnaval é resistência, que é preciso estar nas ruas, que o que os fascistas querem é justamente seu esvaziamento, que a alegria é a prova dos nove. Na hora de sair de casa, a cama é tentadora e todas essas certezas mingam. Que condições para a alegria quando a política é de morte? A questão não se resolve, mas tomo fôlego e me levanto de vez, antes que perca a coragem.

Já tá tendo bloco? - duas adolescentes que passam por mim perguntam animadas. Respondo que sim, do outro lado da Baía, e a empolgação murcha enquanto lamentam que não ficaram sabendo antes. Uma criança que passa de mãos dadas com a mãe me encara com curiosidade, virando o pescoço pra trás. Aceno e ela desvia imediatamente o olhar, equilibrando-se de um pequeno tropeço. Um pouco mais adiante, o olhar fixo de um homem faz minha cara fechar e meu passo apressar. Embaixo da marquise de uma loja, um senhor de barbas grisalhas, sentado em um colchonete puído canta, com as mãos ao alto e um sorriso largo em minha direção “é hoje o dia da alegria” (DIDI; MESTRINHO, 1982)... Sorrio de volta, sem parar de andar, e ele continua: “diga espelho meu, se há na avenida alguém mais feliz que eu” (DIDI; MESTRINHO, 1982) - sua voz cada vez mais distante, até ficar fora do meu alcance e ser substituída pelo som dos louvores que vêm do interior de uma igreja recém-inaugurada.

Mais próxima da estação das barcas, vou percebendo que não estou só: uma meia dúzia de homens e mulheres seguem na mesma direção que eu e combinam também roupas do dia-a-dia com acessórios carnavalescos, alguns mais discretos, outros mais extravagantes, todos se destacando do marasmo das ruas na manhã de domingo. Nos concentramos na estação - nós, alguns ciclistas e poucas pessoas indo ou voltando do trabalho -, e uma hora de espera entre uma barca e outra é o suficiente para nos tornarmos muitos. O clima de carnaval vem chegando aos poucos, vagaroso como a barca antiga, posta para circular apenas aos fins de semana, que precisa manobrar no mar para atracar na outra margem. Assim que começa a viagem, um vendedor ambulante inicia suas vendas, à revelia da medida que ‘não permite comercializar mercadorias informalmente no interior das barcas’. Algumas pessoas começam a se purpurinar, outras a tirar fotos e publicar no *feed* das redes sociais, duas crianças fantasiadas de super-heróis disputam um lugar perto da janela, enquanto os pais conversam distraídos ao lado. Um rapaz sentado em um canto enrola alguns cigarros em papel de seda e os guarda cuidadosamente em um maço vazio, um pequeno grupo faz uma alquimia com uma garrafa de água pela metade e alguma substância que manejam com discrição.

Mal me acomodo no banco para tentar um cochilo durante a travessia, um sopro de saxofone puxa as primeiras notas logo atrás de mim. Um trompete responde em outro canto, sons variados vão surgindo e, em questão de segundos, uma dúzia de músicos se reúne perto

das escadas improvisando marchinhas com caixas, flautas, surdos, chocalhos, apitos, gritos, batucadas no vidro da janela ou no encosto dos assentos. O som abafa a voz sóbria que sai dos alto-falantes: ‘atenção senhores passageiros, para a segurança e conforto de todos, as manifestações artísticas não são permitidas dentro da embarcação’. Ninguém liga. A essa hora, poucos permanecem sentados, eu já desisti do cochilo e adquiri uma promoção de duas latinhas por um trocado que tinha na pochete. Com uma música atrás da outra, os músicos entraram em sintonia e a travessia deixou de ser mero trajeto para virar uma festa - se melhorar, afunda!⁴⁰ Perto dos portões, os funcionários observam. Dentre eles, uma mulher de longos cabelos trançados e batom rosa-choque cantarola e balança sutilmente os ombros, com um riso de canto de boca. Os foliões se levantam e dançam, ignorando também o segundo informe: ‘...permaneçam em seus lugares até ser concluída a atracação’.

A saída das barcas não se dá na lentidão cabisbaixa comum aos dias de semana, cada um encarando o tornozelo de quem está à sua frente, medindo o tamanho de cada passo. Saímos cantando e pulando, como um cortejo. Do lado de cá, a cidade que nos recebe já tem mais cara e clima de carnaval. Latão é seis!, Dois por dez aqui comigo! Água, Skol Beats, Ousadia! Perto dos isopores, camelôs expõem no chão perucas, brincos, óculos, chapéus, tiaras, purpurinas, saias de tule, asas de borboleta, confetes e serpentinas. Uma caixa de som ao lado da banca de jornal toca um brega funk estourado no último volume. Além dos ambulantes de bebidas, por todo canto foliões erguem placas e estandartes coloridos que anunciam a venda de produtos caseiros e artesanais: cachaças saborizadas, sanduíches, brigadeiros mágicos, sacolés alcoólicos, kits de purpurina. Enquanto alguns foliões se concentram na Praça XV, outros dispersam por outros blocos e outros cantos. As fantasias estão menos tímidas que a dos que vieram da cidade vizinha - fantasias engraçadas, divertidas, politicamente engajadas, antenadas. Maiôs, *hot pants*, tapa-mamilos, muito brilho, cor, tecidos holográficos e transparentes, corpos à mostra - não apenas, mas sobretudo os corpos que se adequam ao padrão magro, branco e jovem, que são maioria por aqui.

Já não estou só, e sigo com algum bloco que não sei qual é para não sei onde. Passamos pelas ruas estreitas e tortas do Centro, uma cauda colorida percorrendo este labirinto urbano, hoje silencioso e deserto, com as lojas e edifícios corporativos fechados, sem as barracas de

⁴⁰ Se Melhorar, Afunda! foi um bloco fundado em 2005, que saía da Praça da Cantareira, em Niterói, e fazia parte do seu cortejo na travessia de barca até a Praça XV, no Rio de Janeiro. Três anos depois, quando o bloco cresceu mais do que o esperado, ao invés do trajeto habitual, realizaram pelas ruas de Niterói seu derradeiro cortejo de naufrágio, o Desfile de afundamento da Troça Carnavalesca de Regatas Se Melhorar, Afunda!: <http://www.overmundo.com.br/agenda/desfile-de-afundamento-da-troca-carnavalesca-de-regatas-se-melhorar-afunda>.

comida, roupas e bugigangas tecnológicas, sem as mais variadas relíquias garimpadas expostas no chão, os gritos que anunciam ofertas e promoções imperdíveis, as filas infinitas de carros e motos passando ou tentando passar, as bicicletas cortando o trânsito, o ir e vir caótico de toda a gente para todos os cantos - verdadeiro obstáculo aos eterna e irremediavelmente atrasados empreendedores-de-si, que mais parecem “estranhas máquinas que batem umas contra as outras” (PASOLINI, 2019, p. 3). Hoje, o que desperta a cidade é o som das baterias e fanfarras, o colorido das fantasias, a deambulação agitada de quem não tem pressa nem destino final. Com o passar do tempo, tudo se intensifica e é nítido o salto: a alteração da frequência, das velocidades, do volume, da amorosidade, da excitação. A música não para, a temperatura sobe, o bloco cresce, os corpos se embriagam e se colam cada vez mais, as purpurinas se misturam e se espalham pelas peles suadas - e “quanto mais purpurina, melhor” (GIL, 1979).

Passando por vias mais largas da cidade, o cortejo para o trânsito e deixa os motoristas indignados com a espera forçada. Pernaltas dão as mãos de uma calçada a outra, traçando uma linha entre a fila crescente de carros e os foliões, que atravessam o cruzamento a passos ritmados e despreocupados. A banda toca mais alto, para abafar as buzinas descompassadas. Com uma seriedade debochada, uma mulher vestida de paqueta tenta reger a orquestra, mas os motoristas impacientes não compõem com a harmonia. O semáforo abre, fecha, abre, fecha de novo, mas o bloco ainda não terminou de passar. Só mais alguns segundos e a via está liberada, pronta para voltar a obedecer a alternância das luzes verde, amarela e vermelha.

Dobramos uma rua, depois outra, e mais outra. A cada passo adiante, mais gente compõe o bloco, novos flertes e encontros, incontáveis risadas, gotas de suor que derretem as maquiagens que agora pouco importam. E também banhos de cerveja acidentais, empurrões e pisões nos pés, uma cotovelada proposital para ganhar passagem, furtos imperceptíveis aqui e ali, olhares fiscalizadores e desconfiados, aproximações invasivas, mãos que agarram cabelos, pulsos e cinturas de desconhecidas, brigas repentinas, reclamações e ofensas, encontros incômodos, gestos e modos de estar - de não se estar, de querer definir quem deve e pode estar - que atualizam ou despertam “no detalhe e no detalhe do detalhe” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 97) aquilo que desejamos combater.

Quando parece que não dá para ficar mais quente e apertado, chegamos em uma praça na qual o bloco se expande, as pessoas correm e dançam, ocupam os gramados verdes e bem cuidados, aproveitam a sombra das palmeiras-reais e a brisa da Baía de Guanabara, que

contorna o espaço e oferece a bela vista do mar, com a ponte Rio-Niterói ao fundo. Outros blocos desembocam aqui e vão formando um só, feito de vários nomes e estandartes. Os músicos se concentram no meio da praça, ao pé de um monumento - uma pequena escadaria circular com uma grande coluna e, em seu topo, a estátua de algum homem importante para a história oficial da cidade. Eles começam a tocar a canção que Gilberto Gil e Caetano Veloso compuseram para Gal Costa em 1968, meses antes do decreto do Ato Institucional nº 5, que instaura o período mais duro da ditadura militar, e da inesperada prisão de ambos. Durante a música, conduzida apenas por instrumentos de fanfarra, eles se abaixam e pedem a todos que se abaixem também. Os tambores rufam em ritmo crescente, aumentando a expectativa até explodirmos no refrão: “é preciso estar atento e forte” (GIL; VELOSO, 1968) - todos pulam e cantam a plenos pulmões - “não temos tempo de temer a morte” (GIL; VELOSO 1968)⁴¹.

Entre os refrões, um Fora para o presidente, outro para o prefeito, outro para o governador, mais um para o ministro. Cantamos e gritamos com força, como se assim eles pudessem, então, cair - mesmo sabendo que não vão, que sequer nos ouvem. Mas trata-se menos deles do que de nós, “afinal, no não que dizemos ao intolerável, ao abominável, há de caber afirmação de vida, sem que seja puro berro” (SOUZA, 2019, p. 143). No já declarado fim do mundo, há de caber a disputa de mundos. Na tentativa de travar estas disputas, há de caber nossa festa. E em nossa festa, há de caber todos os corpos. Sem esquecer que “tudo é perigoso” (GIL; VELOSO, 1968), abrir espaço ao divino, profano e maravilhoso que se materializa quando nos conjugamos e ocupamos a cidade de modo “despudoradamente festivo” (VELOSO, 1997, p. 122).

Em meio aos nossos gritos se dissolve, ainda que por um breve momento, a sensação de jogo perdido - “o tempo presente deixa de ser uma frustração para se tornar um campo aberto de experimentações” (COELHO, 2019, p. 223). E então recusamos o recuo, a paralisia, o desânimo, o silêncio. Nos lembramos que “nada é mais velho do que o fim do mundo” (INVISÍVEL, 2016, p. 40), essa narrativa construída e reproduzida de modo a “fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos” (KRENAK, 2019, p.13) e nos manter inertes, amedrontados com a possibilidade de despencar do abismo a qualquer momento. E

⁴¹ Gal Costa apresenta a canção no 4º Festival da MPB da TV Record, em 1968 e, no documentário *Tropicália* (2012) conta que, durante a apresentação, “metade vaiava, metade aplaudia. Tinha uma pessoa na frente que gritava: fora! Mas era... essa pessoa - acho que era um homem -, tava enraivecido, puto da vida, e eu aí cantei pra ele assim, sabe? Cantei com tanta raiva, com tanta força que eu me lembro que ele sentou na cadeira. E aí foi, aí quebrou tudo, aí mudou tudo”.

por que tanto medo assim de uma queda se a gente não fez nada nas outras eras senão cair? Já caímos em diferentes escalas e em diferentes lugares do mundo. Mas temos muito medo do que vai acontecer quando a gente cair. Sentimos insegurança, uma paranoia da queda porque as outras possibilidades que se abrem exigem implodir essa casa que herdamos, que confortavelmente carregamos em grande estilo, mas passamos o tempo inteiro morrendo de medo (KRENAK, 2019, p. 31).

Mergulhados na lamentação pelas tragédias de nosso tempo como se ele fosse o único, tomados por afetos tristes que diminuem ou refreiam nossa potência de agir (ESPINOSA, 2009), esquecemos que se o fascismo não é de hoje, tampouco é o carnaval. Esquecemos de toda a força gestada pelas tias baianas - as mães do samba -, pelo povo da rua, por sambistas, cirandeiros, malandros, carnavalescos, meninos e meninas que, enquanto o mundo caía, souberam “não eliminar a queda, mas inventar e fabricar milhares de paraquedas coloridos, divertidos, inclusive prazerosos” (KRENAK, 2019, p. 31) - danças, histórias, ritmos, festas e frestas. Carnavais. Forças insurgentes que sempre estiveram pulsando, transgredindo a ordem opressora, resistindo às armadilhas de violência, silenciamento, captura e apropriação.

Com atenção e olhos firmes para o que há destas armadilhas em nós - tudo é perigoso! -, fazer com que estas forças se atualizem no tempo presente, forjando alianças (BUTLER, 2018) com aqueles e aquelas que ao longo do tempo inventaram “respostas inusitadas para sobreviver no meio que normalmente não as acolheria” (SIMAS, 2019a, p. 27), pode ser um modo de sustentar com rigor o mundo que queremos viver sem enrijecer, sem renunciar justamente àquilo que nos faz sentirmo-nos vivos. Porque se a estrutura da economia não precisa de todos nós, do nosso tempo, de cada corpo, dos nossos músculos e energias, da nossa inteligência coletiva e social (MBEMBE, 2019), ela certamente precisa desse entristecimento que nos mantém culpados e retraídos, voltados narcisicamente a nós mesmos e às dores que nos acometem, sem conseguir vislumbrar o que pode acontecer para além da morte e do anestesiamento, o que já acontece para além da morte e do anestesiamento. Mas aqui e agora “algo potencializador se engendra, e nos fortalece” (SOUZA, 2019, p. 141). Algo nos acontece⁴², e então vislumbramos, sentimos, desejamos - tudo é divino, maravilhoso! As palavras de Foucault ressoam novamente, com seu sentido, sentido à flor da pele: “não imaginem que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo se o que se combate é

⁴² Jorge Larrosa irá pensar a experiência como aquilo “que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. [...] nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara” (LARROSA, 2015, p. 18)

abominável. É a ligação do desejo à realidade (e não sua fuga nas formas da representação) que possui uma força revolucionária” (FOUCAULT, 2010b, p. 106).

Contagiada por esse clima de êxtase e euforia, retomo a convicção de que carnaval é resistência, que é preciso estar nas ruas, que o que os fascistas querem é justamente seu esvaziamento, que a alegria é a prova dos nove. Que “uma coisa é designar a máquina totalitária, outra coisa é lhe atribuir tão rapidamente uma vitória definitiva e sem partilha” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 42). E então, em resposta aos gritos fascistas, lançamos o grito de carnaval, que nos faz insistir na alegria - menos porque estamos alegres, mais porque desejamos nos alegrar. Disputar a cidade e os modos de habitá-la, ocupar a rua e não arredar o pé. Ligar o desejo à realidade para “ver o espaço - seja ele intersticial, intermitente, nômade, situado no improvável - das aberturas, dos possíveis, dos lampejos, dos apesar de tudo” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 42). Dentre as incertezas diante do novo cenário, uma coisa é certa: nada revogará o reinado de Momo - e pouco importa se o prefeito vai entregar a chave da cidade ou não⁴³. Contra as políticas de aniquilamento e o medo do fim do mundo, fazemos insistir a vontade de mundos outros - de mais carnaval, menos ódio. De mais carnaval, menos morte. De mais carnaval. Com a força que ativamos enquanto estamos juntos, declaramos aberto o carnaval, declaramos aberta a cidade⁴⁴.

Já é tarde, e se perdermos a última barca vamos ter que tentar a sorte com um ônibus que passa pouquíssimas vezes durante a madrugada. Hora de organizar as ideias e apressar o passo em uma direção mais certa, depois de percorrer tantos quilômetros pulando despreocupados ao longo do dia. Damos meia-volta e caminhamos no sentido oposto. Um homem que dormia na escadaria de um edifício e acordou com o passar da multidão se levantou, chamou o cachorro que deitava ao seu lado e se pôs a catar o rastro de latas que ficou pelo chão.

⁴³A entrega da chave da cidade ao Rei Momo na sexta-feira que antecede o carnaval é uma antiga tradição que marca a abertura oficial da festa. No entanto, ao longo de seu mandato, o prefeito Marcelo Crivella se recusou a comparecer às cerimônias ou, quando presente, a participar e entregá-la pessoalmente. Para a abertura de 2019, chegou a rebaixá-la a ‘chave do carnaval’:
<https://oglobo.globo.com/rio/prefeitura-rebaixa-chave-da-cidade-chave-do-carnaval-durante-cerimonia-de-entrega-para-rei-momo-23493490>.

⁴⁴A cidade aberta que aqui nos interessa não é a das declarações e narrativas oficiais de guerra - a cidade rendida que abandonou seus esforços de defesa e entregou-se ao inimigo. Trata-se de algo mais próximo da Roma de Rossellini (ROMA... 1945), ocupada pelo exército nazista e também por histórias de amor, forças infantis, transgressões e laços de amizade antifascistas; ou da cidade que se abre a partir das memórias e deambulações do nigeriano Julius (COLE, 2012) que, com seu olhar estrangeiro - em Nova York, na Europa, na Nigéria ou em seu próprio quarto -, dá relevo às guerras, embates e resistências travados no cotidiano, na minúcia das relações consigo e com os outros.

O canto em que ele estava até segundos atrás parece propício a um grupo de mulheres que improvisa um banheiro a céu aberto, revezando-se e fazendo cobertura umas para as outras, ao lado do pedaço de papelão que ficou ali estirado.

Ei, vocês estão indo para a praça XV?, uma mulher um pouco atrás de nós nos pergunta, enquanto dá uma corridinha para nos alcançar. No que afirmamos que sim, ela pede para andar conosco. Quanto mais nos distanciamos do bloco, que segue em direção à orla da Zona Sul, mais vazias e silenciosas estão as ruas. Nas largas avenidas agora desertas, caminhamos alternando entre o meio da rua, sob a iluminação dos postes, e a calçada, ocultados pela penumbra. O corpo agitado tensiona, meu maxilar está rígido, como se prendesse algo entre os dentes. Os olhos se movem atentos a sinais de presenças outras. Jogamos pouca conversa fora fingindo tranquilidade.

A mulher, que usa uma peruca azul neon toda despenteada, conta que o amigo que veio com ela passou mal e foi embora mais cedo com o namorado, mas ela escolheu ficar. É estranha essa experiência de estar sozinha no bloco, mas também não queria ir para casa, ela nos conta. Foi bom, mas difícil também - parece que alguns homens não entendem quando você diz não, ou mesmo quando não quer ter que dizer nada; acham que nosso corpo está ali à disposição deles, principalmente quando não estamos acompanhadas. Mas ainda bem que encontrei vocês agora, ficou tarde e eu estava começando a ficar com medo de ter que voltar sozinha ou morrer uma grana em carro de aplicativo, porque tem risco que não dá para correr, né? Me conecto com o que ela diz, e talvez quisesse dizer tanta coisa, se não estivesse exausta demais para elaborar qualquer reação maior que três ou quatro palavras, mas agora só balanço a cabeça e concordo, voltando ao silêncio.

Nem tudo no carnaval carnaliza - o pensamento sai em voz alta, meio sem querer. Quando a euforia começa a se assentar, novas questões ganham espaço: se não é preciso ser triste para ser militante - e pesquisador -, “como fazê-lo com uma alegria, mas uma alegria que não é ingênua, e sim política, potente, ligada ao desejo, e portanto revolucionária” (SOUZA, 2019, p. 28)? Como afirmar um carnaval antifascista, sem perder de vista os fascismos que o atravessam e nele se manifestam, nas mais variadas formas? Como experimentar esse estado de alegria, essa força conectiva que nos faz gritar ‘Fora todos eles!’, sabendo que não há fora? Sabendo que o fascismo não está lá, em algum outro plano imaginário habitado por um *eles* igualmente imaginário que exerce seu poder sobre um *nós* homogêneo, puro e essencialmente bom? Que o fascismo, “inseparável de focos moleculares, que pululam e saltam de um ponto a outro, em interação, antes de ressoarem todos juntos no Estado” (DELEUZE; GUATTARI,

1996, p. 84), está também aqui, entremeado nessa multidão - e que cada um de nós já é vários, já é muita gente (DELEUZE; GUATTARI, 1995), já é uma multidão em si.

Nem tudo no carnaval carnavaliza - a frase fica se repetindo em minha cabeça, em diferentes ritmos e entonações, junto com o zumbido remanescente das bandas do dia todo. Mas “brincar, cantar, exercer o direito à cidade, encantar a rua, construir sociabilidades em um momento de precariedade e desencanto, é dizer que o jogo continua aberto e que estamos vivos” (SIMAS, 2018, p. 10). Que há disputa. Quando o poder opera no esvaziamento dos espaços de encontro e na produção de subjetividades tristes, botar o bloco na rua e ocupar o carnaval é de extrema importância. Isso, no entanto, não garante a invenção de outros modos de existir, de habitar a cidade, de estar em relação. Com seu agudo potente, Gal nos pedia atenção: para o palavrão, para a palavra de ordem, para o samba exaltação⁴⁵. Se nem tudo no carnaval carnavaliza, que potências podem nele se efetuar, e de que ética nos valemos? Se nem tudo no carnaval carnavaliza, o que carnavaliza e faz carnavalizar?

Do meio da praça, ouvimos o disparar de um alarme e vemos as luzes vermelhas piscando na estação das barcas - um minuto para fechar. Última corrida do dia e conseguimos atravessar as catracas. Respiramos aliviados e ofegantes. Me sento próxima à janela, apoio a cabeça no ombro do amigo ao lado e fecho os olhos até atracarmos na outra margem.

⁴⁵ Recentemente, a música foi regravaada pela cantora pop IZA, com participação de Caetano Veloso e, pouco tempo depois, por Elza Soares, com participação do rapper Flávio Renegado. A escolha de ambas, duas mulheres negras de diferentes gerações, importantes vozes da música brasileira, evidencia o quanto a composição de 1968 segue atual e relevante para se pensar as disputas do presente.

CALCINHAS BÉLICAS

O escuro do quarto esconde a hora que passa lá fora. Acordo desnorteada e começo a me lembrar de que dia é hoje, que dia foi ontem, que planos eu tinha antes de me deitar aqui há não sei quanto tempo, talvez muito. Estico a mão para o lado e o celular não está na mesa de cabeceira, o coração dispara em susto. Recapitulo a chegada em casa, o banho, a garrafa d'água trazida para o quarto, o áudio enviado à amiga para avisar que cheguei bem, a resposta dela me dizendo que chegou também, e me tranquilizo ao lembrar que ele está aqui em algum lugar. Apoio os pés no chão e os percebo moídos. O corpo pesado, a testa com um leve latejar. A passos lentos, com dores em cada músculo da perna, busco o aparelho no meio do caos. Ao encontrá-lo, em cima de um punhado de fitas coloridas, arames, arcos e maquiagens, desbloqueio a tela, que exhibe lançando uma luz azul forte sobre meu rosto as horas - 9:26 -; o aviso de que a bateria está em 4%; três ligações interurbanas de números desconhecidos; as notificações de mensagens não lidas e, embaixo do horário, em letras brancas miúdas, a data de hoje: sexta-feira, oito de março. Dia Internacional da Mulher em plena ressaca de carnaval.

Me atiro de novo na cama e começo a ler as mensagens acumuladas. Logo me deparo com imagens de buquês de flores, corações e brilhos, frases prontas que dizem da importância das mulheres, de como são tudo na vida dos homens, que não seriam nada sem elas; de como suas qualidades - cuidado, dedicação, sensibilidade, amor incondicional - são essenciais para nossa sociedade; de como é preciso respeitá-las e mimá-las - e obedecê-las porque, no fundo, no fundo, são elas quem mandam. Homenagens, piadinhas e agradecimentos - às mães, esposas, filhas, professoras, funcionárias -, que me transportam direto à adolescência, aos oito-de-março em que recebíamos bombons e botões de rosa no colégio particular, que dizia muito se empenhar para que, além de sermos aprovadas nos vestibulares das melhores universidades do país, nos tornássemos mulheres dedicadas, íntegras e bem-educadas, que dariam orgulho aos seus pais e mestres. Me agradava o mimo, por mais que não compreendesse bem a razão da celebração. Com certa preguiça e irritação, ignoro essas poucas mensagens e me atenho a responder outras, das amigas que combinam de ir à manifestação mais tarde, que compartilham do desejo mas também da ressaca e da preguiça. Da importância de estar presente, da distância e do preço da passagem, do corpo moído e exausto, da culpa por querer ficar em casa, das escolhas possíveis. E me conecto então a memórias mais recentes: das discussões na universidade - ora elencada como uma das melhores universidades do país, ora qualificada como um antro esquerdista de balbúrdia e vagabundagem -; do encontro - a princípio desconfiada, depois um tanto encantada - com o feminismo e a luta das mulheres; dos esforços

de retomar os sentidos políticos da data - desde a narrativa forjada das mulheres incendiadas em uma fábrica norte-americana até o histórico e incendiário movimento das operárias tecelãs de Petrogrado em 1917 que, contrariando a direção do partido bolchevique, entraram em greve e lançaram a faísca que daria início à Revolução Russa.

Desde 2017, na articulação com movimentos de diversos países, alguns coletivos e organizações feministas do Brasil evocam esta memória e convocam para o dia oito de março uma Greve Internacional das Mulheres, reinventando os sentidos de greve, trazendo à esfera pública aquilo que historicamente se encerra no âmbito de uma vida privada, supostamente pré-política (BUTLER, 2018), lançando luz sobre os trabalhos invisibilizados determinados por gênero, como o trabalho doméstico, dos cuidados, e reprodutivo - “eles dizem que é amor. Nós dizemos que é trabalho não remunerado” (FEDERICI, 2019, p. 40). Trata-se de um “chamado à luta feminista anticapitalista, ecossocialista, antirracista, internacionalista” (ARUZZA, et al. 2019, p. 20), como enfrentamento ao fascismo, neoliberalismo e conservadorismo em vertiginosa ascensão no Brasil, na América Latina, no mundo - justamente em um momento em que os movimentos minoritários ganham força e expressividade a partir das ruas, das redes, da ocupação dos espaços e ampliação das discussões políticas. Hoje, nem tão encantada nem tão desconfiada - não do mesmo modo -, saio mais um dia às ruas, dessa vez sem fantasia ou glitter.

No começo da noite, a manifestação já está cheia e é como se ninguém tivesse deixado as ruas com as cinzas de quarta-feira - e, de fato, muita gente não deixou, mesmo após o fim oficial da folia. Hoje, somam-se aos tambores, xequerês, estandartes e pernas de pau as faixas e bandeiras de coletivos e partidos, cartazes, adesivos, megafones, palavras de ordem. Mulheres fantasiadas, com os seios descobertos e purpurinados marcham ao lado das que vieram direto do trabalho com trajés mais formais e das que vestem camisetas de associações e organizações políticas. Outras cobriram o rosto e passaram pelo corpo uma tinta vermelha rala, que se assemelha a sangue. Nas peles à mostra, o símbolo do feminismo e frases escritas com batom: meu corpo minhas regras, legaliza o aborto, basta!, nenhuma a menos, não me calo. Umam carregam crianças no colo ou sobre os ombros, outras andam de mãos dadas com seus pequenos, que caminham a curtos passos, com os olhos atentos, segurando cartazes com desenhos e frases escritas em letras coloridas, tortas, invertidas, inventadas. Uma minoria de homens também se faz presente. Em marcha, batemos palmas ritmadas e gritamos juntas: Legaliza! O corpo é nosso! É nossa escolha! É pela vida das mulheres!; Se cuida seu machista, a América Latina

vai ser toda feminista!; Feminismo é revolução! Na linha de frente, mulheres pernaltas com fantasias brilhantes e punhos cerrados ao ar carregam uma faixa que diz: Juntas somos gigantes! Marielle Presente!

Percorrendo uma das principais avenidas da cidade, caminhamos juntas da Igreja da Candelária à Cinelândia, em um ritmo lento, bem mais lento que o dos cortejos nos dias passados. Das marquises e janelas dos prédios comerciais as pessoas observam, aplaudem, filmam e fotografam; fazem cara de desgosto, riem, apontam para os corpos desnudos e para as axilas peludas. Entre um grito e outro, intervalos silenciosos, preenchidos apenas por um burburinho agitado. Na multidão, encontro amigas, conhecidas e mulheres que via pelos blocos de carnaval, desconhecidas familiares. Uma que dançava com uma longa saia de chita em um bloco de Maracatu, outra que regia a banda do Bloconcé, bloco inspirado na diva pop estadunidense, a que encontro todo ano no Loucura Suburbana, outra que eu encontrava ao acaso quase todos os dias... Como nos últimos dias - e como em qualquer manifestação carioca -, os ambulantes seguem em meio à multidão vendendo suas bebidas. Se para alguns é absurda, estranha ou indigesta essa mistura de álcool com ato político, para outros é um meio de sustentar a presença com algum respiro e frescor. Traços de folia se misturam ao tom combativo de luta e reivindicação. Gargalhadas e encontros espontâneos e animados furam a atmosfera séria da manifestação organizada.

Chegando à Cinelândia ocupamos a praça Floriano e a escadaria da Câmara Municipal, que vira palco para falas e manifestações artísticas. O microfone passa de mão em mão por várias mulheres, que puxam em forma de jogral a leitura de um manifesto:

Quem somos? Somos mulheres, milhões e diversas. Somos brasileiras e imigrantes. Jovens, adultas e idosas. Negras, brancas, indígenas. Trans, travestis, intersex. Somos lésbicas, heterossexuais, bissexuais, assexuais, pansexuais, polisssexuais. Casadas ou solteiras, temos crias, ou não. Somos filhas e avós. Trabalhadoras e estudantes. Artistas, funcionárias públicas, empregadas domésticas, pequenas empresárias, camponesas, camelôs, professoras, cientistas, profissionais do sexo. Empregadas, desempregadas, no trabalho precário. Em moradias precárias, sem teto, sem terra. Mulheres com deficiência, de diferentes religiões e sem religião. Somos contra a reforma da previdência. Cuidamos do trabalho doméstico, ocupamos lugares na política, nas arquibancadas dos estádios de futebol, nos lugares de divertimento. Hoje, dia internacional de luta das mulheres, estamos de cabeça erguida e de mãos dadas

com as mulheres de todo o mundo, nas ruas para conquistar um outro mundo possível⁴⁶.

A leitura segue, com incontáveis e importantes pautas, lidas em diferentes vozes, intercaladas por aplausos e gritos. Aos poucos minha atenção vai se esvaindo, e se volta ao bebê que dorme sereno no colo da mãe; à vendedora que estoura uma panela de pipoca atrás da outra, sem tirar o olho do menino que parece ter seis, sete anos que corre e brinca perto dela; às meninas que conversam sobre a *crush* que uma delas encontrou há pouco; à catadora de latas que pede licença para passar com um saco preto quase do seu tamanho; a um trio de mulheres vestidas de bruxas e às duas senhoras que pararam ao lado delas para elogiar a fantasia e puxar conversa; ao rapaz atento à fala das mulheres ao microfone, que por alguns segundos não repara na fila que se forma em frente ao seu isopor de bebidas; ao final da história que uma amiga começou a contar antes de chegarmos aqui e foi em algum momento interrompida; aos meus pés moídos que ardem no contato com o concreto duro e parecem pedir arrego; ao cartaz segurado por uma mulher negra, com um desenho do símbolo do feminino, com um punho fechado dentro de seu círculo. Ao lado da imagem, a frase escrita com tinta roxa: “não sou eu uma mulher” (TRUTH, 2019)⁴⁷?

A pergunta, feita por Sojourner Truth há quase duzentos anos, segue atual e se soma a outros dizeres, rabiscados em cartolinas erguidas ao alto: ‘Seu feminismo chega na favela?’, ‘Quem segura a mão da travesti?’⁴⁸, ‘Sapatão é resistência’, ‘Não se nasce mulher, torna-se’ (BEAUVOIR, 1980), e tantos outros. Enquanto o manifesto fala em nome de milhares e diversas mulheres, algumas aqui presentes se dirigem não só a *elas* - os poderosos do heteropatriarcado que nos oprimem, nos matam, nos estupram e nos silenciam -, mas a nós mesmas. Ao dar relevo àquilo que nos aproxima e nos distancia, ao que permite dizer *nós* e às dolorosas fissuras entre nós; alertam para as armadilhas totalizantes, para a impossibilidade de alcançar um sentido unívoco do que é uma mulher e pelo que se faz urgente lutar. De que

⁴⁶<https://esquerdaonline.com.br/2019/03/07/manifesto-do-8-de-marco-no-rio-marielle-democracia-e-contra-bolsonaro/>

⁴⁷ A pergunta é o nome e o mote do discurso feito por Sojourner Truth, ex-escrava, abolicionista e ativista dos direitos das mulheres, em uma convenção de mulheres nos Estados Unidos em 1851. Sendo a única mulher negra presente, ela fala sobre sua experiência - que não tinha qualquer relação com os confortos da classe média e da burguesia, tampouco com a suposta ideia de fragilidade vinculada ao corpo feminino -, e expõe o viés classista e racista de um movimento protagonizado por mulheres brancas não-trabalhadoras.

⁴⁸ A pergunta é uma provocação a partir da frase “ninguém solta a mão de ninguém”, que viralizou em uma ilustração feita pela tatuadora e artista Thereza Nardelli em 2018, após o assombroso, mas não surpreendente, resultado das eleições presidenciais.

mulheres falamos quando falamos em mulher? De que feminismos falamos quando falamos em feminismo?

Com uma onda crescente de palmas e gritos, seguidos por um alto, contínuo e uníssono ‘Ele não!’ me dou conta de que a leitura do manifesto acabou. Agora, seguem-se falas incisivas de deputadas, vereadoras, figuras públicas, representantes de entidades e coletivos, intercaladas apresentações de *slam* e outras manifestações artísticas. A todo momento é evocada a memória da vereadora negra, lésbica, favelada, socióloga brutalmente assassinada em 14 março de 2018, e seguimos perguntando: quem mandou matar Marielle Franco? Passado algum tempo, as falas do alto da escadaria dão espaço a apresentações e performances de grupos de mulheres no meio da praça. Os ritmos marcados por instrumentos e palmas convidam os corpos a movimentos mais soltos, porque “a vida é uma batalha difícil de qualquer maneira. Se rimos e cantamos um pouco enquanto lutamos a boa luta da liberdade, tudo fica mais fácil” (TRUTH, 2019, pp. 37,38), ou mais possível. No avançar da noite, o ato vai parecendo menos ato e mais festa, nada tão diferente do que já vínhamos fazendo nos últimos dias, afinal. Com a coluna pedindo arrego, cedo a uma cerveja *long neck* e estico meu limite para permanecer um pouco mais. Com as memórias à flor da pele, conversamos, observamos a multidão e nos perguntamos: da palavra de ordem ao grito de carnaval, que formas tomam nossas lutas, e de que armas lançamos mão?

MULHERES RODADAS

Só tem rodada aqui! - grita em uníssono a multidão de mulheres para dar início ao cortejo. No meio da praça, mulheres e meninas rodopiam com seus saíões, bambolês, pernas-de-pau, estandarte, fantasias, instrumentos. A alusão ao movimento circular é uma resposta à fotografia que viralizou em 2014 em páginas de direita das redes sociais, na qual um homem segura uma placa que diz: eu não mereço mulher rodada - esta, uma provocação à campanha virtual Eu não mereço ser estuprada, disparada após a divulgação de uma pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea) que indicava que 65,1% dos entrevistados concordavam que “mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas”, e 58,5% acreditavam que “se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros”⁴⁹. Em meio às discussões levantadas nas redes sociais, duas amigas criam o evento do Bloco Mulheres Rodadas - a princípio uma brincadeira que não pretendia extrapolar o campo digital. No entanto, com uma rápida adesão de milhares de pessoas, a ideia ganha força e elas começam a se articular para, meses depois, botar o bloco na rua. Desde então, desfilam todo ano pelas ruas na Zona Sul da cidade⁵⁰.

O tempo nublado, ameaçando chover a qualquer momento, não inibe as fantasias elaboradas e os corpos à mostra. A fanfarra, composta majoritariamente por mulheres, puxa a primeira canção: Ó abre alas, de Chiquinha Gonzaga - considerada a primeira marchinha da história do carnaval. De costas para a igreja matriz, o cortejo sai da praça e as ruas são tomadas por Pagus, Genis, Elkes, Elzas, Leilas, Fridas, Odaras, bruxas, colombinas, pomba-giras, melindrosas, sereias, deusas, vacas profanas, ciborgues, mulheres do fim do mundo encarnadas nas fantasias ou estampadas em estandartes. Centenas de rodadas e rodantes. “Todas parecidas. Nenhuma igual” (COUTO, 2019, p. 63). Juntas, devoram o enunciado machista e, em um tom de ironia que “tem a ver com o humor e o jogo sério” (HARAWAY, 1985, p. 35), o transformam em dança, riso e festa - festa na qual se expressam “pela liberdade dos corpos que giram livremente sem perder o prumo” (SIMAS, 2019a, p. 23). Fazendo coro com Chiquinha Gonzaga, que no século XIX já transgredia os costumes machistas para cantar o carnaval, anunciam que querem passar - com esse que se diz o primeiro bloco feminista do carnaval do Rio de Janeiro.

⁴⁹<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2014/03/27/maioria-diz-que-mulher-com-roupa-curta-merece-ser-atacada-aponta-pesquisa.htm>

⁵⁰ <http://mulheresrodadas.com.br/sobre/>

Talvez a reivindicação pelo gesto inédito, primeiro, interesse menos do que a intensificação das discussões feministas no e a partir do carnaval, com o surgimento deste e de outros blocos protagonizados por mulheres nos últimos anos⁵¹. No cortejo, que carrega toques de manifestação política com gritos feministas, fantasias engajadas, frases carregadas no corpo ou em placas, estandartes, tiaras e acessórios, fazemos questão de marcar: “a cidade é nossa, o carnaval é de geral e o corpo é meu”⁵². Em um íntimo enlace entre festa e luta, as foliãs ocupam um lugar central na festa. Não mais - ou não só - o centro objetificado e sexualizado no qual o corpo feminino, sobretudo de mulheres negras, vira atrativo turístico do carnaval - tão bem representado pela personagem da Globeleza, que desde os anos noventa sambava ao som da vinheta com seu corpo nu, coberto apenas por purpurina ou efeitos gráficos, em transmissão aberta na televisão -, mas uma centralidade ativa, a partir da qual fazem o carnaval acontecer ao mesmo tempo em que confrontam as opressões e violências que nele se reproduzem e se naturalizam. Engajadas nesse compromisso, se despem do medo e tomam o carnaval para si, dando um basta ao que não cabe mais e criando estratégias para avançar com uma luta que não abdica da folia, mas faz dela seu campo de batalha.

Ano após ano, as discussões alcançam as vias institucionais e intervém na criação de diversas políticas públicas: a campanha carnaval sem assédio; a Atenta e Forte, Comissão de Mulheres Contra a Violência no Carnaval; a montagem de tendas de acolhimento e apoio na região central da cidade; a distribuição de ventarolas de papel com informações sobre a violência contra a mulher e orientações para denúncia; a cartilha Folia sim, assédio, não, lançada pela Defensoria Pública do Rio de Janeiro; campanhas que contam com o apoio institucional da ONU Mulheres. O movimento chama a atenção das mídias nacionais e internacionais. Marcas de moda feminina não demoram a embarcar na onda e encontrar meios de associar sua imagem aos novos blocos através de campanhas, eventos, patrocínios e coleções especiais para o carnaval. A grande emissora de televisão não fica para trás e, depois de mais de duas décadas,

⁵¹ Ainda que não se identificassem enquanto feministas, há registros de blocos formados exclusivamente por mulheres há pelo menos um século, como o bloco das Borboletas Negras, que saía da praça Onze, e o das Baianinhas Invejadas, da praça Tiradentes - ambos criados em 1919 (CASTRO, 2019).

⁵² A frase faz parte do texto de apresentação da campanha Carnaval Sem Assédio, lançada em 2018 pela Comissão da Mulher da Câmara Municipal, no momento presidida por Marielle Franco: <https://www.mariellefranco.com.br/carnavalsemassedio>

suspende a vinheta que exalta a ‘mulata tipo exportação’ como grande símbolo do carnaval. E assim novas formas da festa vão se desenhando, tendo o feminismo como força, como pauta, como tendência. Ao que afirma a vereadora Renata Souza, “carnavalizar é palavra de ordem: destronar o patriarcado, seus reis machistas e racistas é a luta da vez” (SOUZA, R. 2020, n.p.).

Com o eco dos discursos que apontarão para a potência do carnaval justamente enquanto recusa ao Estado, ao instituído, às formas estratificadas e a toda e qualquer ordem, estranho estas palavras postas lado a lado: festa da irreverência e grito de ordenação, força anárquica, espontânea e movimento organizado. Soa contraditório o corpo combativo e ao mesmo tempo brincante, dançante e ao mesmo tempo bélico, que reivindica para si o carnaval com toda a beleza e força política de sua desordem se valendo de palavras de ordem e arranjos institucionais. Mas, fazendo da contradição paradoxo, o que se formula aponta para algo muito concreto e, de algum modo, simples: é preciso estar viva para pular carnaval.

No “vértice da experiência se cruzam macro e micropolítica” (SOUZA, 2019, p. 177), alertando-nos a um movimento de empuxo às dicotomizações e falsos binarismos. Forçando um movimento contrário, ao tomá-los enquanto planos que se distinguem, mas não se separam (DELEUZE; GUATTARI, 1996), e que tampouco se alojam ou se ausentam em um ou outro espaço - Estado ou bloco de carnaval, instituição ou rua, legislativo machista ou resistência feminista -, as disputas na esfera macro podem interessar não tanto enquanto busca por garantias e conquistas definitivas, mas como campo estratégico “para traçar alianças e romper com o que não nos interessa. As palavras de sobrevivência devem ser mais afiadas do que aquelas com as quais tentam nos matar e por isso, se eles amolam as facas, amolemos nossas línguas tão obstinadamente quanto” (COUTO, 2019, p. 52) e ocupemos os espaços que pudermos ocupar para afirmar que não fomos e não seremos catequizadas - ou assassinadas, estupradas, internadas, silenciadas. Faremos o carnaval⁵³ - que tampouco nos trará qualquer garantia e salvação.

⁵³Em seu Manifesto Antropófago, ao remontar a história de uma identidade nacional não a partir da invasão dos portugueses, mas da deglutição do Bispo Sardinha - o primeiro bispo do Brasil -, Oswald de Andrade afirma que “nunca fomos catequizados. Fizemos foi Carnaval” (ANDRADE, 1990, p. 49).

TRUQUE DO DESEJO

Isso, mana, tá linda! - uma mulher de cabelos roxos, axilas peludas, uma saia de fitas coloridas e uma flor tampando cada seio incentiva a amiga que tirou a blusa e passa purpurina sobre os mamilos, um tanto tímida, um tanto empolgada. Passa essa aqui, que combina com o seu shortinho, diz uma garota com enormes brincos pendentes, feitos de letras de acrílico - na orelha esquerda, G-R-L, na da direita, P-W-R. Tá maravilhosa, arrasou!, perfeita!- os elogios e a ajuda das amigas da faculdade a encorajam a seguir com seus seios à mostra, cobertos apenas por uma camada de brilho. Para finalizar, uma delas põe um punhado de glitter na palma da mão e sopra delicadamente em sua direção.

A sensação do colo livre é estranha. Uma leveza prazerosa, divertida, mas quase errada - que pecado experimentá-la fora de casa, fora do banho, no meio de tanta gente. Ela não sabe bem o que fazer com os braços que pendem aos lados do corpo. Confere a todo tempo se a cobertura de brilho se mantém intacta, ri com embaraço para uma desconhecida que a elogia enquanto passa, troca olhares com outras mulheres que estão também com os peitos descobertos, feito cúmplices do ato de coragem e liberdade. Aos poucos, vai se sentindo mais à vontade, menos exposta, e se entrega à dança. Se sente ousada, poderosa. Não, empoderada - era assim que diziam as veteranas, na roda de conversa sobre feminismo da semana de calourada da faculdade? De repente um susto - um *flash* estoura em sua direção. Ao que ela se vira para ver do que se trata, um desconhecido dá mais um disparo com sua câmera semiprofissional, diz que ela está linda e segue andando pelo bloco, sumindo de vista. No mesmo instante, seus ombros se curvam para a frente, o sorriso some, o corpo trava em desconforto. Ela encosta na blusa amarrada na alça da pochete de paetês e considera vesti-la novamente, mas tenta se concentrar na música e deixar para lá - talvez seja questão de costume, de pudor. Não há nada de errado, diz a si mesma. Contando com a presença das amigas e dessa multidão de mulheres, tão lindas e diversas, insiste no gesto. Não há nada de errado.

“*Mode on high tech / modelo ocidental*” (DORALYCE, 2018) - uma mulher com sotaque nordestino começa a cantar, sobre uma batida de funk, em cima de um trio elétrico parado em frente a um largo do Centro da cidade. Uma multidão grita e canta junto dela a música que estourou nesse verão: “magra, clara e alta / miss beleza universal / é ditadura! / quanta opressão / não basta ser mulher / tem que estar dentro do padrão-drão-drão-drão-drão”. Ao lado do trio, um cordão de isolamento contorna o espaço das dançarinas do bloco, que esse ano recebeu patrocínio de uma marca de cerveja e agradece, a cada pequeno intervalo, pela estrutura e apoio. Perto da corda, ela tenta espelhar os movimentos das dançarinas e canta

empolgada, colocando força em cada palavra - mesmo ciente de que, de algum modo, se enquadra em quase todas as características da miss beleza universal.

Parte da purpurina escorreu com o suor, mas ela já não liga para os olhares curiosos ou julgadores. Até confessa um certo cansaço de ter o tempo todo que responder a meninas que, mesmo no intuito de elogiar, não a deixam esquecer nem por um segundo que seu peito está para fora, enquanto ela só quer curtir com as amigas. Enquanto elas dançam, posam juntas para fotos que, agora, parecem dignas de revista, trocam selinhos, riem descontroladamente de toda e qualquer coisa, ela não consegue parar de sorrir, com o corpo leve e o olhar caído. Com a fala lenta e emolada declara às amigas que as ama, e que este talvez seja o dia mais feliz da sua vida. Como um lampejo, se lembra da discussão no carnaval do ano passado, quando o ex-namorado quis arrumar briga com um desconhecido que se aproximou e perguntou o seu nome; dos dois sentados no meio-fio depois, longe do bloco e dos amigos, ele se acalmando e tentando beijá-la, ela com os olhos vermelhos e marejados. Toma um gole da bebida de alguém, sacode a cabeça e volta ao presente. Dança com os braços para cima, desce até o chão, brinca com o movimento livre dos seios purpurinados, ri até as bochechas doerem, beija alguns caras que dá vontade de beijar, briga com um que vem abraçá-la do nada e sai zangado, dizendo que é carnaval, é brincadeira, que quer o que, fica com as tetas de fora e depois reclama, e alguma coisa a mais que ela não já escuta, tendo sua atenção voltada à amiga de cabelos roxos que o imita com os braços abertos, voz grave e tom debochado.

No palco, depois de pedir novamente que os foliões consumam a cerveja patrocinadora, a cantora inicia um longo discurso em que a crítica ao padrão de beleza impostos às mulheres emenda no grito de que a América Latina vai ser toda feminista, e depois em um xingamento aos milicianos diretamente vinculados ao governo atual, a afirmação de que a democracia é ditadura disfarçada, que o presidente é um fascista genocida, que o cidadão omissos tem sangue nas mãos, que feminismo é revolução e um viva a todas as mulheres, um viva às travestis, um viva às feministas negras, às mulheres negras de luta, justiça por Marielle e Anderson, não descansaremos enquanto não nos responderem quem mandou matar Marielle. Cada frase é seguida de palmas, gritos e assobios.

Ela se encanta com a força dessa mulher e das suas palavras, com o modo como elas agitam aquela multidão. Uma amiga cutuca seu ombro para dizer empolgada algo sobre estar arrepiada, sobre como é importante isso tudo ser dito aqui, no meio da rua, onde estão não só meninas da faculdade que pesquisam, leem e fazem rodas de conversa nos pilotis, como aquela que elas participaram - também tão importantes -, e como é bom que esses discursos alcancem cada vez mais gente, de fora da academia, de tantos outros lugares. E que possa ir além já que,

ainda que estejamos na rua, é nítido que a maioria das meninas aqui presentes são brancas e de classe média - que é preciso, como diz a música que ouviam ainda agora, “abrir a roda, enlargar” (ASSIS *et al.*, 1986)... Ela se inclina em direção à amiga para ouvi-la melhor, mas se distrai quando seu olhar se fixa por acaso nos seios descobertos de uma mulher à sua frente, que veste apenas uma calcinha *hot pant*, uma meia-arrastão, um par de brincos compridos e um adereço sobre a cabeça raspada - um útero de EVA vermelho com glitter que, como se uma de suas tubas fosse um bracinho, mostra o dedo médio de uma pequenina mão. A moça usa um par de tapa-mamilos em formato de coração, com cordinhas penduradas no meio que balançam ao menor movimento dos seios, tão maiores que os seus. E a calcinha, tão maior que a sua. E a meia-arrastão esticada, quadriculando seus largos quadris e coxas. E as dobras da barriga, marcadas por finas linhas brancas que marcam a sua pele. Seus olhares se cruzam rapidamente, e ela volta a encarar a amiga, sem conseguir disfarçar um tremor nos lábios, um estranho constrangimento que não queria sentir, mas sentiu. E por que, se não há nada de errado? - pensa, se dando conta de que o padrão recusado em coro coletivo incide de maneira complexa e diversa sobre os corpos. A sensação imediata é de culpa. O desconforto permanece no ar, talvez só para ela, já que a outra segue entretida em alguma conversa animada, talvez nem tenha percebido - ela torce, enquanto respira fundo e pede que a amiga repita parte do que dizia. Ainda que novas, essas palavras fazem muito sentido, fazem muito sentir - a culpa, que não se esvai completamente, mas também empolgação, irritação, confusão e, com a cabeça cheia de interrogações, um desejo enorme de danar com esse universal que cortou sua onda.

MARACUTAIA

Descemos das barcas e nos deparamos com a praça XV, ponto de confluência de onde partem e onde desembocam tantos blocos e foliões com grades de ferro espalhadas por toda sua extensão, afunilando a passagem e rodeada por policiais. Paisagem estranha para uma manhã de carnaval. Viaturas estacionadas se fazem notar pelas luzes vermelhas que piscam incessantemente. Estranhamos, mas como de costume, seguimos.

Com licença, você pode abrir sua bolsinha por favor? Sou surpreendida com a abordagem de um policial de aparência jovem. Polido nas palavras e ríspido no tom, ele se dirige a mim mas seu olhar parece focar em algo acima dos meus ombros. A contragosto, me aproximo e abro a pochete, de onde saltam mil potinhos, bolsinhas e embalagens. Agora sou eu que olho para o nada enquanto ele me pede para retirar cada coisa de dentro para que possa analisar o conteúdo. Claro, digo - a boa vontade da resposta destoando do semblante sério. Várias outras pessoas, com as pernas de fora, sem camisa, de chinelo, fantasiadas e montadas são também revistadas por homens e mulheres com pesados uniformes cinzas, portando fuzis e cacetetes, prontos para uma guerra. Algumas passam rapidamente para o lado de lá da barreira, outras tem algo confiscado, outros são conduzidos a um canto próximo a duas viaturas, onde neste momento dois rapazes são revistados. Eles vestem a mesma fantasia: um traje vermelho colado no corpo, longas caudas pontudas, chifres na cabeça e tridentes nas mãos - como os diabinhos dos carnavais do fim do Império e começo da Primeira República, as figuras mais populares e mais temidas da época, perseguidos pela polícia e infernizados pelas gazetas, que vinculavam sua imagem - sempre de homens negros - à desordem, crime, violência e perigo. “Presos, privados de suas longas caudas pontudas [que eram cortadas pelos guardas], revistados, atacados pela imprensa, objetos de temor e desconfiança, os diabos persistem em sua presença nas ruas durante um longo período” (CUNHA, 2001, p. 38) - de algum modo, até os dias de hoje. Depois de um longo tempo de análise, um dos policiais devolve os documentos de cada um e eles são liberados.

Pergunto ao homem que me revista, que não usa a tarjeta de identificação em sua farda, do que se trata tudo isso. Ele me explica que é uma nova operação de segurança no carnaval para coibir práticas criminosas e garantir um carnaval mais tranquilo para todos. Tem muita droga, gente que põe substâncias na bebida dos outros, muito bandido que se aproveita para se misturar na multidão, acaba com a festa e ainda coloca em risco a vida do folião, que fica mais distraído, vulnerável - ele diz, com um ar de preocupação e autoridade, muito parecido com o modo como adultos costumam se dirigir às crianças. Entendi, respondo já com dificuldades de

fazer caber aquelas miudezas em minha mão. Ele analisa o fundo da pochete, onde restam algumas tintas e purpurinas por cima de dois pequenos saquinhos *ziplock*, contendo pózinhos cristalizados levemente amarelados. Só então ele me olha, e eu o olho de volta, sem esboçar qualquer expressão. Ele me pede para guardar tudo de novo e com o braço estendido adiante e a cabeça levemente inclinada indica que posso seguir. Eu agradeço e, como de costume, sigo, com o rosto quente e o coração acelerado.

BLOCO DAS PODEROSAS

Seis da manhã. Entre um bloco e outro, uma pausa na primeira padaria que encontramos aberta. Uma mesa para descansar, uma pia para lavar o rosto, um café da manhã para começar o dia. Cinco pessoas fantasiadas, embriagadas, com olheiras fundas e purpurina por todo o corpo destoam da atmosfera vazia, sóbria e silenciosa daqui de dentro. Cada um escolhe no cardápio algo que pareça possível de mastigar e digerir, e um garçom anota nossos pedidos. Em um gesto automático, os olhos se voltam à televisão, que exibe o jornal da manhã de uma emissora aberta. Falam sobre o carnaval: a gente viu ontem correria, a gente viu tumulto, a gente viu tiroteio, a gente vê aí lixo na rua, a gente vê bloco clandestino, e todo ano é a mesma coisa, as coisas vão se repetindo. Só que esse ano está mais forte, não é?

O âncora se indigna ao noticiar um tumulto que deixou mais de duzentos feridos no bloco mais cheio deste Carnaval, no Centro da cidade. Nas imagens aéreas, uma multidão corre para todos os lados desviando dos cassetetes e sprays de pimenta, enquanto sobe a fumaça das bombas de efeito moral lançadas pela polícia militar, que estava ali para garantir a ordem e proteger a população. O bloco acaba, e mais de trinta policiais são envoltos por um cordão de isolamento feito por eles mesmos em frente ao trio elétrico, enquanto os foliões em volta socorrem pessoas desmaiadas e feridas, e se dispersam apressadamente. Corta para outra cena, o reencontro entre mãe e filha na delegacia: não levem mais seus filhos para blocos grandes assim, as crianças podem se perder - ela diz, em tom de desespero, com os olhos inchados e vermelhos, segurando uma gravata borboleta e uma tiara com orelhas de onça na mão.

Vendo as cenas do tumulto, me lembro da mulher que conheci ontem, que dançava perto de mim no bloco, com uma saia de poá branca e preta, óculos escuros, um colar de bolinhas combinando com a saia, um batom vermelho e uma flor do mesmo tom pregada nos cabelos curtos. Em uma mão ela segura a lata de cerveja, na outra a bengala dobrada, amarrada com um elástico. Ao seu redor, um grupo de amigos a protege do empurra-empurra enquanto todos dançam e conversam. Horas depois, nos encontramos na fila de um banheiro químico - um quadrado de lata com quatro cabines sanitárias, uma comprida única pia, ligada a quatro torneiras e um espelho retangular pendurado na vertical. Ela está na minha frente e reclama da falta de papel higiênico, anunciada por uma mulher que acaba de sair dali de dentro.

Lembro das folhas enroladas que uma amiga me deu mais cedo, quando os banheiros ainda estavam limpos e os rolos cheios, e guardei na pochete. Ofereço um pedaço a ela e outro à sua amiga, que recusa - só vim acompanhá-la, diz. Pergunto se estavam no Cordão do Bola Preta, como se sua roupa já não deixasse evidente. Ela confirma, animada, e conta que foi incrível. Diz que vai todo ano e não perde por nada 'o melhor e maior bloco da cidade'. Confesso a ela que nunca fui. O que?, ela se espanta. Conto que, durante o meu primeiro carnaval no Rio vi o cordão na televisão, em uma reportagem que narrava tumulto, briga, furto, criança chorando, gente desmaiando e passando mal, presa no meio da multidão. Alguém dizia em entrevista do medo que sentiu de ser pisoteada, os jornalistas alertavam para o crescimento desenfreado da folia. Acho que isso ficou marcado para mim de algum modo e, não sei se exatamente por isso, acabei nunca indo ou sequer considerando ir.

Você não sabe o que tá perdendo, ela afirma, e desata a contar histórias. Diz que, além de ser o maior bloco de carnaval do mundo, é o mais antigo entre os que seguem ainda existindo - foi fundado em 1918, e desfilou pela primeira vez em 1919. Minha avó ia, só parou quando morreu - que Deus a tenha -, eu vou desde pequenininha, quando minha dinda me levava, já levei muito meu filho, que hoje está crescido e não quer mais saber de passar o carnaval comigo. Mas eu não parei, nem vou parar. Vai ano que vem para você ver o que é carnaval de verdade, a coisa linda que é aquela toda aquela gente dançando apertado, cantando as marchinhas - 'quem não chora não mama / segura, meu bem, a chupeta'. E pode ter certeza que eu vou estar lá, no meio dessa multidão que o jornal só mostra quando foca em alguma desgraça, tumulto, roubo, confusão. Sua amiga, que ficou mais calada a conversa toda, avisa que ela é a próxima e oferece o braço para guiá-la.

Não se sabe o que deu início à confusão, afirma o delegado e comentarista de segurança pública, mas o grande problema do carnaval é a falta de planejamento dos organizadores de blocos, que deveriam se alinhar com a polícia em nome da segurança da população. O salto entre a notícia do megabloco conduzido por uma cantora famosa - que faz parte da programação oficial, recebe patrocínio privado e apoio da prefeitura - à denúncia do perigo dos blocos clandestinos se dá com naturalidade - esses sim, segundo ele, a grande bagunça do carnaval. A pergunta feita por uma travesti, nos poucos segundos transmitidos de sua entrevista, passa batida: por que a polícia jogou bomba em um bloco que tem mais de um milhão de pessoas quase sem roupa, cheio de criança, família e bêbado?

A reportagem garante, no entanto, que reforços policiais foram acionados para outros blocos, e que novas discussões já estariam sendo levantadas para organizar e definir mudanças na regulamentação do ano seguinte. O governador fuzileiro anuncia as medidas mortificantes através das quais “o Rio de Janeiro voltará a ser essa terra de tranquilidade e de esperança” (NALATA com WILSON WITZEL, 2019). A população pode, então, respirar aliviada. Talvez não aquela atingida direta ou indiretamente pelas bombas de gás lacrimogêneo em um bloco com um milhão de pessoas em um calor de mais de quarenta graus. Talvez não aquela que foi direta ou indiretamente atingida pela intervenção militar no estado, que começou a ser discutida na terça-feira de carnaval do ano anterior, sob os mesmos argumentos⁵⁴. A polícia fez o que pôde, eles afirmam para seus espectadores na primeira notícia do dia, antes de abrir um sorriso e chamar o intervalo.

“Bem feito”, o garçom comenta do balcão, com os olhos grudados na tela, enquanto da mesa assistimos atordoados - mas não surpresos - a narrativa hegemônica da festa retratada por câmeras aéreas e comentada em estúdios. Falávamos também sobre o carnaval - outro carnaval, que passou pelas mesmas ruas ou muito próximo delas. Quantos carnavais acontecem no carnaval? O café da manhã ficou indigesto. Pagamos a conta e saímos da lanchonete em direção à concentração do próximo bloco - confirmando a preocupação do âncora, as coisas vão se repetindo, mas o tom aqui já não é de lamentação. Crianças correm, brincam, catam confetes no chão e os lançam ao ar. Músicos afinam seus instrumentos enquanto amigos se encontram e se preparam para mais um dia de folia. Com a barriga cheia e corpo levemente renovado, brindamos com a primeira cerveja do dia a grande bagunça do carnaval.

⁵⁴<https://g1.globo.com/politica/blog/cristiana-lobo/post/intervencao-federal-no-rj-comecou-a-ser-tratada-na-terca-feira.ghtml>

CORDÃO DO BOI TOLO

Enquanto esperamos o troco da cerveja, paro para conferir as mensagens não lidas no aplicativo do celular. Um amigo disse que só acordou agora, vai sair de casa mais tarde, liga antes para saber onde estamos mas não vai sair com o celular - dois anos sendo furtado e roubado já deu pra aprender. Respondo com uma selfie e um emoji de coração amarelo. Em um grupo de família alguém compartilha a matéria: ‘veja dicas para evitar roubo de celular, furtos e golpe de cartão no carnaval’. Não abro o link, mas já tem pelo menos um mês que informações como essas vêm sendo compartilhadas na mídia e em diversos grupos criados com o intuito de compartilhar informações e localizações de blocos - orientar o carnaval, como se diz por aí: doleira para dentro da roupa, andar só com dinheiro vivo, localização em tempo real ativada, cadeado na pochete, não aceitar bebida de estranhos, não andar sozinho, dinheiro na meia, celular do ladrão e tantas outras estratégias. Há poucos dias, em um grupo com mais de duzentos foliões de diferentes lugares da cidade, surgiu o mais novo alerta: cuidado quando forem comprar bebida no carnaval, confirmam se ela está lacrada porque tão colocando droga na bebida de geral⁵⁵. ontem a amiga de uma amiga apagou depois de tomar uma cerveja que o ambulante insistiu em abrir para ela, teve que ir para UPA e não lembra de nada, a sorte é que ela não tava sozinha. tá tenso. se cuidem.

O aviso preocupado é rebatido de imediato por uma camelô: saio de São Gonçalo pago frete ida e volta quase não durmo corro atrás das melhores mercadorias gelo tudo certinho aí vem uma coisa dessa. já somos perseguidos pelos guardas agora vem o folião. A garota logo se desculpa e corrige: não, você tá certa, não são os ambulantes que fazem isso. é bandido infiltrado se passando por ambulante. Ninguém discorda da questão colocada pela vendedora, mas alguns fazem ressalvas, dizendo que entenderam o que a moça quis dizer, sobre o perigo e o risco da situação, que já ouviram relatos parecidos e todo cuidado é pouco. A grande maioria não se manifesta. Um menino debocha do caso, diz que a galera mistura um monte de coisa, passa o dia com o sol na cabeça e barriga vazia, dá *pt* e chama de ‘boa noite, cinderela’. Outro lança um textão sobre a criminalização dos ambulantes porque, na real, são os trabalhadores que fazem o carnaval funcionar, enquanto um poder público *filho da puta* quando não quer destruir a festa, quer privatizar. Alguém sugere que só se compre com o *ambulante amigo*, por segurança. Um ambulante amigo dá as caras, manda uma foto fazendo joinha com as mãos e

⁵⁵<https://g1.globo.com/tj/rio-de-janeiro/carnaval/2020/noticia/2020/01/22/frequentadores-de-blocos-relatam-perda-de-consciencia-e-suspeita-de-adulteracao-de-bebidas-vendidas-por-ambulantes-no-pre-carnaval-do-rio.ghtml>

um áudio em que diz ser conhecido por muita gente e que, de fato, não dá se pode culpar trabalhador honesto - a parada é todo mundo se cuidar, não dar bobeira e ninguém soltar a mão de ninguém. O textão ficou para cima, sem muito eco, enquanto um apanhado de ideias parece enfim apontar para uma solução: mandem fotos aqui, de vocês e dos carrinhos, para a gente saber quem é ambulante parceiro, fortalecer o trampo de vocês e compartilhar com a nossa galera. Alguém se oferece para fazer uma montagem de todas as fotos, e sugere que criem um slogan ou uma camiseta que possa identificá-los na multidão como ambulantes amigos, parceiros, confiáveis - por que não?, e se quiserem uma ajuda com isso, tamos juntos. irado!, a amiga da amiga da amiga que desmaiou no bloco se empolga. era só o que faltava, o camelô para trabalhar ter que ter indicação - *número desconhecido* saiu do grupo.

O assunto avançou, mas não houveram camisetas, fotografias ou listas de indicação. Hoje, as conversas giram todas em torno de um mesmo assunto: alguém orienta o Boi Tolo?⁵⁶ saiu tem muito tempo? tá muito cheio? qual boiada está melhor? tem alguma outra coisa rolando hoje? e amanhã? alguém orienta? Seguem-se às perguntas, respostas curtas, fotos de multidões, compartilhamentos de localização em tempo real. As pessoas a todo tempo querem novas informações e sempre parece haver um lugar melhor para se estar - um bloco mais bonito, menos lotado, mas também não vazio, mais tradicional ou mais alternativo, mais exclusivo, com uma música melhor, fantasias mais criativas, gente mais interessante...

Na busca incessante pela melhor experiência do carnaval, enquanto os blocos não-oficiais tentam despistar multidões muito numerosas, todo folião com um smartphone em mãos vira um pouco orientador - tomando uma direção outra que a do tropicalista Caetano Veloso que, quando cantava em Tropicália “eu organizo um movimento / eu oriento o carnaval” (VELOSO, 1968), queria dizer que, “não necessariamente eu, mas alguma força que podia dizer "eu" através de mim, organizava um importante movimento” (VELOSO, 1997, p. 235). Em tempos de redes superaquedas, o anonimato não é desejável - “brincar é o de menos; fundamental é que as pessoas saibam, em tempo real, que o folião está brincando” (SIMAS,

⁵⁶ O Cordão do Boi Tolo é um dos maiores blocos não-oficiais da cidade e, ainda que carregue cordão em seu nome, foi criado por ‘combustão espontânea’ em 2006 e recusa, desde então, qualquer centralização, organização ou formatação excessivas. O desfile acontece aos domingos de carnaval e conta com músicos de diversos outros blocos e grupos, que se revezam ao longo do dia já que o bloco é conhecido por não ter hora para acabar - o cortejo já chegou a durar mais de 15 horas ininterruptas. Por alguns anos, quando foi tomando proporções grandes demais, uma estratégia foi a de se dividir em diversas *boiadas*, que faziam trajetos diferentes pela cidade, podendo encontrar-se em algum momento: <https://www.facebook.com/cordaodoboitolo/>.

2019a, p. 106). Quando o que interessa é ser visto, notado, admirado e seguido, todos querem ser os pioneiros, ou ao menos testemunhas de algum movimento importante. Perfis marcados, localizações informadas, fotos bonitas para alimentar o *feed*, looks alternativos “na crista da linha do normal” (COUTO, 2019, p. 64), com os tecidos e adereços da moda que daqui a um ou dois carnavais estarão batidos, substituídos por outros ainda mais belos, divertidos, elaborados e criativos.

CORDÃO DO PRATA PRETA

Estão dizendo que vai ter um bloco novo mais tarde no Centro - um amigo diz. No centro onde? Não sei, vão divulgar o local de concentração na hora, mas é perto desse lugar aqui - aponta para a tela do celular. O mapa indica quarenta minutos andando, com uma linha azul pontilhada marcando o trajeto tortuoso. Parece que vai ser a boa - ele segue -, é de uns músicos que tocavam naquele bloco, que antes tinha aquele outro nome, que mudou quando ficou muito explanado, e agora mudou de novo. Uns cinco blocos ou boatos correm pelos grupos de mensagem, e discutimos as possibilidades em uma rodinha espremida entre a multidão. Um quer ir em um bloco incrível que vai há cinco anos, outro tem medo de estar muito cheio, outra não quer se afastar tanto daqui, já que mais tarde vai rolar um cortejo em que alguns amigos vão estar. Todos um tanto perdidos, confusos e decepcionados com o fiasco que foi o primeiro bloco do dia - muito cheio, música baixa, tumulto e afunilamento, todo mundo tentando se aproximar do som a todo custo, mais parecendo “estranhas máquinas que batem umas contra as outras” (PASOLINI, 2019, p. 3).

Mas também, pra quê três horas de concentração?, um reclama. Evidente que ia lotar. Lotou. Não dá nem pra sair, pior que metrô às seis da tarde. Ano passado foi tão bom, lamentamos. Foi tão bonito que dessa vez alguns amigos quiseram vir também, ver com os próprios olhos o que contávamos repetidas vezes com os nossos brilhando. Mas não estava tão cheio assim, avaliamos. Claro, mais cheio que o ano anterior - a primeira vez que viemos. Esse sim, foi lindo demais! Mas como é que de lá pra cá encheu tanto assim? Agora não dá mais, o bloco foi descoberto, já deu!

É tudo culpa dessa coisa de internet - um casal com seus cinquenta e tantos anos que está ao nosso lado se junta à conversa. Com as camisas do bloco, tamborim e chocalho nas mãos, ele com um chapéu panamá, ela com uma tiara florida na cabeça, nos contam, em um misto de tristeza, revolta e orgulho, que tocam no bloco há 15 anos. Desatam a compartilhar nostalgias, de como os filhos cresceram subindo por essas ruas estreitas, fazendo guerra de confete no coreto, tomando banho de balde d'água lançada dos sobrados, correndo pela praça, até voltarem para casa exaustos e encardidos. Hoje foi a mais velha que trouxe seu bebê, você vê, primeiro ano dele, até fantasia botou! Mas voltaram para casa quando começou a encher demais e nada do bloco sair. Eles riem e contam dos primeiros ensaios, das reuniões de organização, do amigo que, no meio de um carnaval, frustrado porque não conseguiram encontrar o tradicional Cordão do Boitatá - e naquele tempo não tinha esse negócio de Whatsapp e GPS não, enfatizam -, propõe a criação de um bloco entre eles, amigos e vizinhos, para desfilar

aqui mesmo, no bairro da região portuária. Contam que, na época, as coisas estavam meio paradas por aqui, mas ouviam muito de seus pais e avós sobre os blocos de sujo que saíam por aqui no século passado. E, como seria o ano de centenário da Revolta da Vacina - movimento de resistência popular que tomou estas ruas em 1904 -, decidiram homenagear o líder da revolta, o capoeirista e estivador Horácio José da Silva, conhecido como Prata Preta. Um ajuda o outro a lembrar de datas e nomes que compõem essa história, e no mais nostálgico e romântico tom afirmam que aquela farra é que era boa.

Mas agora é isso - os sorrisos dão lugar ao semblante sério, com as testas enrugadas. Vem toda essa gente de fora e nem tocar conseguimos mais. Ano passado já foi difícil, mas esse ano desistimos, não dá mais, já deu! E ninguém quer saber da história, da tradição, do sentido disso tudo, da história de luta e resistência da região. Dos negros sequestrados da África que aportaram ali no Cais do Valongo. Dos que após a abolição formal da escravidão fizeram aqui na região casa para morar. E na casa, terreiro para juntar os seus e manter viva sua história ancestral, e no terreiro, samba para cantar as dores alegrias da vida, e do samba, “duramente perseguido” (SARGENTO, 1979), o carnaval que cresceu por essas ruas. Disso ninguém quer saber. Nem do que foi feito com as pessoas que tiveram suas casas demolidas aqui do lado pelo projeto do Porto Maravilha, chamando de revitalização a remoção de mais de trezentas famílias, só para deixar o espaço chique para turista passear. Só querem saber da bagunça: vêm, bebem, usam droga, mijam na porta das nossas casas, deixam seu rastro de lixo e vão embora, dizendo que isso é carnaval - eles desabafam, ao mesmo tempo simpáticos e enfurecidos, e se despedem, tentando achar saída em meio à multidão que se espreme ao som de música nenhuma. Deixam de rastro suas palavras, que criam ecos e silêncios entre nós enquanto tentamos também sair fugidos daqui.

BLOCO SECRETO

Decidimos ir até a concentração de um bloco que parece que vai começar aqui perto. Caminhamos sem pressa, com pequenas pausas para alguém fazer xixi, comprar alguma bebida, falar com amigos ou conhecidos, tirar fotos. Passamos por um vereador da cidade com sua clássica fantasia de Mafalda, que sorri e acena simpático quando o cumprimentamos; por um Alladin que fez um tapete mágico com seu skate, e parece deslizar no ar, a poucos centímetros do chão; por um casal que se beija intensamente enquanto os amigos gritam e assobiam; por um grupo de homens que vestem roupas femininas esgarçadas sobre seus músculos, perucas desgrenhadas e maquiagens borradas, gargalhando de si mesmos com seus caricatos trejeitos femininos, enquanto chamam um ao outro de vagabunda, piranha, mocréia, invejosa; por um vira-lata que cheira uma poça de vômito no canto da calçada; pela menina que faz *pole dance* em um poste de luz; pelo boteco ocupado todos os dias pelos mesmos senhores, que sem qualquer discricção fitam a bunda das passantes e comentam entre si, e ficam de sangue quente quando cinco garotos purpurinados passam rebolando e mexendo com eles, um deles se abanando com um enorme leque vermelho, chamando atenção com o *vrá* que o acessório faz a cada vez que é aberto; por um monte de gente com trajés *diferentões* bem parecidos com os nossos: maiôs, calcinhas de lamê, brilho, organza holográfica, neon... Somos a todo tempo interpelados sobre o que estava acontecendo onde estávamos, se estava bom, para onde vamos, se vai estar bom, e rimos sem saber se só estão todos muito perdidos mesmo ou se parecemos confiáveis para dar qualquer orientação de itinerário - impressão que deve cair por terra com nossas respostas confusas, emboladas e divergentes. E seguimos andando pelo meio da rua, parando de tempos em tempos para conferir o trajeto, rindo das fantasias e brincadeiras que passam por nós.

Chegando ao nosso destino, não contamos mais do que vinte pessoas espalhadas e nenhum instrumento à vista. Ao menos encontramos um ambulante, pegamos cerveja o suficiente para encher o copo de todos e nos sentamos no chão, descansando da caminhada e esperando para ver o que vai acontecer. Conversa vai, conversa vem, gente que chega, gente que vai embora e desconfiamos que o tal bloco não vai sair, pelo menos não daqui. Enquanto isso, recebo uma mensagem do amigo que ficou no outro bloco, contando que o tumulto passou, o bloco saiu e, depois de muito perrengue, muito aperto e muita luta para chegar perto da banda, foi incrível. Leio a mensagem em voz alta e hesitamos: será que a gente devia ter ficado? E então repassamos na memória as horas de espera, a avalanche de gente, o calor, a dificuldade de andar, a falta da música - convencendo a nós mesmos, mais uma vez, da decisão tomada.

Uma amiga se levanta para comprar mais uma rodada de cerveja e pergunta ao camelô se ele tem alguma notícia do tal bloco secreto, mas ele não está sabendo de nada, veio também atrás de um boato e está dando um tempo antes de ir para outro lugar. E esse som aí atrás? - ela pergunta, reparando no aparelho amarrado no bagageiro da sua bicicleta. Tá aí, mas fiquei sem bateria no celular. Se quiser, botar alguma coisa fica à vontade, ele sugere, e o marasmo da concentração furada é cortado por um funk que toca em volume razoável, o suficiente para a gente se levantar, suspender a espera e fazer aqui mesmo nossa festa. Os vocais pouco afinados e *beatboxes* amadores aumentam o alcance do som e alguns outros perdidos se juntam a nós. Não demora para a pequena aglomeração virar uma rodinha de dança, com seu centro ocupado a cada momento por uma pessoa que manda algum passinho, arranca gritos e aplausos dos demais e puxa alguém para o meio antes de sair. Um casal se aproxima e pergunta timidamente se podem se juntar a nós e, na afirmativa imediata, ela entra na roda e rebola sorridente com as mãos no joelho, enquanto ele a acompanha com o corpo rígido e um discreto balançar da cabeça e dos ombros.

Entre danças desengonçadas e desenvoltas, tímidas e desinibidas, sensuais e engraçadas, um menino de shortinho rosa, regata *cropped*, boné laranja e longas unhas prateadas de acrílico pede licença, dá um salto e cai em espacate no chão, quicando e rebolando durante o refrão da música da drag Pablio Vittar. Depois se levanta sem esforço aparente, desfila de uma ponta à outra do círculo e segue dançando, puxando coreografias que tentamos imitar. Dois caras mais afastados observam fixamente, trocando risinhos e fazendo piadas ao pé do ouvido um do outro. O garoto repara de rabo de olho, mantém o carão e mexe com ainda mais força os quadris, em uma velocidade e precisão que deixa todos perplexos. A namorada de um deles, sentada no banco da bicicleta acoplada ao carrinho do ambulante, que está de pé concentrado em alguma conversa, grava o show em pequenos vídeos que compartilha instantaneamente com seus mil e tantos seguidores. A playlist avança, com acréscimos de ideias que vão surgindo aqui, e os corpos suados dançam cada vez mais perto, colando-se uns aos outros. Flertes despreziosos viram abraços e beijos entre dois, três, quatro ou mais que, em efeito de contágio, se tocam, enlaçam e desenlaçam seus corpos sem qualquer pudor.

Algum tempo depois, com a mesma espontaneidade com que surgiu, isso que se formou aqui começa aos poucos a se desfazer - alguns se afastaram para sentar no meio fio, o casal se despede e entra em um táxi - que não esconde o incômodo com as purpurinas que ficarão por tempo indeterminado no estofado do carro -, uma garota troca contatos com outra antes de partir com os amigos, o ambulante avisa que vai se encaminhar para um outro bloco. Alguns decidem

ir com ele, outros cogitam voltar para casa ou seguir para outros lugares. E assim nos despedimos, dispersamos e espalhamos pela cidade, entregues ao acaso do carnaval.

GIGANTES DA LIRA

‘Iáááá!’. Um grito fino se destaca dos ruídos da rua movimentada e interrompe meu percurso. Olho para baixo e encontro o dono daquela voz fina - um menino que bate na minha cintura, com uma das mãos fazendo um gesto de garra em minha direção, como se preparasse um ataque. Ele veste uma máscara de do filme V de Vingança - a mesma que esteve em alta nas manifestações de 2013 por conta do grupo de hacktivistas Anonymous. Finjo um susto para entrar na brincadeira. ‘Compra uma bala, tia?’, ele pede com a voz chorosa e reparo, então, na caixa de jujubas que ele carrega na outra mão.

‘Não tenho’, respondo de imediato com voz de pesar a uma pergunta que ele não fez. Tento consertar: ‘não tenho dinheiro, tô só com cartão’. Conserto com uma mentira, lembrando que tenho ainda algumas moedas e notas amassadas no bolsinho da pochete. Ele não fica satisfeito com a resposta e se queixa. Estou me preparando para seguir andando, quando ele pergunta e esse brilho que você passou na cara? Eu tenho aqui, você quer? Ele faz que sim com a cabeça. Me abaixo, abro a pochete e pego tintas e purpurinas das mais diversas cores. Ele escolhe - azul, rosa, dourado, verde -, tira a máscara e estica o rosto em minha direção. Uma gota de suor escorre pela sua pele escura enquanto ele me aponta os lugares no rosto que quer colorir - ‘quero assim, igual você fez no seu’, aponta para as linhas coloridas, já um tanto borradas, que começam nas pálpebras e crescem pelas têmporas. Enquanto faço sua maquiagem, o conselho-tutelar que habita em mim dá as caras: você tá sozinho? cadê seus pais? Os pais estão vendendo bebida, e o irmão estava com ele até agora e se separaram, ele me conta. Mas acho que a gente vai se encontrar mais tarde porque hoje à noite tem um bloco muito legal que todo mundo desfila vestido de índio e tem fogos de artifício e luzes e é muito legal - ele acrescenta, com uma empolgação que não permite pausas entre uma palavra e outra.

Pronto!, mostro o resultado com a câmera frontal do celular. Uau! - ele arregala os olhos e abre um sorriso que faz aparecer duas covinhas nas bochechas. Quando volta a máscara ao rosto, a maquiagem e o sorriso somem, ficando à vista só os seus olhos, me fitando pelos buraquinhos da máscara enquanto conto a ele que assim não dá pra ver nada. Ah não! E agora, tia? - a voz chorosa retorna. Temos então a ideia de pintar a máscara, e dessa vez ele mesmo vai colorindo os olhos, bochechas e boca daquele rosto de plástico branco. Ele a veste, pede para ver pelo celular e se diverte com as bochechas rosadas, o delineado verde e brilhante e batom azul do V de Vingança. Gostou? Ele faz que sim com a cabeça. Tiramos duas fotos juntos, uma com a máscara, outra sem, e com um toque de mãos nos despedimos. Ele volta a vender balas e assustar foliões, eu sigo meu caminho, olhando para as fotografias. Me esqueci

de perguntar seu nome. Abro a foto no Instagram e aperto no botão de compartilhar - falha por problemas de conexão, tente novamente mais tarde. Desisto da operação, guardo o celular e começo a contar umas notas amassadas no bolsinho da pochete para comprar uma cerveja.

CACIQUE DE RAMOS

Do alto da passarela observo a extensa cauda de foliões que toma a Avenida Chile esta noite. Disse que queria subir para ver se assim conseguia dimensionar o tamanho do bloco - não consigo. É gigante. Tento tirar uma foto, mas o borrão de luzes e sombras não captura a beleza da cena. Não é bem a beleza do corpão sarado carioca Zona Sul, dos LEDs, arcos modernos e tecidos holográficos das fantasias à la vitrine da Farm. É um outro carnaval que encontro aqui. Apoiada nas grades de ferro, me sento com as pernas para fora, balançando no ar com cautela o suficiente para os chinelos não escaparem dos pés, e assisto ao espetáculo com o mesmo encantamento de uma criança que assiste pela enésima vez o seu desenho favorito.

Vejo lá na frente as costas da enorme escultura do Cacique, as penas brancas do cocar surgindo acima de sua cabeça, sobre seus cabelos negros compridos. Ele vai se distanciando, com os braços cruzados sobre o peito e um semblante sério. As rainhas e princesas que sambam e acenam do alto do carro alegórico, na frente do Cacique gigante, já não estão ao alcance da vista. De lá até aqui, milhares de foliões desfilam nas diferentes alas - dos Apaches, Carajás, Cheyennes, Comanches, Guerreiros e Tamoios -, ou assistem e dançam pelas laterais da rua. A bateria acompanha em sincronia os puxadores de samba, que do alto do carro de som cantam repetidamente: “olha, meu amor / esquece a dor da vida / deixa o desamor / caciqueando na avenida...” (DE QUINTAL, 1983). Um mar de gente avança e as cores preta, branca e vermelha se destacam por toda a multidão, em camisetas, fantasias, bandeiras, bonés, pinturas, cocares - estes últimos, protagonistas da polêmica surgida nas redes sociais recentemente.

A poucos dias para o carnaval, o Cacique de Ramos foi descoberto por jovens engajados da internet, e imediatamente cancelado sob a acusação de apropriação cultural. Índio não é fantasia - afirmam categoricamente. Ao serem informados de que o bloco desfila desde 1961, as opiniões se dividem: enquanto alguns sugerem que se conscientize o bloco - talvez eles não tenham se atentado ao erro e possam corrigi-lo, cogitam compreensivamente -, outros dizem que as tradições não devem servir para legitimar opressões, que os tempos são outros, que os grupos têm de se reinventar e se adequar às pautas atuais se querem permanecer existindo. O cancelamento do Cacique é um desdobramento de discussões que há anos atravessam a festa: o que pode, o que não pode, o que não se deve fazer ou vestir. A questão parte da crítica ao *blackface*, uma antiga prática surgida nos Estados Unidos no meio artístico, em que pessoas brancas se caracterizavam de modo a ridicularizar pessoas negras - no carnaval, ele se materializa de modo emblemático na fantasia da *nega maluca*, com a qual ainda nos deparamos vez ou outra por aí. A discussão se estende hoje a outros grupos minoritários que apontam para

a violência contida em apropriar-se de identidades e culturas como forma de humor e sátira, esvaziando-as politicamente e reforçando estereótipos negativos.

No entanto, seja pela força da árvore Tamarineira, com suas raízes fincadas na quadra do bloco e preparada espiritualmente por Dona Conceição, mãe-de-santo e mãe de dois dos fundadores, com o axé e as orientações do Caboclo Sete Montanhas - grande símbolo do bloco ao qual muitos creditam o sucesso contínuo do Cacique de Ramos e seus integrantes -, seja pela inconsistência de uma discussão que até parte de uma questão pertinente, mas pouco se complexifica quando não ultrapassa a decisão moral entre estar ou não permitido, ser certo ou errado; o cancelamento parece não abalar o bloco, que realiza por mais um ano o seu desfile, seguido por milhares de foliões. “No subúrbio ninguém está preocupado”⁵⁷, diz Bira Presidente, dirigente do bloco.

O desvio da polêmica não diz necessariamente de uma recusa a pensar politicamente a festa, tampouco de uma falta de compreensão, como supuseram alguns usuários das redes sociais. Muito antes de se falar em empoderamento, o artista Carlos Vergara fazia a emblemática fotografia de três homens negros, um deles vestindo um chapéu, os outros com volumosos cabelos crespos descoloridos, olhando sérios para a câmera. Sem camisa, eles têm a palavra poder escrita no peito com tinta branca. O registro é do carnaval de 1972, anos de chumbo da ditadura militar. A aproximação de Vergara com o bloco, a partir de um gesto de “olhar para fora” (CASTRO, 2018) de seu ateliê, se dá com certo fascínio pela importância política expressa no carnaval do Cacique de Ramos: em um período de repressão acirrada, o subúrbio vai para o Centro da cidade e afirma um potente jogo de igualdade e singularidade, a partir do qual se forja um comum: “dos sete mil, sou um. Todos são caciques” (VERGARA *apud* CASTRO, 2018, p. 130).

Na ânsia de identificar e resolver os problemas do mundo, esquecemos por vezes de ver e ouvir o que aqueles que vieram antes de nós tem a nos contar sobre lutas e caminhos percorridos. Decerto, há sempre algo novo a aprender, a pensar, a deslocar quando entende-se que as lutas são movimento vivo, constante e inconcluso. Decerto, fascismos e microfascismos permeiam também o Cacique de Ramos, como qualquer outro bloco que desfila por uma cidade atravessada por forças fascistas. No entanto, como Ailton Krenak sinaliza, “há algo de insano quando nos reunimos para repudiar esse mundo que recebemos agorinha, no pacote encomendado pelos nossos antecessores; há algo de pirraça nossa sugerindo que, se fosse a gente, teríamos feito muito melhor” (KRENAK, 2019, p. 33). Se, de fato, as tradições não

⁵⁷<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2020/noticia/2020/02/19/no-suburbio-ninguem-esta-preocupado-diz-fundador-do-cacique-de-ramos-sobre-cancelamento-de-fantasia-de-indio.ghtml>

devem servir para legitimar opressões, como sustentar um rigor crítico que permite a insurgência de novos modos de brincar o carnaval sem encarnar uma postura pirracenta de recusa a tudo aquilo que nos antecede? Sem condenar nem romantizar a tradição pela tradição, como perceber as forças que atravessam passado e presente, de modo a estabelecer uma relação ética e consistente com o mundo em que vivemos e os problemas de agora? Como recolocar o problema - sem desejar preservar as formas a todo o custo, tampouco depositar em nossos gestos inventivos uma eterna busca por um carnaval isento de afetos tristes, de falhas e tensões, de disputas?

Antes que o bloco se afaste demais, me despeço da posição de espectadora e descemos empolgadas para a Avenida. Depois de ter a visão panorâmica dessa cena única - que se repete todo ano, em três dias do carnaval -, queremos nos misturar nessa multidão, chegar perto das alas, dançar com os Caciques e gritar toda vez que um facho de luz for acendido e todos começarem a correr em volta da fogueira incandescente que sobe em direção ao céu. Queremos nos sentir parte dessa história, testemunhar uma tradição, viver no presente o que muitos dizem ser, este sim, o carnaval de verdade. Queremos fazer coro ao estandarte, que diz: Cancelar? Eu vou caciquear! Queremos cantar 'ô coisinha tão bonitinha do pai' e que 'você pagou com traição a quem sempre lhe deu a mão'.

Amiga, vou aproveitar para ir ao banheiro, você me espera? - ela aponta para a fileira de banheiros químicos a uns dois metros do pé da escadaria. Quase digo que não - quero correr logo em direção ao cortejo, mas percebo minha euforia, respiro fundo e relaxo - claro, vai lá. Enquanto aguardo, segurando sua pochete e a lata de uma bebida quente, meu olhar distraído é chamado a seguir um barulho de agudos gritos, risadas e algo que parece um choro estridente. Ao lado dos banheiros químicos, um gramado inclinado que conecta a calçada e a rua que se eleva ao lado virou um escorregador. Uma dúzia de crianças de diferentes tamanhos desce e sobe sem parar, entre gargalhadas, pulos e respirações ofegantes. Algumas rolam deitadas na horizontal, outras usam pedaços de papelão para deslizarem sobre a grama. Um dos maiores do grupo é mais ousado - desce correndo de uma vez, tomando embalo até o outro lado da rua, e o vento faz sua capa de vampiro se levantar. O menorzinho, que abria um berreiro até alguns segundos atrás, acompanha atento seus movimentos, limpando em uma minúscula camiseta do bloco o nariz que escorre.

Terra no lugar de purpurina, sucata no lugar de instrumentos. “A rua como meio” (DELEUZE, 2011, p. 83) de experimentação, de devir. Com as fantasias encardidas e amarrotadas, cabelos despenteados e testas suadas, essa pequena multidão faz um carnaval com bem menos glamour e recursos que o dos adultos - “para brincar, afinal, há que se ter a disponibilidade de tempo e espaço e a experiência de escassez que permite a invenção” (SIMAS, 2019a, p. 135). Isso antes que se aprenda a fechar as pernas, a não colocar a mão no chão, a não correr, a não confiar em estranhos, a se temer o perigo da rua, a obedecer e guardar seus mapas, a preocupar-se com discussões e conceitos - como verdade, tradição, apropriação, identidade, forma... Enquanto isso, exploram “a rua e suas matérias, como os paralelepípedos, seus barulhos, como o grito” (DELEUZE, 2011, p. 83) dos foliões, como as coisas largadas no chão e suas cores. Inventam jogos, imaginam mundos, traçam mapas intensivos - e “não cabe, obviamente, perguntar se são trajetos reais ou imaginários, concretos ou oníricos, objetivos ou subjetivos. Perguntas inúteis, falsos problemas” (PELBART, p. 50, 2000). Brincar o carnaval - essa expressão tem caído em desuso, não é?, comento com a amiga que já saiu do banheiro e pega de volta sua pochete e sua bebida quente, enquanto andamos em direção ao cortejo.

AGYTOÊ

A localização exata do bloco ainda não tinha sido divulgada quando chegamos à concentração, confiando em boatos que rolaram em alguns grupos. A estratégia controversa dos blocos não-oficiais para despistar a polícia ou tentar controlar o número de foliões não agrada a todos - no evento do Facebook, as pessoas reclamam que essa história de lançar charada para ocultar o local pode até ser divertida para quem mora no Centro ou na Zona Sul, mas ‘como é que eu vou sair da Zona Norte para chegar meia noite no centro da cidade e ficar caçando bloco correndo o risco de ser assaltada?’, diz um comentário com mais de quarenta curtidas. Na concentração, um rapaz que toca em alguns blocos desde que começou oficinas de percussão na Praça Paris, no ano retrasado, argumenta com o amigo que ‘as pessoas tem que entender que quem faz o carnaval de rua acontecer de verdade precisa de espaço para tocar, não pode lotar que fica ruim, acaba com o bloco. É complicado, mas pra ser bom tem que dar uma despistada mesmo. No desenrolar da conversa, o amigo comenta sobre o tumulto do bloco de ontem - bloco oficial, durante o dia, com cantora pop em cima do trio e mais de um milhão de pessoas. Ele não dá muita corda para o assunto, só diz que não consegue entender por que as pessoas vão a esses megablocos, é furada na certa. Carnaval de verdade é carnaval pirata, que não precisa de apoio ou autorização da prefeitura, não tem patrocinador, não tem corda, não tem regra e nada disso. Carnaval é anarquia, tá ligado? O amigo só balança a cabeça levemente, nem concordando nem discordando, enquanto escreve uma mensagem para a namorada confirmando os boatos e explicando o caminho até aqui.

Quando a última pista da charada é lançada, o local já está lotado. Percorro a praça tentando encontrar um amigo, mas nenhuma referência é precisa o suficiente no meio de toda essa gente e decidimos deixar ao acaso. Minutos depois, de um canto da praça ouvimos os tambores esquentando - “calor no coração, a festa vai começar” (RODRIGUES, E. 1992). Os foliões que andavam de um lado para o outro comemoram e seguem em direção ao som. Mas antes mesmo do bloco começar a tocar de fato, um estrondo forte, bem diferente do som dos instrumentos, nos surpreende. Quem está mais próximo grita e corre, agora no sentido oposto, quem está mais afastado não entende nada. Uma nuvem branca de fumaça sobe e se espalha. Não corre! Não corre!, todos gritam. Mais um estrondo. Todos correm. Depois das duas bombas, um silêncio estranho se desdobra em crescente burburinho.

Uma da manhã no Centro da cidade, as pessoas não sabem o que fazer. Depois de alguns minutos de caos ficamos aqui, parados e confusos, tentando entender se o bloco vai sair ou não, tentando descobrir se há alguma alternativa para a madrugada. Um grupinho ou outro tenta

animar o momento puxando alguma música cadenciada por palmas e apitos, mas elas não duram muito. Vinte minutos se passam, e nada. Caminhamos lentamente, blocados e em silêncio, com os olhos vidrados nos aparelhos celulares, à espera de que a qualquer momento os músicos comecem a tocar. Até que o silêncio torna o aperto desconfortável demais, e no primeiro cruzamento tomamos outra direção. Olhamos no mapa, trocamos algumas mensagens e decidimos caminhar até a Cinelândia, a poucos metros daqui, onde não tem bloco mas tem bar. Quanto mais nos afastamos da concentração, mas vazias ficam as ruas.

Chegamos ao nosso destino, e o bar vazio de toldos, paredes e toalhas de mesa amarelas é o maior movimento que se tem por aqui. O espaço externo está cercado por grades, provavelmente para preservar seus limites em outros momentos do feriado, em que essas ruas se veem tomadas de foliões. Paramos do outro lado da rua e levamos um tempo avaliando a decisão. Entre a rua deserta e o conforto das mesas, entramos, meio a contragosto. O bar é um refúgio possível para a programação furada, mas o corpo em clima de bloco custa a se acomodar na cadeira. Alguns nem chegam a se sentar, chamam um carro pelo aplicativo e partem para uma festa fechada, depois de conseguirem retirar convites gratuitos na internet. É o que tem para hoje - dizem, despedindo-se com dois beijinhos nas bochechas de cada um -, mas vamos nos falando amanhã. Os que escolhem ficar juntam duas mesas, enchem os copos com as cervejas que o garçom traz de imediato, pedem um belo petiscão e passam por baixo da mesa, de mão em mão, um saquinho plástico cujo conteúdo pretendíamos consumir no meio da rua, ao som da bateria e do coro dos foliões. Por ora, nos contentamos com a diversão do gesto clandestino entre risinhos, olhares furtivos e movimentos discretos.

O que nos reúne aqui hoje se aproxima daquilo que movimentava esse mesmo bar a partir do fim dos anos setenta, momento em que o carnaval de rua passava por um esvaziamento expressivo: nos anos sessenta, os desfiles dos blocos mais tradicionais do subúrbio - como o Cacique de Ramos, o Boêmios do Irajá e o Bafo da Onça - são transferidos dos seus territórios de origem para o Centro da cidade, passando a compor o circuito oficial da Avenida Rio Branco - a grande artéria da civilização carioca, “o palco nobre da folia” (FERNANDES, 2019, p. 74). Ao mesmo tempo, as escolas de samba começam a ganhar visibilidade e despertar o interesse do poder público, vivendo um momento de ascensão e crescimento que não se dá sem um intenso processo de mercantilização, disciplinamento e domesticação. Na primeira metade dos anos oitenta, os desfiles passam da Avenida Presidente Vargas para o Sambódromo da Marquês

de Sapucaí - espaço projetado especialmente para sediar o grandioso espetáculo que as apresentações das agremiações vinham se tornando.

Nessa mesma época, se reuniam aqui jovens de classe média, militantes de esquerda, conectados pelo comum interesse por samba, praia, política e botequim - uma rede “sócio-afetiva-política-etílica-momesca” (MIRANDA, *apud* FERNANDES, 2019, p. 92) que impulsionou a chamada retomada do carnaval de rua do Rio de Janeiro⁵⁸. Na efervescência da luta pela redemocratização, “sem um projeto claro, nem de ocupação, nem de mobilização, mas tão somente um desejo de desfrutar da liberdade e da alegria, proporcionada pelo encontro e celebração na rua” (FERNANDES, 2019, p. 67), eles começam a criar novos blocos carnavalescos - como o Simpatia é quase amor, o Bloco dos Barbas e o Suvaco de Cristo -, inspirados nos antigos blocos de sujo que saíam em cortejo pela cidade de modo espontâneo e anárquico.

Hoje, nos reunimos aqui porque a rua está vazia demais e nosso bloco foi impedido de sair. Formalmente, não vivemos sob uma ditadura, mas tampouco se trata de democracia o regime atual. Se àquela época os olhos brilhavam com a ideia de redemocratização, hoje eles se reviram em um misto de raiva, frustração e descrença. Hoje nos reunimos aqui porque lançaram bombas de efeito moral onde estávamos e desejávamos estar sem ter de pedir permissão - um recado explícito de que não poderíamos, de que não podemos. “Está proibido o carnaval” (MERCURY; VELOSO, 2019), as bombas alertam. Assim como Sérgio Sampaio cantava em 1973, só queríamos nosso bloco na rua (SAMPAIO, 1973). Mas tal qual nos tempos de lá, a rua não tem sido espaço fácil de se ocupar - e será que algum dia foi? Em contrapartida, tal qual nos tempos de lá, vamos tentando inventar modos de não entristecer.

Assim que se esvaziam, novas garrafas chegam à mesa. Os copos se enchem sem parar enquanto a conversa gira em torno do acontecimento que nos trouxe até aqui. A história vai se montando e remontando a partir das narrativas de cada um - um que estava do lado da bomba conta para a outra que não entendeu nada na hora, que conta do clima para quem estava ainda a caminho e veio direto para cá, que lê em voz alta a nota que o bloco acaba de lançar nas redes

⁵⁸Ainda que se fale em esvaziamento e retomada das ruas, é importante marcar que elas nunca estiveram completamente vazias. Ainda que em menor expressividade, blocos de sujo e manifestações de grupos de amigos, familiares e até mesmo foliões avulsos seguiam existindo para além dos circuitos e formatos oficiais da festa, sobretudo na Zona Norte da cidade.

sociais, dizendo que segue estudando possibilidades de realizar o desfile ainda hoje. Custamos a nos conformar com o fato de aparentemente não haver nenhum outro bloco acontecendo agora. Então é isso? O bispo venceu?, um de nós lamenta, desolado. Outra recorda que ontem, sobre o palco montado aqui nesta praça, um homem fazia um agradecimento especial ao prefeito, ao governador e ao presidente, por viabilizarem a organização da folia. Ela conta que alguns - muitos deles chegando no bloco comunista que começava a se concentrar na rua ao lado -, vaiavam, mas tinha muita gente aplaudindo. E como pode?, pergunta, indignada. Mas foi nesse mesmo dia que um grupo grande de foliões desceu na estação de metrô mais próxima daqui cantando que iriam ‘matar viado no terreiro’, outra lembra: antes fosse o prefeito, o governador ou o presidente. O jogo é muito mais complexo do que parece, e há quem diga que “o fascismo é tanto mais perigoso por seus microfascismos” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 85), do que em seu nível molar... Com a profundidade que cabe a uma conversa de botequim em plena madrugada, lamentamos e discorremos sobre esta estranha cidade extremamente foliã e terrivelmente evangélica, enquanto um e outro insistem para que deixemos o papo sério para outra hora.

Uma gargalhada estridente corta o silêncio reinante lá fora. Pelos vãos da grade de ferro vemos um grupo de jovens passar pela praça deserta, rindo, brincando e provocando uns aos outros. Uma menina, vestida com um tutu de balé rosa, dá saltos e piruetas desengonçadas em frente à escadaria da Câmara Municipal, enquanto um Mário Bros sem bigode cantarola uma música clássica. Outra filma a performance pelo celular, fazendo incentivos e elogios irônicos. Ela sobe alguns degraus, gira com os braços arqueados no alto da cabeça e se curva em direção aos demais, que aplaudem e assobiam. A transição do clássico ao funk é tão repentina quanto o pulo que ela dá de volta ao chão, que faz a saia se levantar e assentar lentamente de novo. Agora não é só a bailarina que dança.

Três garrafinhas plásticas de uma bebida destilada saborizada circulam em rodízio de mão em mão. Uma delas é de um alaranjado translúcido, a outra vermelha e a terceira é de um azul royal, quase neon. Quem tem coragem de beber isso? - alguém da mesa pergunta, contorcendo o rosto em uma careta, e então me dou conta de que todos pararam para observar a passagem espalhafatosa daqueles oito ou nove jovens, quase adolescentes, que não aparentam ter mais do que vinte anos. Dá gosto de ver a leveza irreverente com a qual percorrem essas ruas desertas no meio da madrugada. Dá um pouco de medo também - não à toa estamos aqui,

sentados na mesa de um bar bem iluminado, cercado por grades, ainda que a contragosto. Mas eles seguem, cantando, andando, dançando. Parecendo não se preocupar “com o mundo à sua volta, continuam vivendo, preenchendo a noite com seus gritos” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 19), gargalhadas, danças e brincadeiras; com sua “alegria inocente e poderosa que aparece como uma alternativa aos tempos muito sombrios ou muito iluminados do fascismo triunfante” (DIDI-HUBERMAN, 2011, pp. 19,20). E vão aos poucos sumindo na escuridão da rua que contorna o outro extremo da praça, restando visíveis apenas as pequenas luzes de LED que um deles carrega enroladas no corpo, piscando sem parar, cada vez mais distantes, feito vagalumes dançando cidade adentro.

No meio da madrugada recebemos a notícia de que o bloco está renascendo próximo daqui. Nem pedimos saideira, pagamos a conta e saímos incrédulos e bem mais embriagados do que quando entramos. Atravessamos as ruas desertas a passos largos e olhos atentos, sem deixar ninguém muito para a frente ou muito para trás. Quanto mais nos aproximamos, maior o movimento das ruas, e toda a expectativa que já havia quase se esvaído retorna. De longe, começamos a ouvir a música amplificada pelos arranha-céus espelhados, como se fossem grandes paredões de som. Frio na barriga e agitação. Guiados pelo barulho, dobramos à esquerda e encontramos uma multidão - não mais a mesma de antes, mas uma multidão. E então sorrimos e celebramos: podem ter proibido nosso carnaval, mas não conseguiram dispersar em nós a coragem de desejar mundos outros.

ME ENTERRA NA QUARTA

Enquanto acontecia, essa alegria estava já sendo recordada pela memória e sonhada pelo sonho. Ela não terminaria nunca, e nós tampouco, porque somos todos mortais até o primeiro beijo e o segundo copo, e qualquer um sabe disso, por menos que saiba.

(Eduardo Galeano, O Livro dos Abraços)

Sob os primeiros raios da manhã, deixamos o contorno das ruas asfaltadas para tomar os gramados extensos do Aterro do Flamengo. Só então me dou conta dos tantos quilômetros percorridos desde que ainda era noite. O bloco já está menor, mas o espaço amplo não nos faz dispersar. Quanto mais gente parte, mais parecem se aproximar os que ficam. Quanto mais o tempo passa, menor é a vontade de ir para casa. Mas o que sinto agora não é a fissura de ter que consumir cada segundo de carnaval, apenas um desejo leve e ao mesmo tempo intenso de permanecer aqui, imersa nesse agitado mar de gente. De ontem para hoje a chuva caiu, passou, voltou, passou de novo e agora um sol tímido aquece as fantasias úmidas de quem não se deixou intimidar e seguiu na festa, entregue ao banho. Algumas fantasias se desmancharam ou foram deixadas para trás. Alguns adereços são segurados nas mãos, foram reposicionados em busca de maior conforto ou passeiam pelo corpo de outros foliões. Algumas miudezas que fui encontrando pelo chão - as que não haviam sido pisoteadas ou afundadas em alguma poça d'água -, passaram a compor a bricolagem de uma fantasia agora sem nome.

Não demora muito para alguns pingos voltarem a cair - e também, queiramos ou não, quanto mais o tempo passa, mais cansado e menos resistente o corpo fica - não importa quantas doses e substâncias sejam consumidas, com maior ou menor prudência. Conduzidos pela banda, seguimos em uma marcha acelerada até o pilotis do MAM - Museu de Arte Moderna do Rio, onde nos protegemos da chuva. Aqui embaixo, a temperatura sobe e o som se amplifica: “meu amor, olha só hoje o sol não apareceu” (TOZZI; BIGAZZI, 1997) - os pelos do braço se arrepiam, não sei se pela marcação dos tambores, pelo coro sincronizado, pelas gotas da chuva fria sobre o corpo quente, a imagem viva do bloco, a amplitude do mar ao fundo, ou tudo isso ao mesmo tempo.

Corro para abraçar um amigo que esteve comigo no primeiro bloco de ontem, e comemoramos o reencontro inesperado. Algumas pessoas escalam as colunas para observar a

festa lá do alto. Encostados em uma delas, um casal não sabe se ri ou se beija. Uma mulher de maiô dourado e um arco de sol na cabeça sobe nos ombros de um marinheiro, que se concentra para manter o equilíbrio em meio à multidão. Uma mulher com fitas pendentes pelo braço não foge da chuva e rodopia pelos gramados do aterro. Um pequeno grupo atrás de mim se declara uns para os outros, fazendo promessas e planos coletivos mirabolantes. Mas a grande maioria se concentra no centro dos pilotis, se abraça e pula, enquanto canta “o fim da aventura humana na terra” (EVA, 1982). A festa ganha um novo, talvez último gás, e feito a chuva que pinga suave ali fora, os olhos levemente caídos transbordam. Enquanto cantamos o apocalipse mais alegre que se poderia imaginar, “a percussão dos tambores vira pulso de todo corpo” (PASSOS, MIZOGUCHI, 2020b, p. 64), e então tudo vibra: a pele, os tímpanos, o chão, as colunas de concreto do museu.

A memória viaja até a cena do show de Daniela Mercury no MASP em 1992, sua primeira apresentação em São Paulo, pelo som do meio-dia - projeto que consistia em pequeno palco para entreter os trabalhadores da região no horário de almoço. Em poucos minutos, o espaço está lotado, a Avenida Paulista parada, as pessoas descendo dos ônibus presos no engarrafamento, gente chegando de todos lados - um “fenômeno multitudinário de alegria pública contagiante” (PASSOS; MIZOGUCHI, 2020b, p. 67), a súbita eclosão de uma festa tão intensa que faz tremer os quadros no interior do museu. Em quarenta minutos, o show é interrompido porque temem que o prédio desabe (AXÉ..., 2016). Não somos vinte mil pessoas, Daniela Mercury não veio cantar no nosso bloco, este não é o maior vão livre da América Latina, tampouco se trata de uma festa imprevisível que irrompe no meio de um dia qualquer de expediente. Mas se lá em 1992 um despretenso palco para distrair os trabalhadores contagiou toda uma multidão e parou uma das avenidas mais importantes de São Paulo - a cidade que nunca para -, aqui, em um pequeno bloco na Zona Sul do Rio de Janeiro, em uma manhã de quarta-feira de cinzas, o tempo parece entrar em suspenso.

Apesar do tempo chuvoso, a vida pulsa em um colorido inebriante e “não há tristeza que possa suportar tanta alegria”⁵⁹. Todos pulando, se abraçando, cantando com os olhos fechados, sorrisos largos e braços para o alto, quase em câmera lenta. O encontro de corpos diversos, o calor, o suor, o toque, a troca de olhares e saliva. A mistura das vozes e instrumentos, a confusão das cores, o riso frouxo, a pele arrepiada, o coração acelerado. A sensação do corpo presente,

⁵⁹ A frase que se tornou título do enredo da Unidos da Viradouro para o desfile do carnaval de 2021 é o verso de uma marchinha cantada no carnaval de 1919, o primeiro carnaval após a epidemia da gripe-espanhola, considerado o maior carnaval de todos os tempos: <http://unidosdoviradouro.com.br/carnaval-2021/>.

desperto. “A existência palpável da vida” (ANDRADE, 1990, p. 48), na qual já não há avanço ou retrocesso, progresso ou regresso, passado ou porvir. O que há é esse plano imanente, sobre o qual experimentamos um comum e dançamos nossas dores e alegrias. Um intenso agora (NO..., 2017), paradoxal e insolúvel, que não nos apresenta saídas, mas “interrompe a política do tempo enredada aos interesses dos vencedores” (FERREIRA, 2012, p. 164) e nos indica modos de permanecer - e desordenar o jogo, modificar o espaço, caducar a moral, encantar o mundo (SIMAS, 2019a), adiar o fim (EUGENIO, 2019; KRENAK, 2019).

E até “poderíamos dizer ‘mas elas não duram’ e afundar em um sentimento de futilidade; mas esse sentimento de perda é rebatido pela antecipação do que pode estar por vir: ‘Elas podem acontecer a qualquer momento’” (BUTLER, 2018, p. 26); elas podem estar acontecendo espalhadas por tantos outros cantos da cidade neste exato instante; elas voltarão a acontecer, onde e quando menos esperarmos. Porque o que interessa, ao fim das contas, mais do que encontrar uma solução ou uma saída definitiva, é “dar corpo a uma experiência [...] que não dura, mas que permite entrever uma alternativa. A gente se dá conta de alguma coisa, e num piscar de olhos essa coisa se apaga. Mas é o que basta para provar que essa coisa pode existir” (NO... , 2017).

E quando chegamos ao limite - ao último gole, à última dança, ao último beijo, encaramos o abismo que nos espreita com mais coragem do que antes. Uma coragem meio tonta, talvez um tanto romântica. Talvez otimistas demais, ou só exaustos de termos de ser pessimistas há tanto tempo. Quando a memória fica turva e as imagens trêmulas, vislumbramos em meio à multidão alguma força que insiste em nos vincular. Algo em nós teima em não querer voltar para casa. Algo em nós insiste na rua, algo em nós insiste na alegria, algo em nós insiste no carnaval. Algo em nós insiste em nós, e contra os fascismos que nos rondam e a eterna iminência do fim do mundo, nos dá “a força pra viver pelo espaço de um instante” (EVA, 1982). E então vivemos.

5 SIDERAÇÕES FINAIS (OU POR UMA ÉTICA DA CARNAVALIZAÇÃO)

O carnaval é perigoso [...] O corpo carnavalizado, sambado, disfarçado, revelado, suado, sapateado, sincopado, dono de si, é aquele que escapa, subindo no salto da passista, ao confinamento da existência como projeto de desencanto e mera espera da morte certa. O carnaval é o duelo entre o corpo e a morte.

(Luiz Antonio Simas, O corpo encantado das ruas)

Enquanto os inimigos do fim - ou amigos do infinito - seguem neste e em outros blocos que correm por aí, nos despedimos de quem fica e decidimos partir, antes de virar trapo (DELEUZE; PARNET, 1994). Ao fim da manhã, a paisagem da cidade já é outra. Os confetes, fitas, retalhos de fantasias, latas, garrafas, ventarolas, adesivos, camisinhas, cigarros e todo o lixo produzido já foram varridos pelos garis antes mesmo do sol despontar. Os caminhões com jatos d'água já lavaram aquele cheiro de fim de festa - um misto de suor, cerveja, chuva e urina. Depois de todos esses dias, a pochete está encardida e a costura da alça por um fio. O zíper quase não fecha, tantos novos objetos, ferramentas e pistas fizemos nela caber. Tantos outros foram ficando pelo caminho - usados, perdidos, jogados fora, repassados adiante, divididos com alguém, guardados em casa. Não se pode pretender carregar tudo. O bilhete com a frase do filósofo francês não resistiu à chuva e ao tempo e se desmanchou em minúsculos pedacinhos que grudaram no tecido do forro, mas suas palavras já foram inscritas no corpo e na cidade.

A agitação vai diminuindo após horas sem fim de dança. Fora da multidão, o vento passa provocando pequenos espasmos. O corpo vibra em um estranho descompasso, mas os pés moídos e enrugados ainda conseguem dar piruetas no ar para escapar de uma poça ou outra, escalar um andaime que surge no meio do caminho, acompanhar o ritmo de uma canção cantarolada, desviar de possíveis esbarrões de passantes impacientes. Os movimentos ficam cada vez mais tímidos na medida em que alguns olhares fazem questão de constranger e deixar claro que o carnaval acabou: não são mais bem-vindos o corpo exposto, o andar embriagado, as conversas e gargalhadas em volume alto, a deambulação sem rumo, o desatino irreverente. Poderíamos dizer que, depois de revirada ao avesso, a cidade está pronta para retornar à normalidade: as pessoas guardaram suas fantasias e seguem cansadas e apressadas para o

trabalho, as ruas estão novamente tomadas por carros vazios e ônibus lotados, a máquina capitalística a todo vapor, a desconfiança e hostilidade diante do que é estranho e estrangeiro de volta à ordem do dia. Mas não é bem como se estas forças tivessem se ausentado durante o carnaval, feito um evento paralelo à vida, desconectado da realidade e dos atravessamentos do presente. Se ele é, como afirma Mikhail Bakhtin (2013), a festa da inversão social, da satirização pelo riso e da celebração do corpo grotesco, o que podemos perceber e experimentar ao longo desses dias é que tudo aquilo que chamamos de carnaval pode também servir à reiteração do mesmo, à manutenção dos jogos de poder hegemônicos e aos interesses do capital.

Se em um primeiro momento as disputas do presente parecem se dar contra um Estado fascista e suicidário, que nos conduz ao abismo com sua política de morte enquanto assistimos passivos, afundados no medo, na culpa e na sensação de impotência, nos aproximamos do carnaval vendo nele um modo de reexistir - ocupar a rua quando a querem vazia e ordenada, festejar o encontro entre corpos quando nos querem fechados em nossas formas individualizantes, gargalhar quando nos querem tristes e temerosos, seguir afirmando a vida quando nos querem mortos e desejosos da morte. No entanto, ao adentrar nas intensas tramas do carnaval que desejamos afirmar antifascista, nos deparamos também no carnaval com forças racistas, misóginas, capacitistas, conservadoras, colonizadoras, elitizadas, entristecidas, medrosas, ressentidas. A normatividade pintada como diferença; a lógica privada operando no espaço público; o singular distorcido em individual; a ideia de liberdade sustentada por enredos fascistas; modos de ocupar a rua que se confundem com “ciclos infinitos e insaciáveis de saque-consumo-descarte” (EUGENIO, 2019, p. 34); linhas de fuga que se convertem em linhas de abolição; modos de embranquecimento que apagam e esvaziam politicamente memórias de resistência; uma romantização da alegria que apazigua a disputa e nos afasta do gesto de problematização de nós mesmos.

No encontro com a cidade em festa, o jogo se complexifica: a disputa não se dá apenas contra o Estado e aqueles que governam contra nossa existência, mas com e contra “todas as formas de fascismo, desde aquelas, colossais, que nos rodeiam e nos esmagam até aquelas formas pequenas que fazem a amena tirania de nossas vidas cotidianas” (FOUCAULT, 2010b). Tão logo chegamos às ruas, o carnaval desarma qualquer busca ingênua por salvação e nos força a ir além. Nem final feliz, nem fim do mundo (ROLNIK, 2002). Mais do que aplacar nossas angústias em uma grande e momentânea experiência de catarse e liberação, ou nos apontar a direção certa para uma efetiva reexistência, ele tem “um poder muito forte de expressar certas dimensões do tempo e das relações sociais” (CUNHA, 2001, p. 16), de desnudar e multiplicar as tensões e os embates do presente, expondo “suas feridas abertas sem nenhum

disfarce possível atrás das máscaras costumeiras” (CUNHA, 2001, pp. 84). Não há saída, não porque o carnaval falhou ou foi desvirtuado de sua potência subversiva, mas porque estas forças e feridas estão em nós.

“Ver o fascista que nós mesmos somos, que entretemos e nutrimos, que estimamos com moléculas pessoais e coletivas” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 102) é muito mais desafiador que apontá-lo no Estado, nos grandes agentes do poder, no presidente, em seus apoiadores, no outro tão diferente e distante de mim. Mas, uma vez expostas as feridas, se não nos fechamos na culpa, na má consciência, no ressentimento, na fuga e na negação, podemos encará-las, habitá-las e fazer algo delas - de nós. Porque não há só o domínio das paixões tristes e as armadilhas fascistas e neoliberais. Ainda persistem forças ético-estético-políticas que nos interessam. Ainda há a incessante construção de novas existências, o desejo que aponta para uma rota desviante, singularidades insurgentes, bons encontros, potencialidades que fervilham pelos becos e avenidas, lampejos “eróticos, alegres e inventivos” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 20), que nos permitem entrever e conspirar mundos outros. Na festa a céu aberto, infinitos cruzamentos e sobreposições de intensidades, afetos e possibilidades - que não são, em si mesmas, nem boas nem ruins. Tudo depende do que faremos, e “há mil coisas a se fazer, a se inventar, a se forjar, por parte daqueles que, reconhecendo as relações de poder nas quais estão implicados, decidiram resistir a elas ou delas escapar” (FOUCAULT, 2010a, p. 344).

O que faremos, então, com nosso carnaval? Como e por onde fazer o desejo “desdobrar suas forças na esfera do político e se intensificar no processo de reversão da ordem estabelecida” (FOUCAULT, 2010b), ao invés de ser capturado pelas forças conservadoras e totalizantes de repetição do mesmo? As respostas a essa pergunta podem nos conduzir - como muitas vezes conduzem - a um falso problema: o de perseguir e defender o verdadeiro carnaval, aquele que é antifascista em sua mais pura essência, a forma ideal dentre as tantas nas quais ele se manifesta - a qual nos bastaria reconhecer e reproduzir. Mas talvez seja mais interessante afirmar sua potência justamente naquilo que escapa às formas e às tentativas de formatação: o carnaval como aquilo que não é, que não há. Só o que há é carnavalização. Só o que há são práticas e forças que se engendram, se fortalecem, se agenciam. “Se só as práticas existem, nada é necessário: tudo poderia ter sido de outro modo, assim como tudo poderá vir a ser diferente” (RODRIGUES, 2015, p. 23). Na passagem do substantivo ao verbo, da forma à força, pouco interessa, de saída, se é pelo bloco tradicional ou pirata, oficial ou não-oficial, de determinado ritmo, determinadas brincadeiras e fantasias, determinada estética, época, horário, localidade.

Tampouco se trata de um espontaneísmo qualquer - o desejo pelo desejo, o encontro pelo encontro, a rua pela rua. Nada é necessário, mas “tudo é perigoso. Se tudo é perigoso, então

sempre temos algo a fazer” (FOUCAULT, 1999, p. 299). Se tudo é perigoso, façamos o carnaval antifascista passar com mais força do que os fascismos. Forjemos, ao invés de multidões bloqueadas, que bloqueiam os fluxos e intensidades e fecham-se em si mesmas, múltiplos blocos de devir, contrações não-totalizantes, inconclusas, instáveis e essencialmente móveis (DELEUZE; GUATTARI, 1997). Encontros improváveis e experiências coletivas em que não se busca afirmar “uma única vontade idêntica, nem uma vontade unitária, mas uma que se caracteriza como uma aliança de corpos distintos e adjacentes” (BUTLER, 2019, p. 84), uma aliança alegre, antifascista e carnavalesca que nos permite reverter “o sinal do contágio de negativo para positivo: da epidemiologia necropolítica a uma nova erótica do contágio” (MIZOGUCHI; PASSOS, 2020, p. 12). Contágio desejante - pelo simples desejo de desejar outra coisa que não nós mesmos. Desejar desejar o outro, no mundo e em nós. O desejo agenciado por uma alegria antropofágica na qual só me interessa o que não é meu.

Eis o que interessa, então, no carnaval: tomá-lo enquanto meio de agenciamento desse desejo, dessa alegria - inclusive e sobretudo quando parece não haver condições para nos alegrarmos. Alegria não como sentimento íntimo e individual, mero resultado da vivência das “expressões lúdicas de uma inversão da ordem ou como uma efervescência ‘dionisiaca’” (SODRÉ, 2017, p. 99), mas uma afirmação ética, uma aposta de mundo “paradoxalmente séria” (SODRÉ, 2017, p. 98) que se tece a partir de um inconcluso trabalho de si, sobre si, fora de si e no encontro com o outro. Não como um estado de felicidade e euforia que supostamente dissolve as diferenças e apazigua as tensões, mas como força política de ampliação e efetuação de potências que pode se manifestar quando ocupamos a cidade com nossos corpos em festa. “Potências que, uma vez liberadas, dificilmente retornam à dormência sem deixar marcas no cotidiano” (VIVEIROS DE CASTRO, 2019, p. 11) - e então, quando o carnaval chega ao fim, não há volta a lugar algum, porque nunca abandonamos a disputa.

Com Mário Benedetti, a alegria como uma trincheira. Com Guerra Junqueiro, a alegria como uma alavanca. Com Oswald de Andrade, a alegria como a prova dos nove. Com Ailton Krenak, alegria de estarmos vivos. Com Caetano Veloso, alegria, alegria! Com dez ou dez mil foliões, a alegria para carnavalizar a vida. Uma alegria política, antropofágica e trágica - aliada não a um otimismo ingênuo ou à esperança de salvação, mas a um hiperativismo pessimista (FOUCAULT, 2010a), que nos alerta que “estamos todos em perigo” (PASOLINI, 2019, p. 8) e nos indica que há sempre algo a fazer. E o que nos interessa fazer, que firmamos aqui enquanto direção ético-estético-política para seguir disputando o presente, é tão somente carnavalizar a vida – encontrar, diferir, lutar, dançar, amar, alegrar: fantasiar outros mundos possíveis e impossíveis, com a coragem irreverente de uma cidade em festa.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, C. N. **O perigo de uma histórica única**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALEKSIÉVITCH, S. **A Guerra Não Tem Rosto de Mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- AMADO, L. 2019. Itinerários ficcionais e luta antimanicomial nas ruas do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.
- ANDRADE, O. Manifesto Antropófago [1928]. Em: **A Utopia Antropofágica**, Obras Completas de Oswald de Andrade. São Paulo: Globo, 1990.
- ARUZZA, C.; BHATTACHARYA, T.; FRASER, N. **Feminismo para os 99%**: um manifesto. São Paulo: Boitempo, 2019.
- BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: contexto de François Rabellais. 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 2013.
- BAUDELAIRE, C. Embriaguem-se. Em: **O Spleen de Paris**: pequenos poemas em prosa. Trad. de Leda Tenório da Motta. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. São Paulo: Nova Fronteira, 1980
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- BENJAMIN, W. **Imagens de pensamento**: sobre o haxixe e outras drogas. 1a ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- BRANDAO, D. I. C.; RODRIGUES, L.; AMADO, L. M.; FERNANDES, A.; VAZ, J. P. C.; SILVA, M. A.; OLIVEIRA, T. S.; MIZOGUCHI, D. H. Eu não quero que o ódio seja o melhor de mim: lutar contra os microfascismos e afirmar a diferença que está no mundo - Entrevista com Cecília Coimbra. **Mnemosine**, v. 15. Rio de Janeiro, 2019. p. 405-436.
- BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembléia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018
- CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003.
- CASTANEDA, C. **Viagem a Ixtlan**. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- CASTANEDA, C. **A erva do Diabo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1968.
- CASTRO, R. O carnaval da guerra e da gripe. Prólogo. Em: **Metrópole à beira-mar**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.
- CASTRO, M. B. Dos 7.000 componentes eu sou 1: Carlos Vergara e a ditadura militar; tempos sombrios e o carnaval como espaço de criação na arte contemporânea. **Arte & Ensaios/Revista do PPGAV/EBA/UFRJ**, n. 35, pp. 126-135, 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/12869/11440>>

CLARK, L; GULLAR, F; PEDROSA, M. Lygia Clark. Rio de Janeiro: Funarte, 1980.

COELHO, F. O Brasil como frustração. **Revista Serrote**, Vol. 31. São Paulo, mar. 2019.

COIMBRA, C. M. B. Pacificação e Reconciliação Nacional: da Lei da Anistia à Comissão Nacional da Verdade. In: SOUZA, B. A; SILVA, A. M. D; Moraes, L. E. S; CHIRIO, M. (Orgs.) **Pacificar o Brasil**: das guerras justas às UPPs. 1a ed. São Paulo: Alameda, 2017. pp. 323-338. Disponível em: <<https://www.torturanuncamais-rj.org.br/artigo/pacificacao-e-reconciliacao-nacional-da-lei-da-anistia-a-comissao-nacional-da-verdade/>>

COLE, T. **Cidade Aberta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). Referências Técnicas para a Atuação de Psicólogos/os em Políticas Públicas de Álcool e Outras Drogas. Edição revisitada. Brasília: CFP, 2019.

COUTO, C. S. R. Uma caça aos corpos rebeldes: Federici e Foucault entre bruxas. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2019.

CUNHA, M. C. P. **Ecos da folia**: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

DELEUZE, G.; PARNET, C. O Abecedário de Gilles Deleuze. [Transcrição integral, para fins exclusivamente didáticos. 1988 (Vídeo), 1994 (transcrição). Mimeografado]. Disponível em: <<http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-o-abecedario.pdf>>.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. Introdução: Rizoma. Em: **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. Micropolítica e segmentaridade. Em: **Mil platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

DIDI-HUBERMAN, G. **Sobrevivência dos vagalumes**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

ESPINOSA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

EUGENIO, F. Por uma política do co(m)passionamento. Em: **Caixa-livro And**: Articulações. Rio de Janeiro: Fada Inflada, 2019.

_____. O encontro é uma ferida. Em: **Caixa-livro And**: Articulações. Rio de Janeiro: Fada Inflada, 2019.

FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019.

FERNANDES, R. **Meu Bloco Na rua**: a retomada do carnaval de rua do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

FERREIRA, M. S. Walter Benjamin e a cidade. Em: **Por que a cidade?** Escritos sobre experiência e subjetividade. BAPTISTA, L. A.; FERREIRA, M. S. Niterói: Editora da UFF, 2012.

FOUCAULT, M; DELEUZE, G. Os intelectuais e o poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017. pp. 129-142

FOUCAULT, M. Conversa com Michel Foucault. Em: FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos**, vol VI: Repensar a política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

_____. Prefácio - O Anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista (1977). Em: FOUCAULT, M. **Ditos e escritos**, vol VI: Repensar a Política. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2010b.

_____. **Em Defesa da Sociedade**. 1ª ed. 6ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. Política da Verdade: Paul Rabinow entrevista Michel Foucault. Em: RABINOW, P. **Antropologia da Razão**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

FOUCAULT, M.; VOELTZEL, T. O anti-cu. **Ecopolítica**, n. 22, pp. 66-77. São Paulo, 2018.

FRYDBERG, M. B. Novos agentes e novas configurações do carnaval de rua da cidade do Rio de Janeiro. Em: **Ponto Urbe**, nº 20. São Paulo, jun. 2017, Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/3479>>

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, n. 5, pp. 7-41. Campinas, 1995.

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX Em: **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano/ Org. e Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HOFMANN, A. **LSD**: Minha Criança-Problema, 1979.

INVISÍVEL, C. **Aos nossos amigos**: crise e Insurreição. São Paulo: n-1 edições, 2016.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre a experiência. Belo Horizonte: Autêntica; 2015

LOURAU, R. Objeto e método da Análise Institucional. Em: ALTOÉ, S. (Org.). **René Lourau**: analista institucional em tempo integral. São Paulo: Hucitec, 2004; pp. 66-86.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. 3ª ed. São Paulo: n-1 edições, 2018a.

MBEMBE, A. Outras fitas: Descolonização, necropolítica e o futuro do mundo com Achille Mbembe. **A Fita**, 30 de outubro de 2019a. Disponível em: <<http://afita.com.br/outras-fitas-descolonizacao-necropolitica-e-o-futuro-do-mundo-com-achille-mbembe/>>. Acesso em: 19 dez 2020.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. 3ª ed. São Paulo: n-1 edições, 2019b.

MIZOGUCHI, D. H. **Amizades contemporâneas**: inconclusas modulações de nós. Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRGS; 2016.

MIZOGUCHI, D. H; PASSOS, E. Epidemiologia política. N-1 edições, 2020. Disponível em: <<https://www.n-1edicoes.org/textos/48>>. Acesso em: 6 abr 2020.

_____. Axé: imanência, potência e a alegria. **Revista Landa**. Alegria, alegria: ainda a prova dos nove? v. 9, n. 1. Santa Catarina, 2020. pp. 59-70. Disponível em: <<https://revistalanda.ufsc.br/vol-9-n1-2020/>>. Acesso em: 13/01/2021.

NALATA com WILSON WITZEL (Governador do Estado do RJ). Antonia Fontenelle. Youtube. 5 ago 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9DrsvVfn94A>>. Acesso em: 13 ago 2019.

PASOLINI, P. P. Estamos todos em perigo: última entrevista de Pier Paolo Pasolini com Furio Colombo, Trad. Bernardo RB. **Cadernos de leitura Chão da Feira**, n. 86, 2019.

PASSOS, E; BENEVIDES, R. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Orgs.). *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-Intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PASSOS, E. Psicologia, pesquisa cartográfica e transversalidade. **Polis e Psique**. Número especial: 20 anos do PPGPSI/UFRGS. Porto Alegre, 2019. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/98377/pdf>>. Acesso em: 12 mai 2020

PELBART, P. P. Fragmentos de um pesadelo em curso. Em: PELBART, P. P. **Ensaio do assombro**. São Paulo: n-1 edições, 2019.

PELBART, P. P. Cidade, lugar do possível. Em: **A Vertigem por um Fio: Políticas da Subjetividade Contemporânea**. São Paulo: Iluminuras/FAPESP, 2000.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Lição de casa. Em: BARTHES, Roland. **Aula**. 14. ed. São Paulo: Cultrix, s.d., pp. 22-47. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/160637/mod_resource/content/1/BARTHES Roland - Aula.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/160637/mod_resource/content/1/BARTHES_Roland_-_Aula.pdf)>

RODRIGUES, S. E. Modulações de sentidos na experiência psicotrópica. 2014. 253f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2014.

RODRIGUES, H.B.C. Caixa de ferramentas para uma atitude histórico-crítica na pesquisa-intervenção. **Polis e Psique**, v. 5, n. 2. Porto Alegre, 2015; pp. 6 - 31. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/53288>>.

ROLNIK, S. Subjetividade antropofágica. In: MACHADO, L. D; LAVRADOR, M. C. C; BARROS, M. E. B. (Orgs.). **Texturas da psicologia: subjetividade e política no contemporâneo** (pp. 11-28). São Paulo: Casa do Psicólogo. 2002.

_____. **Esferas da Insurreição**. Notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SAADA, J. F. Ser afetado. *Cad. Campo*, n.13, p.155-61, 2005.

SAFATLE, V. Bem-vindo ao Estado suicidário. N-1 edições, 2020. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/004>>. Acesso em 28 mar 2020.

SIMAS, L. A. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019a.

_____. Somos madeira de lei que cupim não rói. In: Mais carnaval menos ódio: Relatório da comissão especial com a finalidade de analisar a relação e as responsabilidades entre o poder público municipal e o carnaval. Rio de Janeiro: Gráfica da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<https://tarcisiomotta.com.br/wp-content/uploads/2018/12/Relatorio-WEB.pdf>>. Acesso em: 1 mai 2019.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.

SOUZA, A. M. P. **Modulações militantes por uma vida não fascista**. Reimpressão. Porto Alegre: Criação Humana, 2019.

SOUZA, R. A festa é nossa, o corpo é meu! Mídia Ninja. 2020. Disponível em: <<https://midianinja.org/renatasouza/a-festa-e-nossa-o-corpo-e-meu/>> Acesso em: 16 nov 2020

TRUTH, S. **Eu não sou uma mulher?** E outros discursos. Jaqueline Gomes de Jesus (Org.). Belo Horizonte: Nandyala, 2019.

VELOSO, C. **Verdade tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997a.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Os involuntários da pátria. Série PANDEMIA. São Paulo: Edições n-1, 2016.

_____. Brasil, o país do futuro do pretérito. Série PANDEMIA. São Paulo: Edições n-1, 2019.

DISCOGRAFIA

BELCHIOR, Como nossos pais. Em: Alucinação. Rio de Janeiro: Phonogram/Philips, 1976

BUARQUE, C. Quando o carnaval chegar. Em: Quando o carnaval chegar: Trilha Sonora do Filme. Philips, 1972

DE QUINTAL, F. Caciqueando. Em: Nos pagodes da vida. 1983

DIDI; MESTRINHO. Samba Enredo G.R.E.S União da Ilha do Governador. Rio de Janeiro, 1982

DOMÊNICO, D; MIRANDA, T; MAMA; BOLA, M; OLIVEIRA, R; DA CUICA, M; FIRMINO, D. História para ninar gente grande. Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Rio de Janeiro, 2019.

GERÔNIMO. Lambada da delícia. Em: Dandá, 1987

GIL, G. Doce de Carnaval (Candy All). Em: Quanta gente veio ver. 1998.

_____. Realce. Em: Realce. 1979.

GOMES, P. Eu também quero beijar. Em: Calor Humano. 1981.

MERCURY, D.; VELOSO, C. Proibido o Carnaval. 2019.

NOVAES, L. Puro disfarce. Em: Letrux em noite de climão, 2017

RODRIGUES, E. Baianidade Nagô. Em: Banda Mel. Salvador, 1992.

SAMPAIO, S. Eu Quero É Botar meu Bloco na Rua. Em: Eu Quero É Botar meu Bloco na Rua, 1973.

SARGENTO, N. Agoniza mas não morre. 1979

VELOSO, C. Um frevo novo. Em: Muitos Carnavais. 1977

_____. Miragem de Carnaval. Em: Tieta do Agreste. 1997b.

_____. Tropicália. Em: Caetano Veloso, 1968.

VELOSO, C.; GIL, G. Haiti. Em: Tropicália 2, 1993.

_____. Divino Maravilhoso. Em: Gal Costa. 1968.

VIOLA, P. Sinal Fechado. Em: Foi um rio que passou em minha vida. Rio de Janeiro: EMI Music Brasil, 1970.

TOZZI, U.; BIGAZZI, G. Eva. Em: Banda Eva ao vivo. 1997.

FILMOGRAFIA

COSTA, P. Democracia em Vertigem. Brasil, 2019.

KERTÉSZ, C. Axé: canto de um povo de um lugar. Brasil, 2016.

MACHADO, M. Tropicália. Brasil, 2012.

ROSSELLINI, R. Roma, cidade aberta. Itália, 1945.

SALLES, J. M. No intenso agora. Brasil, 2017.